

**Fundação Casa de Rui Barbosa**  
Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos  
Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Marta Bezerra de Almeida

**A construção de espaços de memórias migrantes e refugiadas na cidade do  
Rio de Janeiro no século XXI**

Rio de Janeiro

2019

Marta Bezerra de Almeida

**A construção de espaços de memórias migrantes e refugiadas na cidade do  
Rio de Janeiro no século XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção de Mestre em Memória e Acervo.

Linha de Pesquisa 2: Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial

Orientador: Prof. Dr. Charles Matheus Pontes Gomes

Rio de Janeiro

2019

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

FCRB

A447

Almeida, Marta Bezerra de

A construção de espaços de memórias migrantes e refugiadas na cidade do Rio de Janeiro no século XXI./ Marta Bezerra de Almeida. – Rio de Janeiro, 2019.

127 f. : il.color.

Orientador: Prof. Dr. Charles Matheus Pontes Gomes.

Dissertação (Mestrado em memória e acervos) – Programa de pós-graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019.

1. Espaços de memória – migrantes – Rio de Janeiro (RJ). 2.  
Memória e Identidade.I. Gomes, Charles Matheus Pontes.  
II.Título.

CDD: 325.1153128153

*Responsável pela catalogação:  
Bibliotecária – Carolina Carvalho Sena CRB 6329*

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação.

---

Assinatura

Data

Marta Bezerra de Almeida

**A construção de espaços de memórias migrantes e refugiadas na cidade do  
Rio de Janeiro no século XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção de Mestre em Memória e Acervo.

Linha de Pesquisa 2: Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial

Aprovado em 20 de Março de 2019.

---

Prof. Dr. Charles Matheus Pontes Gomes (Orientador)  
FCRB

---

Prof. Dr. Fábio Kerche  
FCRB

---

Prof. Dr. Mohammed ELHajji  
UFRJ

Rio de Janeiro

2019

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa pesquisa ao meu pai e minha avó Cecília (*in memoriam*), à minha mãe que sempre fala que devemos buscar o conhecimento, à querida Nelly Llaneras e àqueles que fogem em busca de uma vida melhor e aos que pereceram ao longo desse caminho.

## **AGRADECIMENTOS**

À Fundação Casa de Rui Barbosa pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Charles Matheus Pontes Gomes.

Ao Prof. Dr. Fábio Kerche.

Ao Prof. Dr. Mohammed ELHajji.

Aos meus queridos companheiros de turma nessa longa jornada.

À Nelly Llaneras, Maria Elias, Roberta Souza, Robert Montinard e Mohammad Al Jazouli, agradeço o carinho e atenção.

Recordamos para esquecer e essa é a essência do jogo.

*Elias Khoury*

## RESUMO

ALMEIDA, Marta Bezerra. *A construção de espaços de memórias migrantes e refugiadas na cidade do Rio de Janeiro no século XXI*. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

Na presente pesquisa foram analisados espaços de memória em que são realizados eventos com pessoas migrantes e em situação de refúgio na cidade do Rio de Janeiro. O começo do século XXI foi marcado por um grande fluxo migratório, considerado o maior depois da Segunda Guerra Mundial, no qual milhões de pessoas buscaram outros países para recomeçarem suas vidas. No Rio de Janeiro encontramos as mais diversas nacionalidades presentes em espaços em que a gastronomia, a música, a dança, as narrativas e a arte representam essas diásporas. Os espaços de memórias atuam não apenas como um transmissor da cultura dos refugiados e de suas narrativas, mas também como um espaço de emponderamento dos mesmos. Esses espaços não são fixos, estão inseridos em outros espaços que servem às mais diversas atividades, como a *Christ Church* e o *Habonin Dror*, por exemplo. A formação desses espaços é complexa, pois neles se estabelecem relações sociais e de poder, a transmissão cultural, o contato entre diferentes grupos que juntos formam um espaço identitário em suas diásporas. As identidades encontram meios de afirmação nesses espaços, não apenas como identidades individuais e coletivas, mas também como identidades transitórias dos espaços nos quais os refugiados se inserem. A memória precede a identidade e a pessoa em situação de refúgio traz em sua bagagem as memórias de outrora que contribuíram para a formação de sua identidade que está em constante transformação.

Palavras-chave: Memória. Espaços de memória. Identidade. Migração. Diáspora. Refúgio.

## ABSTRACT

ALMEIDA, Marta Bezerra. *The construction of spaces for migrant and refugee memories in the city of Rio de Janeiro in the 21<sup>st</sup> century*. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

In the present research were analyzed memory spaces in which events are held with migrants and refugees in the city of Rio de Janeiro. The beginning of the twenty-first century was marked by a great migratory flow, considered the greatest after World War II, in which millions of people sought other countries to start over again. In Rio de Janeiro we find the most diverse nationalities present in spaces where gastronomy, music, dance, narratives and art represent these diasporas. The spaces of memories act not only as a transmitter of the culture of the refugees and of their narratives, but also as a space of empowerment of the same. These spaces are not fixed, they are inserted in other spaces that serve to the most diverse activities, like Christ Church and Habonin Dror, for example. The formation of these spaces is complex, because they establish social relations and power, cultural transmission, the contact between different groups that together form an identity space in their diasporas. Identities find means of affirmation in these spaces, not only as individual and collective identities, but also as transitory identities of the spaces in which refugees are inserted. The memory precedes the identity and the person in situation of refuge brings in his luggage the memories of the past that contributed to the formation of his identity, which is not something fixed, but is in constant transformation.

Keywords: Memory. Memory spaces. Identity. Migration. Diaspora. Refuge.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Recepção de imigrantes na Ilha das Flores .....	26
Figura 2	Exposição Migrar: experiências, memórias e identidades .....	28
Figura 3	<i>Pabellón Criollo</i> .....	43
Figura 4	Ciep 218 – Comemoração Dia da Turquia .....	51
Figura 5	Oficina de caligrafia árabe .....	55
Figura 6	Rio Refugia SESC Tijuca .....	56
Figura 7	Barraca síria no Rio Refugia .....	56
Figura 8	Sala do curso Abraço Cultural .....	58
Figura 9	Recepção do curso Abraço Cultural .....	59
Figura 10	Site do curso Abraço Cultural .....	59
Figura 11	Sala Chimamanda Adichie Ngozi.....	60
Figura 12	Sala Gabriela Mistral .....	60
Figura 13	Sala Malala Yousafzai .....	61
Figura 14	Sala Marjane Satrapi .....	61
Figura 15	Sala Rigoberta Menchú .....	61
Figura 16	Sala Wangani Maathai .....	61
Figura 17	Feminicidade .....	62
Figura 18	Convite Música Árabe Contemporânea .....	63
Figura 19	Professores do Abraço Cultural na Aula Cultural .....	64
Figura 20	Slide da Aula Cultural Música Árabe Contemporânea .....	64
Figura 21	Apresentação de <i>darbaka</i> .....	65
Figura 22	Participantes da Feira Chega Junto .....	69
Figura 23	Página da Feira Chega Junto no <i>Instagram</i> .....	74
Figura 24	Página da <i>Mawon</i> no <i>Linkedin</i> .....	77
Figura 25	Site da <i>Mawon</i> .....	80
Figura 26	Página da <i>Mawon</i> no <i>Facebook</i> .....	81
Figura 27	Página da <i>Mawon</i> no <i>Instagram</i> .....	82
Figura 28	Barraca da <i>Mawon</i> na Feira Chega Junto .....	83
Figura 29	Apresentação de <i>djembe</i> .....	84
Figura 30	Feira Chega Junto no pátio da <i>Christ Church</i> .....	90

Figura 31	Convite A Identidade Caribenha no Haiti e na Venezuela .....	97
-----------	--	----

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CCBT	Centro Cultural Brasil-Turquia
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
ONG	Organização Não Governamental
PDVSA	Petróleo da Venezuela S.A
RCTV	Radio Caracas Televisión
S.A.A.R.A	Sociedade dos Amigos e Adjacentes da Rua da Alfândega
TELEVEN	Televisión de Venezuela
SESC	Serviço Social do Comércio

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2	<b>MEANDROS DA MEMÓRIA</b> .....	25
3	<b>AS MEMÓRIAS E SEUS ESPAÇOS</b> .....	37
3.1	<b>Quando os espaços de memória dialogam com a sociedade</b> .....	53
3.2	<b>Abrço Cultural e Aula Cultural</b> .....	57
3.3	<b>Feira Chega Junto: espaço étnico, cultural e gastronômico</b> .....	66
4	<b>MAWON</b> .....	76
4.1	<b>Mawon e Projeto Chega Junto</b> .....	82
5	<b>A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS E TERRITÓRIOS</b> .....	85
6	<b>IDENTIDADES NO REFÚGIO</b> .....	91
6.1	<b>Identidade caribenha</b> .....	97
6.2	<b>A identidade no espaço</b> .....	100
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105
	<b>GLOSSÁRIO</b> .....	109
	<b>ANEXO A</b> .....	110
	<b>ANEXO B</b> .....	112
	<b>ANEXO C</b> .....	115
	<b>ANEXO D</b> .....	119
	<b>ANEXO E</b> .....	125

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda os espaços de memória de pessoas em situação de deslocamento, forçado ou não, na cidade do Rio de Janeiro a partir do ano de 2001. A mudança de um país a outro traz em seu encaixe uma série de adaptações e a busca por espaços de memória a partir de elementos culturais representados pela gastronomia, música, idiomas, arte, etc., e pelas narrativas dessas pessoas e para que isso ocorra existe a necessidade da criação de espaços para a realização de festividades, recriação de tradições, para que muitos desses elementos voltem a fazer parte do cotidiano de migrantes e refugiados. De acordo com Pierre Nora os lugares de memória “[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] porque essas operações não são naturais.”<sup>1</sup> As pessoas que se encontram em uma situação de deslocamento forçado ou não, possuem a necessidade de recriar essas memórias porque elas não são espontâneas.

E no rastro desses deslocamentos é premente a procura de espaços em que as pessoas possam se integrar e realizar atividades econômicas para sua subsistência, onde suas memórias serão transmitidas, contribuindo para a expressão de suas culturas, locais em que encontrem seu lugar de fala, pois conforme Izquierdo “procuramos laços, geralmente culturais ou de afinidades e, com base em nossas memórias comuns, formamos grupos.”<sup>2</sup> E esses grupos, mesmo heterogêneos encontram nesses espaços suas formas de expressão.

Os espaços pesquisados não representam apenas espaços geométricos, mas espaços em que são estabelecidas relações sociais, em que narrativas são tecidas, as memórias são expressas através da gastronomia, da música, dança e artesanato, onde as identidades vivem em constante negociação para a inclusão na sociedade. Trabalharemos a partir do conceito desenvolvido por Lefebvre no qual o “conceito de espaço reúne o mental e o cultural, o social e o histórico.”<sup>3</sup> Durante a elaboração do projeto pensava-se em abordar as diásporas do Oriente Médio e a construção de seus acervos como espaços de memória, mas no decorrer da pesquisa verificou-se a impossibilidade de levar adiante tal projeto, pois não é apenas a diáspora, mas muitas delas que ocorrem nesse momento.

A pesquisa busca mapear os espaços de memória e neles a complexidade de suas existências, pois faz-se necessária a compreensão de sua formação, não apenas como

---

<sup>1</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história*, p. 13.

<sup>2</sup> IZQUIERDO, Ivan. *Memória*, p. 15.

<sup>3</sup> LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*, p. 9.

repositório de memórias, mas onde existe uma negociação cotidiana para a própria existência do refugiado ou migrante.

No Século XXI, na cidade do Rio de Janeiro, a preservação dessas memórias torna-se relevante assim como as memórias imigrantes do século XX com suas narrativas e vestígios pela cidade, como exemplo a região que abriga o S.A.A.R.A. representada pelo comércio e arquitetura. Algumas questões permeiam a pesquisa: como esses espaços surgiram? Por que podemos considerá-los como espaços de memória? Por que uma de suas características é a mobilidade? O que representam suas memórias em relação à sua identidade? Quais as relações de poder existentes no âmbito desses espaços? E qual é o papel desses espaços de memória, esses micro-espaços que nascem do desejo contínuo de não se fazer esquecer, e como se desenvolve o processo de preservação da memória do refugiado? A partir de quais necessidades esses espaços surgiram? Ao longo da pesquisa abordaremos essas questões.

O estabelecimento de contato com essas memórias, a desconstrução de estereótipos e a observação de que cada grupo dessas diásporas possui suas especificidades e são heterogêneos se faz necessário. Habitando o mesmo espaço, venezuelanos, colombianos, haitianos, sírios, marroquinos, congoleses, nigerianos e curdos buscam construir uma nova vida longe dos conflitos e crises de seus países. Aqueles que possuem o idioma árabe em comum não podem ser considerados apenas como muçulmanos, por exemplo, entre os sírios encontraremos muçulmanos e cristãos. Alguns desses refugiados são os formadores de espaços onde refletem suas culturas através de suas memórias. Esses movimentos de deslocamentos nos mostram a complexidade e heterogeneidade dos distintos grupos que se estabelecem em vários países onde muitas vezes a cultura de ambos, população nativa, refugiada e migrante é distinta, mas mesclam-se através da negociação de identidades, ou o contrário, no confinamento em guetos, mas que precisam viver juntas e recriar seu lugar em outro país após a perda de seus lares e de seus direitos como cidadãos. A filósofa Hannah Arendt nos anos 50, quando surgiu o primeiro grande fluxo de refugiados, observava que,

A primeira perda que sofreram essas pessoas privadas de direito não foi a da proteção legal, mas a perda dos seus lares, o que *significava a perda de toda a textura social na qual haviam nascido e na qual haviam criado para si um lugar peculiar no mundo.*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo, p. 399, grifo nosso.

Quase setenta anos depois o pensamento de Arendt tornou-se pertinente em um período de grande fluxo de pessoas deslocadas quanto à perda de uma “textura social” inerente às suas vidas.

Os espaços, a recriação deste “lugar peculiar”, fazem parte de algumas iniciativas como o Projeto Chega Junto, realizado mensalmente na *Christ Church*, local em que refugiados e migrantes de diversos países têm espaço para a divulgação de sua gastronomia e venda de produtos artesanais, dedicando-se, também, à atividades como oficinas, dentre as quais a de chá marroquino e a oficina de *Djembe* da Associação *Mawon*. São os mais diversos sabores e idiomas e várias nacionalidades dispersas em um pequeno espaço representando congolezes, togoleses, nigerianos, venezuelanos, colombianos e sírios que se reúnem no último sábado de cada mês vendendo seus produtos gastronômicos como arepas, empanadas, esfihas, quibes, cuscus líbio, quibe vegano, *chawarma* de *kebab* e as muitas histórias narradas aos seus interlocutores das mais diversas origens e finalidades. Outro evento que ocorre mensalmente é a Aula Cultural, que faz parte do curso de idiomas Abraço Cultural, com professores refugiados, evento que ocorre na última sexta-feira de cada mês na Casa de Cultura *Habonim Dror*, sua dinâmica é uma palestra que envolve elementos culturais de professores do curso, e em seguida uma degustação com alimentos típicos da região, uma das atividades no período pesquisado foi Música Árabe Contemporânea acompanhada da gastronomia árabe e apresentação com *darbaka*. Além desses dois eventos abordaremos a ONG *Mawon*, realizadora de eventos culturais e divulgadora da cultura haitiana, que de acordo com seu fundador Robert Montinard, é uma “[...] empresa também, é um negócio que oferece serviço [...]”.<sup>5</sup>

Justifica essa pesquisa a busca pela compreensão do fenômeno migratório e os elementos que são trazidos em seu bojo, como a memória do migrante e refugiado e os espaços desenvolvidos para sua veiculação, agindo dessa forma como um elemento aglutinador de culturas refugiadas e da cultura nativa, promovendo também, o intercâmbio entre os diversos grupos diaspóricos. Apesar de recente, o intenso fluxo de deslocados externos vindos de um contexto de conflitos, perseguições políticas e religiosas engloba um momento relevante para a formação da história da migração no Brasil e traz novos elementos para o seu enriquecimento. São histórias individuais ou coletivas, acontecimentos recentes, que ainda não foram totalmente impregnados de relatos externos, ou simplesmente

---

<sup>5</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo mp3.

acontecimentos “vividos por tabela”, termo usado por Michel Pollack no qual a “memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.”<sup>6</sup> Ao longo dos anos essas memórias se esvanecem e perdem a clareza de seus conteúdos.

Espaço e memória caminham juntos, sem o espaço a memória desvanece, porque é precisamente através do espaço que ela é transmitida por meio de determinadas ferramentas que abordaremos em seguida. Desde o século XX, as memórias dos imigrantes tornaram-se parte integrante do nosso cotidiano, narrativas, filmes, documentários, biografias e autobiografias e redes sociais que se tornaram o repositório de lembranças pessoais e compartilhadas. Nunca veiculamos tantas memórias! De acordo com Huyssen, a “[...] memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta.”<sup>7</sup> E essa memória precisa de espaço, de redes de divulgação.

A memória coletiva desses grupos funciona para que a sua identidade se mantenha minimamente protegida no meio de uma nova cultura, assim como as relações de trabalho e outras mudanças que os refugiados encontrarão em seu entorno, estabelecendo conexões e procurando por elementos que os insiram nessa nova sociedade e que não os tornem estranhos aos olhos da mesma, mas que ao mesmo tempo não ocorra uma desvinculação total de suas tradições, mas adaptadas frente às novas experiências. Sobre a relevância das tradições para os processos estabelecidos nesses espaços, recorre-se a Stuart Hall que argumenta que as tradições

[...] variam de acordo com a pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta à experiências migratórias. Há notável variação, tanto em termos de compromisso quanto de prática, entre as diferentes comunidades ou no interior das mesmas – entre as distintas nacionalidades e grupos lingüísticos, no seio dos credos religiosos, entre homens e mulheres ou gerações. Jovens de todas as comunidades expressam certa fidelidade às tradições de origem, ao mesmo tempo em que demonstram um declínio visível em sua prática concreta.<sup>8</sup>

Identidade e comunidade são conceitos que não deixam de estar vinculados à formação da memória de um grupo e à formação de seu espaço, ambos foram trabalhados por Zygmunt Bauman. Para Bauman, a comunidade se parece com “uma fortaleza sitiada”, atacada por inimigos externos e em eterno conflito interno e é nesse meio que aqueles que

<sup>6</sup> POLLAK, Michel. *Memória e identidade social*, p.4.

<sup>7</sup> HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, p.16.

<sup>8</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 66.

buscam um espaço para viver, passarão parte de suas vidas. Mesmo que essa comunidade desapareça e depois seja recriada não será da mesma forma existente na memória de seus membros.<sup>9</sup> A identidade é permeada de conflitos e a cada dia a mesma recria-se para sobreviver, dessa forma esse grupo também está em constante transformação. Para Stuart Hall as identidades

[...] não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. [...] Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.<sup>10</sup>

As identidades passam por transformações através de relatos da memória de um grupo, incorporando inconscientemente suas memórias. Para Bauman as “ ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.”<sup>11</sup> As identidades optam por se protegerem em uma comunidade, na fortaleza da qual Bauman se referiu, e dela fazem parte vários elementos que estabelecem conexões com o exterior, provocando transformações em seu interior. O conflito é, então, inevitável, pois memórias individuais e coletivas interagem também nesse meio. A cultura não deixa de ser diferente, com seus múltiplos significados. Uma vez ou outra ela surge na fala de um migrante ou refugiado. Não deixa de ser, portanto, uma geradora de conflitos. Para Bauman, a cultura é

[...] tanto um agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolescência quanto de atemporalidade. O trabalho da cultura não consiste tanto em sua auto-perpetuação quanto em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças. [...] a cultura nada pode produzir além da mudança constante, embora só possa produzir mudança por meio do esforço e da ordenação.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*, p. 19-20.

<sup>10</sup> HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade*, p. 108-109.

<sup>11</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, p. 19.

<sup>12</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de Cultura*, p. 28.

A mudança de um local a outro é uma transformação constante na vida de migrantes e refugiados, o passar dos anos e a morte dos membros mais velhos dessas comunidades deixam suas histórias orais se perpetuando de geração em geração, como Halbwachs argumentou que “[...] a memória de uma sociedade não para de se transformar, e o próprio grupo está sempre mudando”.<sup>13</sup>

Memória e identidade estão entrelaçadas, uma não sobrevive sem a outra e fazem parte da construção do ser humano, como transformador da sociedade na qual se insere. Mas esse ser transformador está em constante conflito, caso contrário não seria um agente de mudanças. Ele possui ao seu alcance as mais diversas ferramentas, desde a utilização da mídia até a mais antiga forma de transmissão que é a oralidade passada de geração em geração, as histórias de família ou da comunidade em que habitava.

A memória acompanha o percurso dos migrantes e refugiados, e dependendo de sua intensidade pode estimular seu avanço ou retrocesso, nas entrevistas realizadas os relatos mais tênues desde o jovem sírio ao “ser acordado pela mãe durante o Ramadan” para o *suhur*, até enterrar seus próprios amigos, o relato das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e os desaparecidos colombianos, o jovem curdo com olhar taciturno, a jovem síria que não cede mais ao choro das recordações, pois alguns conseguem relatar suas experiências, outros encontram-se presos em seus próprios espaços de memória.

A pesquisa pretende como objeto específico compreender como a memória é preservada e divulgada e a formação e funcionamento dos espaços de memória, objetivos já discutidos anteriormente. O objeto da pesquisa são os espaços de memórias nos quais o refugiado se insere e suas narrativas. A metodologia é classificada em diversas etapas:

A pesquisa é descritiva,

Têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como [...] a observação sistemática.<sup>14</sup>

O entrevistado ou colaborador é o protagonista, eles são as vozes muitas vezes esquecidas, durante a pesquisa a negativa de algumas pessoas na colaboração justificou-se pelas muitas entrevistas concedidas e a falta de retorno dos entrevistadores. A análise do

<sup>13</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, p. 105.

<sup>14</sup> GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*, p. 42.

discurso desses grupos por meio de entrevistas se faz imprescindível para que ocorra o entendimento da formação das memórias coletivas e individuais, como a identidade de cada indivíduo irá caracterizar a identidade do grupo, aspectos culturais dos quais fazem parte, como formam suas comunidades e as redes de ajuda mútua que estão vinculadas a elas. Faz-se necessário uma análise de enunciação, pois,

Uma entrevista [...] é feita de palavras, expressões, fins de frases aparentemente supérfluos, não levados em conta pela determinação semântica da procura de temas, mas muitas vezes de fato, portadores de sentido. Além disso, o próprio estilo, nas suas variações, está carregado de significações.<sup>15</sup>

O início da pesquisa trouxe a perspectiva de um grande número de entrevistados, mas as possibilidades de que o pesquisador se perca ao longo do caminho torna-se uma ameaça à pesquisa, além de muitas pessoas, devido às suas experiências que muitas vezes tornaram-se traumáticas, não se disponibilizaram para a colaboração da coleta de dados.

O trabalho de campo foi periódico, mensalmente as atividades foram observadas e o contato tornou-se gradativo até o ponto da confiabilidade da parte dos entrevistados, existiram recusas para a colaboração na pesquisa, pois o mais difícil é adentrar no universo de uma pessoa que deixou toda sua vida devido aos problemas internos em seus países, como a guerra por exemplo.

A análise também se mostra qualitativa, como ressalta Bardin, esse procedimento demonstra ser

[...] mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos [...]. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de serem tidos em conta elementos não significativos. A compreensão exata do sentido é, neste caso, capital. [...] daí a importância do contexto. Contexto da mensagem, mas também exterior a este; quais serão as condições de produção, ou seja, quem é que fala a quem e em que circunstâncias? [...]<sup>16</sup>

Inicialmente pretendia-se desenvolver o trabalho a partir de entrevistas, mas no decorrer da pesquisa observou-se outras possibilidades a serem exploradas, tais como

<sup>15</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*, p. 105.

<sup>16</sup> Idem, p. 145.

palestras, documentários, rodas de conversa com mulheres refugiadas, a observação, a comemoração de uma data religiosa para uma comunidade, a música e diversas outras formas de obtermos informações sem necessariamente recorrermos às entrevistas. Para a antropóloga Rosana Guber,

Dado que no existen instrumentos prefigurados para la extraordinaria variabilidad de los sistemas socioculturales, ni siquiera bajo la aparente uniformidad de la globalización, el investigador social sólo puede conocer otros mundos a través de su propia exposición a ellos. Esta exposición tiene dos caras: los mecanismos o instrumentos que imagina, ensaya, crea y recrea para entrar en contacto con la población en cuestión y trabajar con ella, y los distintos sentidos socioculturales que exhibe en su persona. Tal es la distinción, más analítica que real, entre las ‘técnicas’ y el ‘instrumento’. Las técnicas más distintivas son la entrevista no dirigida, la observación participante y los métodos de registro y almacenamiento de la información; el instrumento es el mismo investigador con sus atributos socioculturalmente considerados – género, nacionalidad, raza, etc. – en una interacción social de de campo, y posteriormente su relación con quienes devienen sus lectores.<sup>17</sup>

Alguns espaços foram percorridos observando-se detalhes que a um primeiro olhar não são relevantes, transformando-se quando uma frase solta representa uma miríade de ideias, uma imagem ou uma música, a platéia de um teatro, entre outros elementos que permeiam a pesquisa.

A etnografia nos faz percorrer um caminho solitário em busca de respostas e para o desenvolvimento da pesquisa baseou-se na observação dos espaços e entrevistas. Fazer um trabalho de campo, entrevistar, buscar formas de se aproximar dos grupos, de estar atento aos eventos, não ser invasivo, são algumas das preocupações que o pesquisador precisa ter em mente, pois esse trabalho não resulta apenas na interpretação dos elementos que norteiam a pesquisa, ele toca em lembranças que muitas vezes não são bem quistas. Para entender um pouco desse ofício e colocá-lo em prática percorreu-se o único caminho viável, recorrer àqueles que desenvolveram seus trabalhos e acrescentaram as bases nas quais pesquisadores das mais diferentes disciplinas recorrem. Clifford Geertz é um desses estudiosos, sobre esse ofício,

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se

---

<sup>17</sup> GUBER, Rosana. *La Etnografía: método, campo y reflexividad*, p. 20.

pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle.<sup>18</sup>

O pesquisador tem à sua frente uma longa jornada, seu campo de pesquisa não está circundado a apenas um local, os espaços nos quais o trabalho é desenvolvido se permite dividir em uma feira, uma palestra ou um teatro, até mesmo uma cafeteria incluirá um lugar de fala, como a entrevista da venezuelana Maria Elias. Pequenos espaços observados, mas como fazer essa observação? Como detectar elementos invisíveis em grupos que fogem de uma guerra ou de crises econômicas, o que o corpo, como um espaço de emoções dessas pessoas nos apresenta? Para Geertz os estudos não se restringem às aldeias e tudo o que ela comporta, mas sim *nas* aldeias<sup>19</sup>, essa percepção veio tarde na pesquisa, não é a Feira, não é a Aula Cultural, não é o Teatro, mas é *na* Feira, é *na* Aula Cultural, é *no* Teatro. O que Geertz escreveu sobre isso,

Situar-nos, um negócio enervante que só é bem sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. [...] Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos [...]. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente.<sup>20</sup>

O mundo que nos separa, a mim e Geertz, não impede o uso de sua abordagem, não é a tribo berbere, o comerciante judeu ou os soldados franceses que ele recorreu que fazem parte da atual pesquisa, mas migrantes e refugiados, escalas menores de espaços, a conversa substituindo a entrevista, a palestra da mesma forma, os corpos em movimento em *Kondima*, elementos a serem desvelados. Muitas leituras formadas em pequenos universos. E como essas leituras são interpretadas? Para Geertz “[...] começamos com as nossas próprias

<sup>18</sup> GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2017. p. 4.

<sup>19</sup> Idem, p. 16.

<sup>20</sup> Idem, p. 10.

interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las.<sup>21</sup>” Para a antropóloga Denise Jardim a etnografia,

[...] vem sendo repensada como método a cada novo desafio de pesquisa e não pode ser reduzida a uma técnica que se pauta apenas pela presença e interlocução direta do pesquisador em campo ou de sua capacidade de traduzir e interpretar tal elemento. Como uma elaboração pós-fato, reabre uma série de questões éticas e dilemas quanto à forma de elaboração do conhecimento tecido na interlocução. Para quem? De que modo escrever? E como reverbera no pesquisador a experiência de interlocução?<sup>22</sup>

Fizeram parte dos espaços pesquisados a Feira Chega Junto, a Aula Cultural e a ONG Mawon, espaços que representam a realização de projetos que visam o emponderamento de pessoas em situação de deslocamento forçado ou não e a sua visibilidade nesses espaços. O emponderamento e a visibilidade são o resultado do surgimento desses espaços, que são originados através de parcerias, que veremos mais adiante, de ONGs como a Atados e o coletivo Junta Local. A relevância do trabalho está na abordagem desses espaços e como transformam a vida dessas pessoas com o desenvolvimento de projetos que abrangem a gastronomia de cada país, a música, o idioma, a arte, as oficinas realizadas, oferecidas a um público que é desconhecedor da história dessas populações e da situação política de seus países. O surgimento desses espaços não possui a função de assistencialismo, mas como empreendimento, tanto para a pessoa que é refugiada ou migrante quanto para o local que abriga esse evento, como a *Christ Church* em relação à feira Chega Junto, ao curso Brasas que cede seu espaço ao Abraço Cultural e a *Mawon* que desenvolve seus projetos.

Os espaços e seus integrantes não foram os únicos observados, mas foram os principais, aqueles que atravessam esses espaços em busca da gastronomia, das oficinas, da busca por conhecer a história de migrantes e refugiados, também compõem o complexo cenário. Algumas vezes outros pesquisadores surgem e muito cautelosamente ou timidamente se aproximam de uma barraca, não falam inicialmente, rondam até o momento decisivo para marcar uma entrevista, observei isso em um estudante de psicologia na *Christ Church*, se aproximar faz parte da sensibilidade do pesquisador, pois este não é uma máquina de fazer perguntas, mas de levar a pessoa a se sentir livre ao falar. O quanto é difícil o caminho para o pesquisador, porque na realidade ele desempenha um papel no processo de formação desses

<sup>21</sup> Idem, p. 11.

<sup>22</sup> JARDIM, Denise F. *Imigrantes ou Refugiados: Tecnologias de controle e as fronteiras*, p. 38.

espaços, passando a fazer parte dele, não com o intuito de alterar, de mobilizar, mas sim de observação.

O primeiro capítulo intitulado Meandros da Memória aborda alguns aspectos da imigração nas primeiras décadas do século XX com a construção de centros de memória destinados à sua preservação, a criação dos atuais espaços que abraçam essas memórias refugiadas através de uma série de atividades que envolvem também além das relações sociais, relações econômicas que são responsáveis pela sustentabilidade dos refugiados. A formação do espaço que abarca as atividades que são a gastronomia, a dança, música, oficinas e percussão, caligrafia, henna, palestras sobre a cultura de cada país. No final do século XIX e início do XX o Brasil recebia pessoas oriundas de diversos países como Líbano, Síria, Itália, Espanha, etc., de todos os grupos atuais, são os sírios que possuem uma história enraizada há décadas no país através das muitas levadas que aportaram aqui.

O segundo capítulo, A Memória e seus Espaços é uma discussão teórica acerca dos espaços e das memórias que o circundam. O capítulo aborda o diálogo desses espaços com a sociedade, algumas narrativas e espaços como o Abraço Cultural e sua vertente, a Aula Cultural e a Feira Chega Junto. O capítulo três é dedicado à ONG *Mawon* que funciona como uma empresa, uma abordagem diferente dos atuais espaços que abrigam eventos para migrantes e/ou refugiados. O quarto capítulo é uma discussão teórica acerca da construção de espaços e territórios. O quinto capítulo, Identidades no Refúgio, tem como objetivo analisar a identidade refugiada e a identidade dos espaços de memória. A identidade é formada pela memória também, “Alguém é quem é porque se lembra de certas coisas e não de outras. Cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias – ou fragmentos de memórias.”<sup>23</sup> Mas não só de memória vive a identidade, para Woodward “a construção da identidade é *tanto simbólica quanto social*.”<sup>24</sup> A identidade traz em seu rastro a diferença, que constrói o outro, gerando a aceitação ou a marginalização. Na cidade do Rio de Janeiro, nesses micro-espaços, locais de gastronomia, dança, teatro, música, arte, artesanato e inúmeras atividades que ocorrem mensalmente em vários bairros, em espaços provisórios onde as memórias pulsam, as identidades são exercidas para a legitimação da memória: a nacionalidade, a condição de refúgio, gênero, suas narrativas individuais, tudo está em constante movimento para a construção de espaços com uma pluralidade de vivências.

---

<sup>23</sup> IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*, p. 16.

<sup>24</sup> WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 10.

## 2 MEANDROS DA MEMÓRIA

A mudança de um país a outro, seja forçada ou não, traz em seu encalço uma série de adaptações e a busca por um espaço de memória, pela reconstrução de elementos que nos tragam o bem-estar, as lembranças e os símbolos de nossa cultura. De acordo com Pierre Nora, os “lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, [...] porque essas operações não são naturais.”<sup>25</sup> E para que essas memórias não sejam apagadas, faz-se necessário com que muitas vezes sejam recriadas em outros ambientes e contextos.

Desde o século XIX, com a chegada dos mais distintos grupos de imigrantes, as narrativas se proliferaram e atualmente existe uma gama de materiais sobre a história da imigração, como livros sobre a imigração italiana, japonesa, árabe, alemã, etc., documentários, museus, estátuas como o monumento conhecido como Amizade Sírio-Libanesa em São Paulo, e na literatura autores como Milton Hatoum que através de algumas de suas obras de ficção narram as trajetórias de imigrantes libaneses. Clubes e igrejas eram os locais de encontro dessa comunidade, denominada sírio-libanesa, eram espaços geograficamente situados em que permeavam um forte teor político e nacionalista, porém as demandas atuais não descartam o debate político, mas seu teor não está na negociação centrada na legitimação econômica e social dos antigos grupos, mas sim na visibilidade dos atuais grupos e sua representação, o que os torna distintos dos antigos grupos. Um pouco do que ocorria nesse período na cidade do Rio de Janeiro envolvendo a comunidade árabe é retratado por Paulo Gabriel Hilu,

Apesar do caráter recreativo dos clubes, isso não impediu que eles se constituíssem em arenas políticas. Serviam como palco para eventos promovidos pelas instituições étnico-religiosas e, de certa forma, também encarnavam determinadas representações ideais sobre a configuração social e cultural da comunidade árabe no Rio de Janeiro.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história*, p. 13.

<sup>26</sup> PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*, p. 104.

Muitos desses clubes ainda existem como o Homs em São Paulo e o Monte Líbano, no Rio de Janeiro, contudo suas atividades deixaram a militância de outrora e cederam espaço ao lazer.

O decorrer do século XX construiu narrativas originadas através da dispersão de populações por vários países, devido à queda do Império Otomano, o fim do Império Austro-Húngaro e à Primeira Guerra Mundial, muitas das quais tomariam como destino o Brasil, registradas em centros de memórias como o Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores (figura 1), local que abrigou a primeira hospedaria no Brasil, fundada em 1879. Seu acervo contém fotografias, mapas, depoimentos e documentários da história da hospedaria até o seu encerramento em 1966, tornando-se matéria-prima das inúmeras pesquisas que abordam a história da migração no Brasil.



Figura 1 Recepção de imigrantes na Ilha das Flores. Fonte: [http://www.hospedariailhadasflores.com.br/galeria\\_02.asp](http://www.hospedariailhadasflores.com.br/galeria_02.asp)

Esses espaços tornaram-se o repositório da história de décadas da imigração no Brasil, representando a transformação do espaço de hospedaria em museu localizado em uma ilha que serviu a várias funções desde engenho até um presídio, e hoje está sob a guarda da Marinha. Muitos outros museus espalharam-se pelo Brasil com a intenção de preservar essas memórias, em Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul, está localizado o Museu do Imigrante e o Museu Rural dos Imigrantes Italianos na cidade de Gramado. Encontra-se uma demanda

pela criação de espaços que reconstruam essas trajetórias e que preservem a identidade desses grupos. Andreas Huyssen aborda que o fenômeno da memória nos dias atuais é

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX.<sup>27</sup>

Assim como o Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, o Museu da Imigração e o Museu Rural dos Imigrantes Italianos, dentre tantos outros, encontra-se o Museu da Imigração do Estado de São Paulo inaugurado em 1993, que inicialmente funcionou como a Hospedaria de Imigrantes criada em 1887 e com término em 1978. Local onde as memórias da imigração tornam-se vivas, renovadas por toda documentação existente, pelas exposições que mostram a trajetória dessas pessoas em busca de novas terras para reconstruir suas vidas, algumas dessas exposições possuem como título “Migrar: experiências, memórias e identidades” (figura 2), a exposição é apresentada em oito módulos apresentando os movimentos migratórios dos séculos XIX e XX e o trabalho de pesquisa e preservação de seu acervo, as políticas referentes ao tema, o cotidiano da hospedaria e a possibilidade de um diálogo com os movimentos migratórios do presente<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*, p. 9.

<sup>28</sup> MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Migrar: experiências, memórias e identidades. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/exposicoes/longa-duracao/>. Acesso em: 02 maio 2018.



Figura 2 Exposição Migrar: experiências, memórias e identidades.  
Fonte: <http://museudaimigracao.org.br/exposicoes/longa-duracao/>

Esses lugares de memória, representados muitas vezes por museus, celebram o passado, narram a trajetória do imigrante reivindicando suas memórias, um passado-presente marcado nas ruas do Rio de Janeiro e em São Paulo, sendo nesta segunda cidade mais intensa o número de grupos que se estabeleceram desde o início do século XX. Esses centros de memória tornaram-se lugares de memória, termo desenvolvido por Pierre Nora que observa que os lugares de memória

[...] são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, *mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação*. [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões da eternidade.<sup>29</sup>

A reconstrução dessas imagens, desses paladares, da musicalidade do idioma, do cheiro, do viver, das celebrações, do rito, do tornar real a existência dessas memórias por meio de suas recriações é fundamental para o migrante/refugiado, porém ele possui a consciência de que não conseguirá reproduzir seu passado, e que essa memória será

<sup>29</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história*, p. 12-13, grifo nosso.

ressignificada. A memória coletiva de um grupo imediatamente estabelece conexões entre seus elementos; para Halbwachs, ela “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade, de que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.”<sup>30</sup>

O estereótipo do refugiado vindo do Oriente Médio, por exemplo, possui forte presença no senso comum. Encontram-se formas de preconceito quanto à etnia e religião desses povos, tanto em espaços físicos quanto virtuais. Estereótipos que não são recentes, desenvolvidos ao longo de décadas desde o século XVIII e analisado por Said, pois, para ele a divisão entre ocidentais e orientais “[...] são generalidades, cujo uso, histórico e de fato, foi sublinhar a importância da distinção entre alguns homens e alguns outros, normalmente com intenções não muito admiráveis.”<sup>31</sup>

De acordo com John Tofik Karam “Os observadores brasileiros da primeira metade do século XX formaram uma imagem tipicamente orientalista, apresentando-os como refugiados de um mundo árabe muçulmano supostamente dominado pelo fanatismo.”<sup>32</sup> Existe uma recorrência do pensamento que transformou-se em uma regra e que observada nos trabalhos de campo é quebrada pelas práticas que se desenvolvem nesses espaços de memória.

Atualmente os maiores grupos de refugiados concentram-se em torno de sírios que fogem de uma guerra iniciada em 2011, segundo o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) até o final de 2017 o Brasil reconheceu a totalidade de 10.145 refugiados de vários países, 17% estão localizados no Rio de Janeiro, os sírios concentram-se em torno de “[...] 35% da população refugiada com registro ativo no Brasil”<sup>33</sup>. Passado e presente separados por um curto período de tempo, pois no final do século XIX, os sírios faziam parte de um contingente que desembarcava nos portos do Brasil, juntos com outros grupos que faziam a travessia através dos oceanos, de acordo com Lesser,

No século XIX, grandes números de imigrantes, tanto do Levante (Mashriq) como do Norte da África de línguas francesa e espanhola (Magreb), passaram a transformar o Brasil num dos centros do *mahjar* (literalmente, “países de emigração”, mas usado para significar a diáspora árabe). Ao contrário das levadas de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, tão

<sup>30</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, p. 102.

<sup>31</sup> SAID, Edward. *Orientalismo*, p. 56.

<sup>32</sup> KARAM, John Tofik. *Um outro arabesco*, p. 167.

<sup>33</sup> ACNUR. *Dados sobre refúgio no Brasil*. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em 12 maio 2018.

ativamente buscadas pelos que tentavam mudar a composição social do Brasil, os sírios e libaneses vieram por conta própria, e sem alarde.<sup>34</sup>

A chegada dos sírios e a construção de seus espaços no século passado, como a construção de clubes como o Homs em São Paulo, de uma imprensa árabe tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, é uma das mais antigas no país, mas são projetos de inserção na sociedade que diferem dos atuais, pois estão estabelecidas em outros contextos. Dentre todos os atuais refugiados, os sírios ao longo do século XX construíram uma história no país com sua imigração. Atualmente encontramos haitianos, venezuelanos, nigerianos, colombianos, congolezes, gambianos, togueses, populações que no século passado ainda não tinham formado uma história de sua imigração ou refúgio, um movimento novo que realiza uma visibilidade maior e a construção de uma história voltada para a construção da negociação de seus espaços e identidades.

Com o surgimento do ciberespaço e sua disseminação, a rapidez da informação e dos contatos entre as pessoas diminuíram as fronteiras que bloqueavam essa interação. Durante a fuga de suas cidades, refugiados levam em seus celulares as lembranças de parentes e amigos que ficaram para trás, as fotos que antes eram impressas e ficavam guardadas em álbuns e arquivos, agora são móveis, levadas a todos os cantos e formadoras de memórias em espaços virtuais que nos contam as trajetórias individuais de cada um. No decorrer do século XX essas memórias surgiam na literatura, como a literatura *mahjar*, nos relatos orais, e ultrapassando esse século, a literatura de Milton Hatoum. As transformações ocorridas nos meios de comunicação levaram a uma transformação do relato das pessoas que estão em contínuo transitar no planeta, independente de quais sejam os motivos que as levem a isso.

A queda do Império Otomano, o genocídio armênio, as duas grandes guerras do século XX, a *Shoa*, a *Nakba*, as tragédias humanitárias em alguns países do continente africano e conflitos armados em várias regiões do globo geraram uma profusão de relatos, entrevistas, com a reconstrução de documentos que reconstruíam sua história, como o ocorrido durante a Revolução Iraniana, quando documentos destruídos pelos norte-americanos na embaixada dos Estados Unidos que abrangiam os anos de 1972 até 1979 foram reconstruídos, era a memória em movimento. O jornalista Robert Fisk relata esse processo de reconstrução:

---

<sup>34</sup> LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, p. 92.

Pegaram uma tábua lisa e colocaram fitas elásticas para segurar as tiras. Podiam reconstruir entre cinco e dez documentos por semana. Eram os tecelões que, com grande cuidado, quase com carinho, tornavam a tecer seu tapete. [...] Os iranianos que trabalharam durante meses para reconstruir esses papéis *estavam criando seu único e próprio tapete, que revelava o passado e se transformava em um livro de História viva* no meio da árida propaganda da revolução.<sup>35</sup>

Memórias excluídas, mas retomadas através de sua reconstrução, pelo uso da oralidade ou por outros meios como descrito acima, formam o coletivo de memórias de um grupo étnico, de um país, de uma cidade, de um bairro, de uma família, esses são alguns dos muitos exemplos existentes. Nesse contexto de minorias tomando para si a responsabilidade de tecer esse tapete no meio de uma memória nacional, tanto no passado como no presente torna-se uma reescrita a partir da mudança de seus protagonistas, de memórias subterrâneas que veremos mais tarde.

As autobiografias estiveram fortemente presentes no século XX, através dessas, seus autores, intelectuais, filósofos, escritores, sobreviventes da Nakba e outras catástrofes como a Shoah, relataram muitas vezes o processo de refúgio, como fez Edward Said que verteu em “Fora do lugar” suas memórias, assim como tantos outros intelectuais ao longo do século XX. As memórias de Said abrangiam a memória familiar, da infância, da Palestina, do refúgio, da vida em outro país, a memória da doença terminal, tantas memórias que não abrangeram apenas a sua vida pessoal, mas a história de uma população deslocada, da qual ele e sua família fizeram parte,

Meu maior dom era a memória [...] Eu não sabia, na adolescência, o que a tapeçaria completa era ou significava; percebia apenas que estava lá e podia sentir seu complexo funcionamento [...].

O que eu tecia e voltava a tecer em minha cabeça tinha lugar entre a superfície trivial da realidade e um nível mais profundo de percepção de uma outra vida composta de partes maravilhosas e inter-relacionadas – partes de ideias, passagens literárias e musicais, *memória pessoal, cotidiana* –, nutridas não pelo ‘Edward’ que minha família e professores e mentores contribuía para construir, mas por meu eu interior [...] um eu que podia ler, pensar e mesmo escrever de modo independente de ‘Edward’.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> FISK, Robert. *A grande guerra pela civilização*, p. 191, grifo nosso.

<sup>36</sup> SAID, Edward. *Fora do lugar*, p. 245-246, grifo nosso.

A construção da identidade está fundamentada em parte na memória e não apenas a uma construção social, a memória é o que somos, foi o que Said construiu em sua vida, ela precede sempre a formação da identidade, de acordo com Izquierdo o “[...] acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico.”<sup>37</sup> E esse ser ocupa espaços de visibilidade e de representatividade.

Espaços que são móveis, sejam reais ou virtuais, fazem parte atualmente do cenário da cidade do Rio de Janeiro, o mascote do século XIX / XX cedeu espaço ao jovem que vende esfihas e quibes nas ruas da cidade e ainda continua marcante como no século passado quando muitos imigrantes vindos do Império Otomano aportavam na cidade. Venezuelanos e colombianos tão próximos a nossa cultura e tão distintos ao mesmo tempo estão cada vez mais presentes nesses espaços que surgem através de projetos que buscam integrar essas pessoas na sociedade como o Projeto Chega Junto, que organiza uma feira no último sábado de cada mês na *Christ Church* e o Abraço Cultural, curso de idiomas formado apenas por professores refugiados, que promove também uma vez a cada mês a Aula Cultural abordando aspectos da cultura dos países de seus professores, com filmes, palestras, músicas e gastronomia típica do país abordado, assim como o Escambo Cultural que é um curso de idiomas formado também por professores refugiados, localizado em Jardim Sulacap.

A transição do século XIX para o XX assistiu a transformações no Império Otomano, que começava a se desagregar e a ter sua população se dispersando por outros países em busca de uma nova vida. No século XXI ocorrem conflitos em alguns países do Oriente Médio, como a Síria, Iraque, Afeganistão e no continente africano como a República Democrática do Congo, que ocasionaram uma nova onda de refugiados para outros países como Alemanha, França, Itália, Turquia, Líbano, Jordânia, Canadá, Estados Unidos e Brasil. A Turquia, que já abriga pessoas em situação de refúgio, passa por uma situação atípica, pois a mesma desde o ano de 2016 desmontou internamente o Movimento *Hizmet*, originando sua própria comunidade de refugiados, pois ao mesmo tempo em que o país abriga refugiados em seu território, também produz uma pequena leva de pessoas que buscam refúgio em outros países.

A República Democrática do Congo é um dos países do continente africano que têm elevado a taxa de pessoas em situação de refúgio, e de acordo com a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) no “[...] início de 2018, existiam 5

---

<sup>37</sup> IZQUIERDO, Iván. *Memória*, p. 13.

milhões de congolezes deslocados [...]”<sup>38</sup>. Novas histórias são construídas a partir das narrativas desses grupos que não possuíam um histórico constante de deslocamento para o Brasil. O mesmo se refere aos venezuelanos, atualmente devido à instabilidade na Venezuela, o deslocamento com as fronteiras do Brasil tornaram-se intensas nos últimos meses, o que gerou um grande fluxo de refugiados, como declarou a ACNUR em abril de 2018,

De acordo com as estimativas mais recentes do Governo Federal, mais de 800 venezuelanos cruzam a fronteira brasileira todos os dias. À medida em que a complexa situação política e socioeconômica na Venezuela continua a piorar, os venezuelanos que chegam ao Brasil precisam urgentemente de comida, abrigo e assistência médica. Também são muitos que precisam de proteção internacional.<sup>39</sup>

Existe uma pluralidade de situações que envolvem os mais diversos grupos em suas diásporas, a recorrência do deslocamento dos sírios no Brasil é uma delas, em dois séculos se encontram deslocados por motivos que vão desde a queda do Império Otomano e as suas consequências até a instabilidade política e os conflitos bélicos na Síria iniciados em 2011.

No ano de 2001 quando as Torres Gêmeas nos Estados Unidos foram derrubadas, e a “guerra ao terror” foi declarada, países como Iraque e Afeganistão passaram por intervenções militares, e grupos extremistas se fortaleceram, expulsando milhões de pessoas de suas casas. Desde o ano de 2011, a Síria sofre com um conflito que fortalece o contingente de deslocados internos e externos. O Brasil tornou-se uma rota de busca de refúgio nessa diáspora, o país já possuía há mais de um século elementos enraizados que facilitaram essa procura: as redes de migração<sup>40</sup>, termo trabalhado por Castle e que é pertinente à pesquisa e que não se dispersaram ao longo do século XX e adentraram o XXI. De acordo com o CONARE, em um balanço realizado até abril de 2016,

---

<sup>38</sup> ACNUR. *Violência na República Democrática do Congo aumenta número de refugiados forçados ao se deslocar ao Leste*. Disponível em: <http://www.acnur.org/noticias/noticia/violencia-na-republica-democraticado-congo-aumenta-numero-de-refugiados-forcados-a-se-deslocar-ao-leste/>. Acesso em: 05 maio 2018.

<sup>39</sup> ACNUR. *Resposta humanitária no Brasil se intensifica diante da crescente chegada de venezuelanos*. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/2018/04/06/resposta-humanitaria-no-brasil-se-intensificadiante-a-crescente-chegada-de-venezuelanos/>. Acesso em: 05 maio 2018.

<sup>40</sup> CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. *La Era de la Migración*, p. 41.

O número total de solicitações de refúgio aumentou mais de 2.868% entre 2010 e 2015 (de 966 solicitações em 2010 para 28.670 em 2015). A maioria dos solicitantes de refúgio vem da África, Ásia (inclusive Oriente Médio) e o Caribe.<sup>41</sup>

Existe uma tradição estabelecida ao longo de décadas desses processos migratórios no país, já a partir do final do século XIX, começou um intenso fluxo de imigrantes no Brasil. De acordo com Clark Knowlton, o maior número de imigrantes no Brasil ocorreu no período de 1884 até 1943 entre portugueses, espanhóis e italianos,<sup>42</sup> mas, no meio desses imigrantes provenientes da Europa, outro fluxo se manifestava em pequena escala. Segundo Knowlton, os imigrantes do Oriente Próximo eram declarados como turcos até 1892, mas eram na realidade sírios, libaneses e uma minoria de armênios.<sup>43</sup> Durante muito tempo, os imigrantes que vinham do Oriente Médio eram chamados de turcos, como o que ocorre atualmente com os imigrantes / refugiados que se declaram como muçulmanos e por isso são, muitas vezes, chamados de árabes, mas são turcos, iranianos, sudaneses ou pertencentes a outras nacionalidades.

Os primeiros grupos que chegaram a partir do início do século XX se agruparam no Centro do Rio de Janeiro, formando pequenas comunidades. De acordo com Paulo Gabriel Hilu “As identidades locais e familiares também tinham um papel importante na construção de grupos de solidariedade no contexto carioca. [...] a imigração árabe [...], dava-se dentro de redes de relações sociais”.<sup>44</sup>

Aspectos culturais, que são transmitidos através da oralidade, da escrita, das histórias contadas e recontadas tantas vezes, de um determinado grupo, ao chegarem aqui personificados em seus imigrantes, buscavam o local de refúgio onde pudessem reencontrar o tempo e espaço que ficaram no passado.

Elementos como idioma, comida, religiosidade e a forma de expressar sua cultura estavam impregnados em cada esquina, com nomes como rua República do Líbano, com a publicação de jornais no idioma de origem, pois, como ressalta Paulo Gabriel Hilu, no Rio de Janeiro no período de 1896 até 1950 existiram aproximadamente 50 jornais e revistas árabes e

---

<sup>41</sup> ACNUR. *Dados sobre refúgio no Brasil*. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 09 ago. 2016.

<sup>42</sup> KNOWLTON, Clark S. *Sírios e libaneses*, p. 42-43.

<sup>43</sup> Idem. p. 37.

<sup>44</sup> HILU, Paulo Gabriel. *Árabes no Rio de Janeiro*, p. 101.

muitos desses jornais eram divulgadores do nacionalismo sírio e libanês.<sup>45</sup> Esses jornais eram a forma de ligação com a terra natal, com o passado distante e a recriação de uma memória que não poderia se perder no tempo e no espaço. Atualmente encontramos nas obras de Milton Hatoum, como “*Relatos de um certo Oriente*”, um trecho que nos remete a evocação de uma memória não vivida, mesmo descrita ficcionalmente, mas apreendida ao longo da vida,

Ter vindo a Manaus foi meu último impulso aventureiro; decidi fixar-me nessa cidade porque, ao ver de longe a cúpula do teatro, recordei-me de uma mesquita que jamais tinha visto, mas que constava nas histórias dos livros da infância e na descrição de um *Hadji* da minha terra.<sup>46</sup>

Através dos livros de Hatoum de outros autores, como Tanus Jorge Bastani, em “*Memórias de um mascate: o soldado errante da civilização*” de 1949, encontraremos relatos romanceados ou não da vida dos imigrantes de décadas passadas.

No século XX, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo surgiram associações e clubes em que se reunia a comunidade de imigrantes, como o Clube Sírio e Libanês, que era um ponto de encontro para aqueles que queriam manter contato com sua terra natal, um elo com seus familiares. Para muitos que eram analfabetos, ir ao clube era a chance de alguém ler suas cartas.<sup>47</sup>

Atualmente existem centros culturais no Rio de Janeiro que possuem como objetivo a preservação e a propagação de sua história, cultura e memória, assim como a parceria com outras instituições como prefeituras e universidades. O Centro Cultural Brasil-Turquia, promove tanto no âmbito interno (ações para sua comunidade) como externo, trabalhos como palestras, festivais, divulgação do idioma e outras atividades, atualmente o CCBT passa por dificuldades financeiras, reduzindo suas atividades. O Centro mantém um convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, na Escola Ciep 218 Ministro Hermes de Lima, em Duque de Caxias, com o do projeto cujo nome é Ensino Médio Intercultural Brasil-Turquia<sup>48</sup>, umas das poucas atividades ainda existentes no Rio de Janeiro.

Antigos e novos espaços foram traçados de formas distintas, cada qual com um papel diferenciado na formação da negociação das identidades, na hierarquização interna dos

---

<sup>45</sup> Idem, p. 98-99.

<sup>46</sup> HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*, p. 68.

<sup>47</sup> ICARABE: Instituto da Cultura Árabe. *Há 90 anos, 22 jovens sírios decidiram se reunir...*

<sup>48</sup> SEEDUC. *CIEP 218 Ministro Hermes Lima – Ensino Médio Intercultural Brasil-Turquia*.

organizadores dos projetos, na visibilidade de seus integrantes e nas relações de poder que são traçadas internamente nesses espaços. Para sírios e libaneses no século passado, de acordo com Lesser a “[...] riqueza econômica tornou-se o meio mais importante para a construção do *espaço étnico sírio-libanês*, muitas vezes por intermédio da criação de organizações comunitárias [...]”<sup>49</sup>. “As organizações comunitárias” décadas depois cederiam espaço para *Pares Cáritas* (Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio), projetos como a Feira Cultural Chega Junto, curso de idiomas Abraço Cultural e a ONG Mawon, alguns exemplos que fazem parte do cenário atualmente. Essas organizações criaram seus próprios espaços étnicos, como a Feira Chega Junto que em sua página no Instagram refere-se ao seu evento como uma feira que “Une produtores refugiados e gente de todo mundo para uma celebração étnico-cultural-gastronômica, rompendo todas suas fronteiras”<sup>50</sup>

Os espaços transformaram-se durante décadas, os espaços em periódicos cederam lugar aos virtuais, não restringindo seu acesso e ampliando seu contato com a sociedade. Ao longo da pesquisa observamos o que esses novos espaços representam e que ao longo de décadas passaram por transformações da mesma forma que as mensagens transmitidas.

---

<sup>49</sup> LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Unesp, 2001, p. 105, grifo nosso.

<sup>50</sup> FEIRA CHEGA JUNTO. Disponível em <https://www.instagram.com/feirachegajunto/?hl=pt-br> Acesso em 02 fev. 2019.

### 3 AS MEMÓRIAS E SEUS ESPAÇOS

Espaço e memória estão interligados, pois se existe a necessidade de memórias, também existe a necessidade de espaços para seu armazenamento e divulgação, espaços que nos remetem aos museus, a centros culturais, clubes, espaços físicos, e até mesmo cartas, álbuns fotográficos, diários, filmes, pois estes últimos necessitam da proteção de um local de preservação que podem não ser os primeiros elencados anteriormente. Ao longo dos séculos os espaços foram tomando as mais diversas conotações, da abstração ao concreto. De acordo com Lefebvre,

Tradicionalmente, o termo não evocava senão os matemáticos, a geometria (euclidiana) e seus teoremas, portanto uma abstração: um recipiente sem conteúdo. Na filosofia? Com frequência, o espaço era desdenhado, tratado como uma ‘categoria’ entre outras (um ‘a priori’, diziam os kantianos: uma maneira de dispor os fenômenos sensíveis). Às vezes, era carregado de todas as ilusões e de todos os erros: desviando a interioridade de ‘si’, o desejo e a ação, para o exterior, portanto, a vida psicológica para fora e para o inerte, espedaçante e espedaçado (com e como a linguagem: Bergson). Quanto às ciências que dele se ocupavam, elas o repartiam, o espaço se fragmentando segundo postulados metodológicos simplificados: o geográfico, o sociológico, o histórico, etc. No melhor dos casos, o espaço passava por um meio vazio, recipiente indiferente ao conteúdo, mas definido segundo certos critérios inexprimidos: absoluto, ótico, geométrico, euclidiano-cartesiano-newtoniano. Se ‘espaços’ eram admitidos, eram reunidos num conceito cujo alcance permanecia mal determinado.<sup>51</sup>

O que representa o espaço na atual pesquisa e o que existe além? Territorialidades? E o que elas são? Precedem ao espaço? Como homens e mulheres se definem nesses espaços de memórias e de produção de sua própria subsistência. Seja em uma feira, em um teatro, em uma aula cultural ou em uma ONG, os espaços se formam através das mãos de migrantes e refugiados, compostos por uma hierarquia que se funde nas relações de poder que estão implícitas e seu interior, no planejar e no fazer, na elaboração da comida, da oficina, no falar, na desenvoltura do corpo que carrega em si suas memórias, no esquecimento. O espaço é o palco dessas ações, porque ele se transforma de um pátio em uma “celebração étnico-cultural-gastronômico”, porém algumas vezes é transcendente, caso do jovem marroquino Mohammad

<sup>51</sup> LEFEBVRE, Henri. A Produção do Espaço. Disponível em <

Al Jazouli que se encontra no Brasil desde 2016 e que trabalha como professor de francês no curso Abraço Cultural. Mohammad falou em qual espaço a ação de rememoração se concretiza em sua vida no Brasil,

Um lugar muito estranho, eu vou te falar, o *shopping*, cada *shopping*, porque o Marrocos, eu estava saindo com meus sobrinhos, o *shopping* na Casablanca, *Morocco Mall*, então, eu sai com eles, a gente vai para [inaudível], eles querem jogar, comer em *McDonald's*, comer, bata frita e todo e andar e correr no *shopping*, muito espaço, muito verdura e jardim do *shopping* e tudo e eu saía com eles sempre, eu estava saindo com eles sempre. *Aqui quando eu entro em shopping, eu sinto que estou com eles, às vezes entro em shopping para não fazer nada, só para andar, para andar, é um pouco estranho porque as pessoas não sentem nada no shopping, porque não tem nada mais, mas pra mim tem muitas coisas.*<sup>52</sup>

Na concepção de Mohammed o shopping é “um lugar muito estranho”, mas como escrito anteriormente, muitas vezes memória e espaço estão imbricados. Mohammed traz à tona a memória dessas idas e no *shopping* ele encontra elementos que o levam de volta ao passado, como o barulho das crianças, as vitrines e o *McDonald's*. O estranhamento de Mohammad se expressa na seguinte frase: “é um pouco estranho porque as pessoas não sentem nada no *shopping*, porque não tem nada mais, mas pra mim tem muitas coisas”, essas muitas coisas são os elementos que lhe trazem à memória imagens e sensações do passado, essa situação é peculiar porque é um espaço desvinculado de elementos culturais. Marc Augé aborda os “não lugares” do mundo contemporâneo que para ele “[...] são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os meios de transporte ou os grandes centros comerciais”<sup>53</sup> como os *shoppings*, na realidade destituídos de significados, mas a lógica é quebrada quando esses espaços se tornam o reverso do defendido por Augé. Não lugares, se fossem reais, não estabeleceriam relações de poder representadas pelas relações comerciais, sociais, culturais e afetivas, como no caso de Mohammad.

A Feira Chega Junto, a Aula Cultural, a ONG *Mawon*, a memória se torna parte desses espaços, algo que está irremediavelmente ligado a uma ideia, espaço abstrato e concreto ao mesmo tempo, ao visitante o que lhe atrai são os aromas, sabores, histórias, o diálogo, a

<sup>52</sup> JAZOULI, Mohammad Al. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 30 nov. 2017. 1 arquivo mp3. Grifo nosso.

<sup>53</sup> AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermordenidade*, p. 36.

música e a dança. O outro olhar, o do pesquisador, dever ver além do conteúdo existente, a formação do espaço e as relações tecidas em seu interior. A memória antecede a identidade, ambas se encontram em um espaço de visibilidade. Memória, identidade e espaço interagem simultaneamente.

Material ou imaterial, a memória está presente em todos os momentos de nossas vidas, nas ruínas de uma cidade, em um monumento, em recordações ou no nosso próprio esquecimento, porque “[...] talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória”<sup>54</sup>. Memória inscrita no corpo, em lugares e espaços de memórias, ou as memórias subterrâneas de Michael Pollak, tantas são as memórias que nos rodeiam, pois de acordo com o neurocientista Ivan Izquierdo é “... mais sensato falar em ‘memórias’, e não em ‘memória’, já que há tantas memórias quanto experiências possíveis”<sup>55</sup>, e são essas “experiências possíveis” que também modelam nossa identidade. A memória é sempre presente, diária, faz parte de nossa rotina os mais simples atos de memória, desde o acordar e lembrar um sonho, um evento relacionado a uma data, uma fala para um ator, uma experiência de vida que nos marcou, memórias que se transformaram em traumas, não tocadas, adormecidas, memórias de guerra, pois a “guerra – para dizer de maneira mais leve – alimenta-se de pessoas incapazes de esquecer”<sup>56</sup>, pois o material que alimenta essas memórias nunca cede ao vazio, de acordo com Pierre Nora,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da evolução e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.<sup>57</sup>

Não vivemos sem memórias, elas fazem parte do nosso cotidiano, sejam memórias individuais ou coletivas, quando caminhamos pela cidade e passamos diante de um antigo endereço será impossível evitar as memórias que fluem naquele exato momento, mesmo que

---

<sup>54</sup> IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*, p. 17.

<sup>55</sup> IZQUIERDO, Ivan. *Memória*, p. 23

<sup>56</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, p. 77.

<sup>57</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história*, p. 9.

não queiramos, um monumento em uma praça pública remeterá à nossa memória um evento da memória nacional, conforme Candau,

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas, produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a essência e o conhecimento de si.<sup>58</sup>

Esses espaços representam para alguns uma forma de resistência formada por suas memórias, ela está presente e não é invisível aos olhos do pesquisador. Michel Pollack fala que “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”<sup>59</sup>, e para encontrar essa escuta faz-se necessário que haja um local, e alguns desses espaços possuem até mesmo essa finalidade, ao entrevistar Nelly Llaneras em um final de tarde, após um exaustivo dia de trabalho, assando arepas e vendendo empanadas. Ela sentou com seu avental e sua touca e contou sua trajetória desde a Colômbia até a chegada ao Brasil (Anexo C). Nelly foi docente durante vinte anos na Colômbia, até que decidiu se mudar para o interior, sua trajetória de vida acompanha a do seu país até o ano de 2012 quando veio para o Brasil, desde o surgimento das FARC, passando por Pablo Escobar até os grupos paramilitares, Nelly conta sua vivência, e são nesses momentos que os espaços cedem às narrativas que tantas vezes ao longo do texto são mencionadas. O esquecimento não fez parte das memórias das ditaduras em países como Chile, Argentina e Brasil, estão sempre presentes e narradas por seus sobreviventes e de fato para a geração de brasileiros que fazem parte da mesma de Nelly conheceu-se mais os horrores dessas do que de outros eventos traumáticos. Não é natural falar de acontecimentos traumatizantes, e o trauma sempre traz consequências para a memória que se personifica no corpo, como a jovem síria que não colaborou porque sua narrativa se tornou repetitiva de tal forma que em determinado momento ela sentiu que não mais chorava, tornou-se um ato mecânico, mas existe a necessidade da fala e esta é imprescindível para a formação dos espaços de memória, falar é se libertar de cargas traumáticas, essas cargas em Nelly, por exemplo, se rompem quando ela fala, quando qualquer outra pessoa fala e o espaço permite que isso aconteça, mas não é qualquer espaço, não é o espaço do entrevistador, é o espaço do entrevistado, é como a descrição do fim do trabalho de Nelly e como ela se veste, se acomoda na cadeira, é o tom de sua voz, todos os

---

<sup>58</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*, p. 60

<sup>59</sup> POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*, p. 6.

elementos estruturados em um espaço que é transitório. Onde antes existia o cheiro e o sabor da comida, agora tem-se a voz da narrativa de como a partir de sua infância ela passou a ter a percepção das transformações em seu país que a levariam um dia a se deslocar para outro local, mas a memória é impregnada por acontecimentos “vividos por tabela” que veremos adiante. Nelly não foi uma colombiana distante dos acontecimentos vividos em seu país, ela estava mais próxima dessa realidade em sua vida,

Do pré-escolar, trabalhei pelo *espacio* de vinte *años* como docente e mesmo com aquela insegurança que tinha o país na época e com aquelas vivências, foi muito complicado e então eu decidí que eu ia morar na fazenda, em um lugar mais tranquilo, em um sítio, aí eu tinha que comprar, começar uma vida, mas foi uma coisa muito complicada, Na época as FARC atuavam [inaudível] Porque eu lembro muito do Comandante desde que eu tenho 3 ou 4 *años*, eu ficava próxima a ele e ele fazia carícias na minha cabeça e ficava mexendo com as armas dele, era tão natural que as pessoas não impediam, e não sei sinceramente como as pessoas atuavam [...]. Eu fico lembrando, que eu ficava brincando com as armas dessas pessoas e o bom para mim foi uma ideia de que eles eram pessoas boas, que eram pessoas que lutavam por uma causa, por nós, por nossa vida, não entendia por que, mas todo o que eu lembro dessa época, tirando massacres, era que eu queria ser participante obviamente, continuava estudando, *creciendo*, eu queria participar das guerrilhas porque para mim era tudo, era como *el* exército, como *la* polícia, com aquela coisa que você se sente protegida, que você está brincando em um lugar e ninguém vai mexer com você, porque você está protegida por eles. Então foi por esse jeito que me criei, vi como se fortaleceram, como também todos os anos trocaram as ideias, diferentes de luta, de povo, de querer ajudar *a la* classe média baixa, mais necessitada, mas uma década *despues* eles mudaram totalmente e ficaram narcotraficantes, então acabou aquela ideologia que eles tinham de luta por direitos, direitos de igualdade e aí ficaram eles já, foi narcotraficantes, foi quando ficaram muito mais violentos, sequestrando, matando crianças, matando famílias inteiras completas, desapareciam, *forzosas*, de famílias completas, que você nunca mais tinha como saber delas, sabes?<sup>60</sup>

A história de Nelly é como de tantas outras mulheres que fogem de conflitos internos, que fogem da violência que as tornam vítimas e o sustentáculo da família, como é o seu caso, com seu trabalho na Feira Chega Junto e em outros eventos. Perguntada sobre como era a mulher colombiana e como ela é hoje, Nelly observou que,

Ser mulher na Colômbia na época era um pouco de preconceito, mulher não consegue pegar uma arma, a mulher, nessa época era assim, não consegue fazer uma vida sozinha, aquelas coisas, uma mulher não consegue fumar, mulher não pode fazer essas coisas, [inaudível], mas também a mulher por

---

<sup>60</sup> LLANERAS, Nelly. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 31 mar. 2018. 1 arquivo mp3.

todas as experiências que passa, eu acredito que a mulher colombiana, é muito mais liberada do que a brasileira, muito mais livre e capacitada para afrontar a vida como uma mulher sozinha, a mulher colombiana hoje em dia consegue, muito mais liberada, muito mais livre e capacitada para afrontar e ter uma vida sozinha e sacar os filhos sozinha lá na frente. Eu vejo mulher colombiana muito forte na nossa cultura, sabe? Muito decidida, muito capaz, também dever ser aquela coisa [inaudível], aquela luta de querer, fortalecendo. Eu me vejo como uma mulher lutadora, como uma mulher capaz, como uma mulher guerreira.<sup>61</sup>

A mulher migrante e/ou refugiada conquistou um status que difere da mulher das primeiras décadas do século XX, como a mulher de uma forma geral, adquirindo seus direitos ao longo do século passado.

Memórias semelhantes fazem parte de outras narrativas como as do jovem sírio Rami e de tantas outras pessoas que fugiram de conflitos armados. Muitas vezes as memórias são armazenadas em celulares, que virtualmente habitam em redes sociais, memórias que se comunicam mesmo instantaneamente em tempos de guerras, memórias que habitam espaços como uma feira, as tradições culinárias, indumentárias, a música e seus instrumentos típicos de várias culturas como o *derbake*, o cinema documentário como veículo de memória, palestras, entrevistas, danças, filmes e até mesmo jogos de futebol, as narrativas, todas reunidas em espaços transitórios. A memória e a transmissão oral, uma de suas expressões, passada ao longo do tempo no interior de uma sociedade, no seio de uma família e legitimada através de fotografias, documentos, monumentos, com o cruzamento de outros relatos, tornando-se, também, História, Candau observa que,

A história tenta revelar as formas do passado, a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A preocupação da primeira é colocar ordem, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções e dos afetos. A história pode legitimar, mas a memória é fundacional.<sup>62</sup>

A transmissão oral dos relatos através das gerações em uma comunidade, em uma família, no qual as memórias são formadas e transmitidas através de um idioma em comum tornam-se marcantes nesse grupo de tal forma que serão vivenciadas pelas gerações posteriores, pois de acordo com Said “Cada pessoa vive sua vida em determinada língua; suas

---

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> CANDAU, Joël. *La Antropología de la memoria*, p. 56-57.

experiências, em função disso, são vividas, absorvidas e lembradas nessa língua”<sup>63</sup>. Aleida Asmann traça o conceito de “estabilizadores da recordação”, que podem ser externos, como mnemotécnicas objetais e visuais até a escrita e de mecanismos internos à memória, como a língua,

A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formado na linguagem natural. Quando ocorre a verbalização, não nos lembramos mais dos acontecimentos em si, mas da nossa verbalização deles. Os signos lingüísticos funcionam como nomes, com os quais objetos e situações podem ser evocados novamente. [...] Pela língua, recordações individuais são estabelecidas e socializadas.<sup>64</sup>

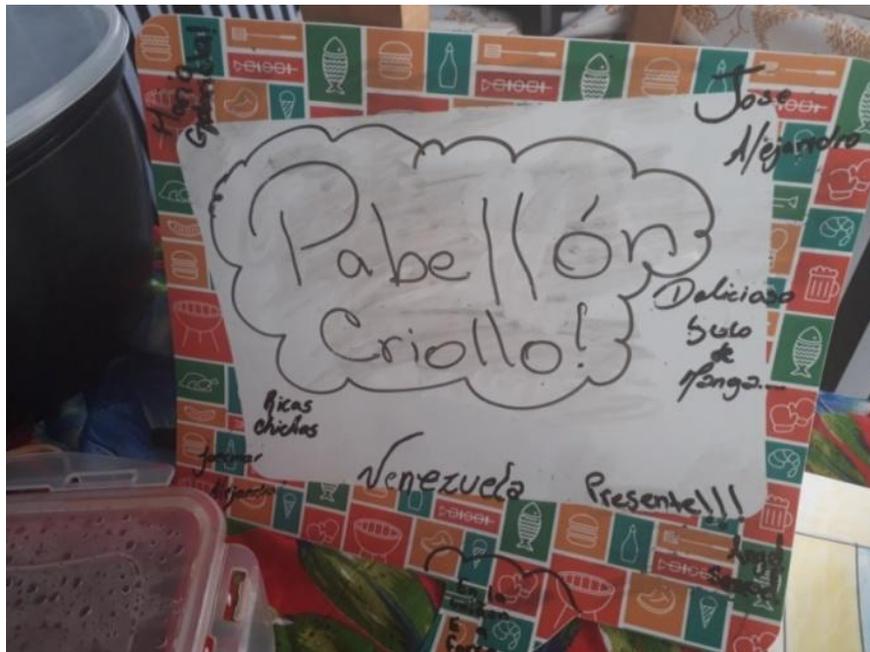


Figura 3 *Pabellón Criollo*. Fonte: A autora (2018).

A língua, assim, tornou-se um dos elementos essenciais à divulgação da memória e do que ela carrega ao longo de sua jornada (figura 4), de seus significados, do que está implícito e como muitas vezes pode determinar o local de destino por compartilhar características que possuem a mesma origem, conforme Benedict Anderson “Por meio da língua, [...] restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e *destinos bem selecionados*.”<sup>65</sup>

<sup>63</sup> SAID, Edward. *Fora do lugar*, p. 14

<sup>64</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, p.268-69.

<sup>65</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*, p.14, grifo nosso.

“Destinos bem selecionados”, foi dessa forma que a venezuelana Maria Elias chegou definitivamente ao Brasil em 2015, mas antes disso

Nós viemos para cá em 2014, na Copa do Mundo, nós ficamos quarenta dias, [...]. O jeito do brasileiro é muito parecido com a Venezuela há uns trinta e cinco anos, mais ou menos, a amabilidade, os valores, o desejo de ajudar as pessoas [...]. Também tínhamos a opção de ir para o Líbano, mas era completamente diferente, de repente o menor pega (seu filho mais novo) o idioma, mas o maior que tinha 16 anos quando saímos de lá, então para começar uma língua, vai ser muito mais difícil para ele do que para o menor, então decidimos o Brasil porque era a melhor opção.<sup>66</sup>

São as dificuldades, algumas como o idioma, por exemplo, que fizeram com que a família de Maria optasse pelo Brasil, assim como algumas características que talvez nos tornem muito próximos dos venezuelanos, além de ter familiares no país.

As bagagens dessas pessoas possuem em seu interior as memórias, que se transformarão em muitos casos em um meio de se inserir na sociedade e pode estar representada na arte, na gastronomia, na difusão do seu idioma através do ensino, na sua cultura e história de vida. São esses micros-espacos, representados tanto virtualmente quanto fisicamente, que formam as narrativas dos acontecimentos vividos por essas pessoas nas primeiras décadas do século XXI. Esses espacos são territórios que possuem transitoriedade, pois não são fixos. A construção desses espacos de memória se origina da desterritorialização tanto física quanto emocional do refugiado, assunto que será debatido mais adiante.

Não existe fronteira, que para Bourdieu “[...] esse produto de um ato jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta”<sup>67</sup>, na realidade existe a diferença cultural sem o traçado de fronteiras, e essa diferença cultural é elemento vital para sua sobrevivência, pois é a partir dela que serão extraídas as potencialidades que passam a existir, e que serão determinantes para o futuro dessas pessoas. Elas passam a fazer parte de um novo mundo social, pois de acordo com Bourdieu esse mundo “[...] é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto”.<sup>68</sup> A diáspora fez com que suas comunidades fossem substituídas ao longo do caminho, mas nunca reconstruídas. A comunidade nunca será recriada de acordo com as memórias existentes, Bauman observa que,

<sup>66</sup> ELIAS, Maria. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 04 abr. 2018. 1 arquivo mp3.

<sup>67</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, p. 115.

<sup>68</sup> Idem, p. 118, grifo nosso.

[...] uma vez ‘desfeita’, uma comunidade, ao contrário da fênix com sua capacidade mágica de renascer das cinzas, não pode ser recomposta. E se isso acontecer, não será da forma preservada na memória (mais exatamente, invocada por uma imaginação cotidianamente assolada pela insegurança perpétua) – única forma que a faz parecer tão desejável como uma solução melhor do que qualquer outra para todos os problemas terrenos.<sup>69</sup>

Não reencontrando mais suas comunidades, esses espaços que desfrutavam do compartilhamento de bens materiais e imateriais, esses indivíduos têm a tarefa de trilhar um caminho em busca de novos locais em que possam exercer suas memórias, sobre esses espaços Assmann observa que,

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos [...].<sup>70</sup>

Entre grupos de refugiados existem aqueles que procuram recriar sua antiga comunidade, não perdendo o contato com as tradições. São nesses espaços em que as mulheres têm suas vozes ouvidas e não no interior de seus lares, pois é a sua memória reivindicada e não a memória do espaço em que habitavam, ela é sua e somente sua, não são mais os representantes do Estado que são seus porta-vozes ou líderes religiosos. Transpor fronteiras não significa apenas mudar de um país para outro, mas transpor o limite, em muitos casos, de reivindicar sua liberdade, de ter seu lugar de fala. Conforme Aristóteles, o “ente se diz de diversas maneiras”<sup>71</sup>.

A reivindicação de sua liberdade e de ter um lugar de fala foi o que Mohammad conseguiu ao sair de seu país, de acordo com suas palavras, no Marrocos

Não tem mais liberdade de expressão. Se você tem uma opinião diferente da maioria dos marroquinos, do rei, do governo, você não pode viver lá, sua vida não segura, você vai acabar em presídio, você não vai viver com uma dignidade, você vai sofrer muito, como muitas pessoas que escolheram ficar lá, mas eles falam ‘ah, mas a gente não vai mudar nada’, todos eles

<sup>69</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, p. 20.

<sup>70</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, p.319.

<sup>71</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*, p. 5. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/17350268/metafisica-aristoteles-livros-vii-e-viii-traducao-de-lucasangioni>. Acesso em: 02 abr. 2018.

reclamam aqui [...], eles não têm coragem de mudar a vida, mas eu tinha coragem de mudar a vida, eu não queria ficar lá, especialmente depois de uma depressão de quatro anos, eu queria só sair para viver normal.<sup>72</sup>

Mohammad não mudou apenas de país, não transpôs simplesmente as fronteiras, ele abriu espaço quando percebeu-se detentor de uma coragem que o fez seguir em outras direções, mais adiante abordaremos sua história com o abraço Cultural.

O século XX transformou memórias em diários, cadernos de guerra, documentários, filmes, entrevistas histórias de vidas, monumentos, comemorações de eventos, relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, a Shoa, a Nakba palestina, relatos que envolveram os desaparecidos políticos na América Latina nos períodos de ditaduras, Kosovo, Bósnia, Ruanda, etc. O século XXI transforma suas memórias em espaços onde são exteriorizadas através de narrativas e a partir desse momento divulgadas através dos mais diversos meios de comunicação.

A exteriorização da memória tornou-se simbólica no século XX e adentrou o XXI com o mesmo ímpeto, a necessidade de não esquecer, de fazer lembrar as experiências individuais e coletivas, em “suma a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta.”<sup>73</sup> A memória mais do que no século passado, está ocupando novos espaços, virtuais ou não. De acordo com Aristóteles, a “... memória é do passado”<sup>74</sup>, mas habita o presente e é “... um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.”<sup>75</sup>

A memória e o espaço em que habitamos passaram por metamorfoses ao longo dos últimos anos, nossas memórias estão repletas de memórias alheias, contadas por nossos familiares, pelo que ouvimos além das fronteiras de nossas residências, pois essas memórias estão mais perto de nós do que possamos imaginar e muitas vezes nos tornamos parte delas ou seus reféns, elas representam elementos que compõem a memória individual ou coletiva que para Michael Pollack são,

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem

<sup>72</sup> JAZOULI, Mohammad Al. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 30 nov. 2017. 1 arquivo mp3.

<sup>73</sup> HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, p. 16.

<sup>74</sup> AQUINO, Tomás. *Comentário sobre “A memória e a reminiscência” de Aristóteles*, p. 31.

<sup>75</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*, p. 53.

sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.<sup>76</sup>

Os acontecimentos vividos por tabela são resultados de “transferências”, de “projeções”, daí a necessidade de um escrutínio, não querem dizer que são falhos, que a memória por ter aderido a essas memórias fora do espaço-tempo não condizem com a realidade vivida por um grupo, apenas não pertencem ao exato momento de rememoração.

O corpo muitas vezes transforma-se em um espaço de uma memória que não quer mais ser um agente transmissor de sua trajetória, durante a pesquisa uma das possíveis entrevistadas que ao falar “não” para uma entrevista, cedeu um espaço ao direito do esquecimento, de tantas vezes contar sua história em entrevistas, lhe revelou ao final a ausência do choro, o falar tornou-se um movimento mecânico, repetitivo. De acordo com Aleida Assmann,

O corpo também pode funcionar como um meio em si, na medida em que os processos psíquicos e mentais de recordação são ancorados de maneira tanto somática quanto neuronal. O corpo estabiliza lembranças por meio da habituação, e as fortalece pelo poder da afecção. A afecção como componente corporal das lembranças possui uma qualidade ambivalente: pode ser vista tanto como indício de autenticidade quanto como motor de falsificação.<sup>77</sup>

Os atuais movimentos de deslocamento trazem essa possibilidade para algumas dessas mulheres (existe uma miríade de situações em que se tem a oportunidade de se expor ou não), falar em uma entrevista ou em uma palestra permite não apenas trazer as memórias como a da colombiana Nelly Llaneras, que falou dos traumas gerados em sua vida durante a entrevista, “[...] trago muitas cargas emocionais, tomo medicação para dormir, tomo medicação para

<sup>76</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade*, 2.

<sup>77</sup> ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, p.25.

pânico, para tudo, tomo medicação. E tenho dias que não consigo sair de casa, mas mesmo assim eu vou em frente.”<sup>78</sup>

Os atuais espaços são micro-espaços de memória, onde pessoas de ambos os sexos se permitem relatar suas experiências em conflitos, a busca por um lugar seguro, a preocupação com os filhos, o seu olhar sobre a política de um governo. Mas existe o outro lado, aquele em que o trauma gerado pela memória já não permite mais que haja um lugar de fala e o direito a sua negativa como ocorreu ao longo da pesquisa. Nelly Llaneras foi uma dessas pessoas que relataram suas experiências e sempre que surge uma oportunidade ela fala sobre sua trajetória de vida, o contar e recontar tornou-se uma forma de visibilidade para o que aconteceu ao longo de décadas em seu país,

Então, cresceu a força dentro da FARC e eles submeteram *al* povo *campesano*, aquelas pessoas que são fazendeiros, que trabalham. Aí você tinha um exemplo, na época você tinha 500 cabeças de gado, 250 era para você e 250 era para ele, você não podia falar que não. Se na época eles chegavam e eles ficavam dentro da sua fazenda por mais de dois dias, três dias, quatro dias, eles pegavam tudo para comer e era assim, você não podia, se tinha crianças, *ellos lebavan* crianças, se pai ou mãe falavam que não podia pegar as crianças, não permitiam, morriam mesmo *así*, era uma cosa violenta e louca, nas décadas de mandato, FARC, *haciendo* [...] *con* el narcotráfico, até que *apareció también el* famoso Pablo Escobar, um delinqüente, narcotraficante, poderoso, que *quiso* comprar *el* estado colombiano, ele comprou *el* povo colombiano, tudo aquilo que ele tocava, era dele, sim, porque você aceitava ou não aceitava, era dele. *Donde* ele queria estar, ele *estaba*. Por cima de tudo, então, foi quando apareceram as crianças bomba, *sí*, meninos de 11, 12, 13 anos, cheios de bomba, elas explodiam porque você tinha que *morir*. Como trabalhavam aquela criança? Eu vou comprar casa para sua mãe, vou mandar seus irmãos para a Europa estudar, eu vou dar tantos milhões de pesos, e você, simples, vai e mata essas pessoas [inaudível], mesmo era tanta aquela coisa que infundiam nas pessoas que conseguiam. Isso não tínhamos na Colômbia, na época de Pablo Escobar, homens bomba, mulheres bomba, crianças bomba, não era coisa normal, que você nasceu para morrer, todos nascemos para morrer, não daquele jeito. Então você perdeu a sua cultura, seus valores, porque começou a drogar *el* povo colombiano, coisa que as FARC não faziam, as FARC começaram *sembrando* e tirando para o exterior as drogas, certo? Mas quem consumia droga dentro da Colômbia, morria, não era permitido, se você cultivava, processava, mas você não podia consumir, porque você morria. O que aconteceu com Pablo Escobar? Pablo Escobar fez todo *lo* contrário. Ele drogou para poder manipular as pessoas, uma pessoa já drogada, uma pessoa que já estava sob o efeito da coca, essas coisas, que tem poder e arma olhe, *casi* drogaram *las* crianças de *las* escolas, de *las* fazendas [...], ele conseguiu que os indígenas consumissem, então foi assim que ele conseguiu com o dinheiro, era um narcotraficante muito conhecido, comprou toda a cidade,

<sup>78</sup> LLANERAS, Nelly. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 31 mar. 2018. 1 arquivo mp3.

comprou todo o departamento dele, e deu droga para todo mundo, todo mundo ficou louco, todo mundo era sicário, apareceu a palavra sicário e apareceram os paramilitares, ou seja, foi uma Babilônia dentro do meu país, sabes, não em todo em toda Colômbia, mas na parte baixa da Colômbia, vivemos uma guerra de muitos anos, que o Estado nunca tomou conta, que o Estado nunca apareceu, nunca, porque o Estado era tão fraco, que quando ele chegava, sumia e voltava vinte dias depois, nunca, nunca...<sup>79</sup>

É comum encontrarmos relatos de sobreviventes do Holocausto, fotos, cartas, utensílios pessoais, documentários, filmes elementos que fazem parte da memória. É a memória em movimento, a partir desse momento, memoriais foram erguidos, museus como o de *Yad Vashem* e o Memorial de *Srebrenica*, espaços foram criados para abrigar todo o conjunto de memória, para não fazer esquecer. Atualmente os grandes espaços representados por museus cederam seu lugar a espaços transitórios, a teatros, a debates, às narrativas, a oralidade tornou-se um fator imprescindível para esses espaços. As tragédias que assolaram populações no século XX guardam a marca na memória de seus sobreviventes, seja na Alemanha nazista, no Brasil da Ditadura Militar iniciada em 1964, seja com as FARC, Pablo Escobar e os paramilitares, com o *Daesh* e *Bashar Al Assad*.

A mudança de um país a outro traz em seu encalço uma série de adaptações e a busca por um espaço de memória onde os elementos culturais de cada grupo possa se manifestar. De acordo com Pierre Nora,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, [...] porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade a todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco a necessidade de construí-los.<sup>80</sup>

Esses espaços possuem as mais diversas características, com espaços físicos fixos ou não, seu propósito não é apenas divulgar a memória e cultura dos mais diversos grupos que se encontram atualmente em situação de refúgio na cidade do Rio de Janeiro, mas inseri-los em

<sup>79</sup> LLANERAS, Nelly. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 31 mar. 2018. 1 arquivo mp3.

<sup>80</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história*, p. 13.

atividades em que possam conseguir seus meios de subsistência e a recriação de seus ritos e símbolos de fé, elementos que iremos encontrar em outros grupos. Candau observa sobre a memória e seus símbolos que,

[...] a presença marcante das origens na memória social migrante que, para facilitar a construção de uma identidade de grupo, ‘pende para os símbolos possíveis de reificação e por aqueles que acentuam a permanência da origem’: *cozinha, indumentária, expressões e perfis corporais, gestuidade, ritos religiosos*.<sup>81</sup>

O CCBT (Centro Cultural Brasil-Turquia) é um espaço dedicado à preservação da cultura turca, formado por integrantes da comunidade *Gülen* do Brasil, e que “[...] se caracteriza por fazer parte do Movimento *Hizmet* (‘serviço’ em turco) ou Movimento *Gülen*”<sup>82</sup>, atualmente esse grupo está impedido de exercer suas atividades na Turquia desde o ano de 2016, quando ocorreu a tentativa de golpe e a partir desse momento o centro fechou a unidade em Minas Gerais e o enfraquecimento de suas atividades no Rio de Janeiro, concentrando suas atividades em São Paulo. Muitos de seus integrantes por pairar sobre suas cabeças a possibilidade da prisão em um possível retorno à Turquia, solicitaram refúgio ao Brasil. O Movimento *Gülen* engloba um movimento educacional, político, econômico e até mesmo missionário, e como transmissor, atualmente, de uma memória refugiada, já que muitos de seus membros pediram refúgio no Brasil, devido às medidas tomadas pelo governo de Recep Tayyip Erdoğan, que tornou proscritas as atividades do *Hizmet*. Na cidade do Rio de Janeiro, o centro continuou com o projeto Dupla-Escola no Ciep 218 - Ministro Hermes Lima, em Duque de Caxias. Em maio de 2017 observamos nesse Ciep (figura 4), a comemoração do dia da Turquia no Rio de Janeiro, onde foi realizada uma feira onde a gastronomia, a literatura, a dança e a música estiveram presentes. No Ciep os alunos tiveram um primeiro contato com o turco e junto com o idioma, elementos da cultura que foram representados

<sup>81</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*, p. 97, grifo nosso.

<sup>82</sup> DUMOVICH, Liza. *A comunidade Güllen no Brasil: configurações locais de um movimento religioso turco transnacional*, p. 1. Disponível em:

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:158IT\\_9L594J:www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjI2MTAiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiOWU1NTNkOGJhZTYzMDAzMTQzMjNlZDgzNmEwMjEzOTgiO30%253D+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:158IT_9L594J:www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjI2MTAiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiOWU1NTNkOGJhZTYzMDAzMTQzMjNlZDgzNmEwMjEzOTgiO30%253D+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 02 maio 2018.

durante a festividade. Os adolescentes cantaram, dançaram e vivenciaram um pouco da cultura turca.



Figura 4. Ciep 218, Comemoração do Dia da Turquia. Fonte: A autora (2017).

No mundo das diásporas do século XXI, a transmissão da cultura se caracteriza pelo “nós” e o “outros” em uma constante troca, não apenas se nasce em uma cultura, torna-se em vida em uma cultura, o imigrante e refugiado tem longe de si, através de suas memórias seus símbolos representados nas indumentárias, na comida, nos ritos, e quanto mais ele à transmite, em troca também absorve a cultura do país de acolhida, sobre isso Amin Maalouf se pronuncia sobre um exemplo de sua vivência,

En el planteamiento que yo suscribo hay constantemente una exigencia de reciprocidad, que es a un tiempo deseo de equidad y deseo de eficacia. Es con ese espíritu con el que me gustaría decirles, primero a los ‘unos’: ‘cuanto más os impregnéis de la cultura del país de acogida, tanto más podréis impregnarlo de la vuestra’, y después a los ‘otros’: *‘cuanto más perciba un inmigrado que se respeta su cultura de origen, más se abrirá a la cultura del país de acogida.’*<sup>83</sup>

<sup>83</sup> MAALOUF, Amin. *Identidades asesinas*, p. 25, grifo nosso.

Quanto mais se proporciona oportunidades ao refugiado nesses espaços onde negociam seus produtos, demonstram elementos de sua cultura e tecem suas narrativas, maior será a chance de interagir cada vez mais com a cultura da sociedade que o recebe.

Observa-se nos projetos existentes e espaços destinados à fala dos refugiados, a necessidade dessa percepção, quanto maior for a abertura para os elementos de sua cultura por parte da população nativa, maior será a sua inserção no novo país. Entende-se por cultura, de acordo com Montiel que a distingue em três dimensões analíticas que são

[...] comunicación (es decir, como conjunto de sistemas de símbolos, signos, emblemas y señales, entre los que se incluyen, además de la lengua, el hábitat, la alimentación, el vestido, etc., considerados no bajo su aspecto funcional, sino como sistemas semióticos; la cultura como almacenamiento de conocimientos (no sólo la ciencia, sino también otros modos de conocimiento como las creencias, la intuición, la contemplación, el conocimiento práctico del sentido común, etc.); y la cultura como visión del mundo (donde se incluyen las religiones, las filosofías, las ideologías y, en general, toda reflexión sobre ‘totalidades’ que implican un sistema de valores y por lo mismo, dan sentido a la acción y permiten interpretar el mundo).<sup>84</sup>

Esses espaços possuem alguns objetivos que são o econômico, pois é um meio de sobrevivência dessas pessoas e divulgação de seus trabalhos, a divulgação de suas memórias através de narrativas e conseqüentemente a difusão de suas culturas.

Alguns desses espaços possuem um local próprio, outros estão voltados para a orientação de migrantes e refugiados (serviços que são cobrados), outros requerem que um espaço que originalmente possui outra função, abrigue um determinado evento como uma feira por exemplo.

---

<sup>84</sup> MONTIEL, Gilberto Giménez. Territorio y cultura, p. 13. Disponível em [https://www.researchgate.net/profile/Gilberto\\_Gimenez\\_montiel/publication/27391094\\_Territorio\\_y\\_cultura/links/0a85e52ec52c532d34000000/Territorio-y-cultura.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.researchgate.net/profile/Gilberto_Gimenez_montiel/publication/27391094_Territorio_y_cultura/links/0a85e52ec52c532d34000000/Territorio-y-cultura.pdf?origin=publication_detail). Acesso em: 28 jul. 2018.

### 3.1 Quando os espaços de memória dialogam com a sociedade

As memórias de migrantes e/ou refugiados dialogam diretamente com a sociedade, sejam em espaços abertos ou fechados, observa-se a interação entre os diversos grupos, entre o refugiado e seus ouvintes e/ou aqueles que consomem seus produtos. No espaço da *Christ Church*, idealizado pelo projeto Chega Junto, de acordo com uma de suas colaboradoras, a finalidade é emponderar o refugiado, para que ele possa seguir no futuro com seus próprios projetos, mas esse espaço é também de fala, observa-se ao longo do evento como as conversas fluem, a forma como a história de cada um é narrada aos poucos, seja a um visitante ou a um grupo de pesquisa, ou em uma entrevista, essas memórias transferem-se do refugiado para um receptor, é uma cadeia contínua de transmissão. Maria Elias foi uma dessas pessoas que ao chegar na cidade do Rio de Janeiro precisou buscar uma solução imediata para obter a renda necessária para sua família, na primeira vez em que vieram a gastronomia árabe ainda não estava representada pelos vários vendedores ambulantes encontrados pelas ruas da cidade, quando retornaram em 2015 observaram como a venda tinha aumentado e que seria muito difícil a concorrência, e nesse momento entraram em contato com Chega Junto que lhes propôs parceria, o que veremos mais adiante no capítulo destinado a esse projeto..

Esses espaços agregam uma cadeia de transmissão que se utiliza das redes sociais, do cinema documentário, da literatura, entrevistas, oficinas diversas, como exemplo, a “Oficina estético-política com pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio no Brasil”, realizada aos domingos no período de abril a junho de 2018 no Espaço Cultural Olho da Rua, onde uma de suas atividades foi um exercício de memória, trazendo à tona a memória dos antepassados, através da expressão do corpo ou através de uma oficina como a do *djembe*, ocorrida na *Christ Church* em maio de 2018, fazendo parte do Projeto Chega Junto. Esses espaços são transitórios, móveis e delimitados por fronteiras representadas pelo tempo e por um território, o qual será discutido mais adiante.

Esse diálogo faz-se necessário para que a sociedade não marginalize o migrante e principalmente o refugiado, reforçando estereótipos que muitas vezes são atribuídos a pessoas oriundas de países do Oriente Médio, por exemplo. Conhecer o outro é um exercício necessário para que estereótipos sejam desconstruídos.

As oficinas realizadas, principalmente aquelas que envolvem crianças, são uma oportunidade para reforçar o contato com o outro, com diferentes culturas e trazer maior visibilidade para a riqueza cultural que o refugiado traz em sua bagagem.

A música e seus instrumentos possuem uma forte presença em alguns desses grupos, entre congoleses, haitianos e árabes da diáspora ela traz a capacidade de recordação do som da terra, a forte presença de um instrumento de percussão como o *djembe* ou o *darbuka* reproduz o forte pulsar do coração ao recordar o país de origem, a sensação de um retorno às suas origens, o próprio pulsar da vida, observando-se o movimento de seus corpos, desde um campeonato de futebol com o jogo Congo x Angola, no dia 12 de dezembro de 2017, realizado no Centro de Futebol Zico até uma aula cultural, a mensagem se repete, o som de um instrumento de percussão como um tambor, é um dos amigos mais ancestrais da humanidade e a acompanha em suas jornadas.

Os espaços de memória estão alocados em locais que possuem as mais diversas finalidades, são cursos de idiomas onde podem se inserir aulas culturais em que a temática é a cultura dos professores do curso, dança, gastronomia, música, debates, até a igreja anglicana que cede seu espaço físico para um evento, teatros que servem para que esses refugiados falem de suas memórias e expectativas quanto ao futuro. Essas memórias na atualidade se ramificam através de redes que utilizam os mais diversos meios, mas todas tendo em comum a comunicação linguística e elementos culturais de seus países de origem. A construção das memórias age de acordo com Aleida Assmann, quando

Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externos e *práticas culturais*.<sup>85</sup>

E essas práticas culturais inserem-se nos atuais espaços de memória, cercados de “um conjunto de mídias tecnológicas de memória”<sup>86</sup>, cujos suportes são a internet e o que ela gera em termos de espaços virtuais, no cinema documental e em fotografias.

Tantas memórias! Não vivemos mais sem elas e em seus espaços existem pessoas em busca de sabores e histórias, mas o excesso de memória em uma sociedade causa o esquecimento, já que estamos repletos de tantas memórias? Para Ricoeur: o “[...] dever de memória consiste essencialmente em dever de não esquecer. Assim, boa parte da busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer.”<sup>87</sup> A luta contra o não esquecimento é intrínseca aos grupos de refugiados, de qualquer pessoa que migre de uma região à outra, e suas

---

<sup>85</sup> ASMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*, p. 25-26, grifo nosso.

<sup>86</sup> Idem, p. 25.

<sup>87</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 48

memórias são transpostas de um lugar a outro, aquilo que é lembrado é associado a um lugar ou a algo que nos diz respeito, de acordo com Ricoeur,

Assim, as ‘coisas’ lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos lugares de memória, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico. Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos reminders, dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória que falha, uma luta na luta contra o esquecimento, até mesmo uma suplementação tácita da memória morta. Os lugares ‘permanecem’ como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras.<sup>88</sup>

A materialidade do que é lembrado se conecta ao imaterial, lugares e lembranças, o que é tátil e o que não é mais, assim nesses espaços de memória que possuem um pouco dos lugares de memória de Pierre Nora, pode-se encontrar um instrumento musical que faz a memória vir à tona, é o corpo na dança congoleza no Centro Cultural Habonin Dror, é a oficina de caligrafia árabe no SESC Tijuca (figura 5).



Figura 5 Oficina de caligrafia árabe, SESC Tijuca. Fonte: A autora (2018).

---

<sup>88</sup> Idem, p. 57-58.

A segunda edição do Rio Refugia 2018 (figura 6) ocorreu no sábado dia 23 de junho no SESC Tijuca e reuniu várias nacionalidades em seu espaço para comemorar o dia do Refugiado, das 10 até às 17 horas oficinas de percussão e caligrafia árabe tiveram espaço entre os visitantes para mostrar a música e a arte da caligrafia, barracas gastronômicas típicas de países como Síria (figura 7), Haiti, Venezuela, Congo, Nigéria e Colômbia. É a necessidade de criar datas que sejam um marco na memória refugiada que faz com que essa identidade seja reafirmada através de comemorações..



Figura 6 Rio Refugia, SESC Tijuca. Fonte: A autora (2018).



Figura 7 Barraca síria no Rio Refugia. Foto: Marta Almeida, 2018.

### 3.2 Abraço Cultural e Aula Cultural

O Abraço Cultural é um curso formado por professores refugiados, um projeto que surgiu em 2015 em São Paulo e em 2016 na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Roberta Souza (íntegra da entrevista no Anexo B), coordenadora de comunicação do Abraço Cultural do Rio de Janeiro o Projeto do Abraço,

[...] surgiu em 2015 em São Paulo, porque o Abraço tem uma relação muito forte com uma outra ONG que se chama Atados, que eles são uma ONG que, assim, resumindo eles conectam pessoas que querem ser voluntários à ONGs que precisam de voluntários. [...]. Então, lá em São Paulo, o Atados em 2014, eles fizeram uma Copa do Mundo dos Refugiados e aí os voluntários do Atados sentiram que era bem legal trabalhar com refugiados e eles queriam propor algum projeto que fosse mais duradouro para eles, que pudesse ajudá-los no sentido de gerar renda, para eles começarem a reconstruírem a vida aqui no Brasil. Em 2015, os voluntários, eles começaram a ter a ideia do Abraço Cultural lá e aí o curso piloto foi em julho de 2015 lá em São Paulo, foi um curso intensivo de férias e aí eles tiveram muito mais inscrições do que eles achavam que ia ter, então foi um sucesso. Aí, eles começaram o curso lá, depois, logo depois desse curso de férias começou no segundo semestre de 2015 e aqui no Rio começou em 2016, em março. Aqui no Rio tem eu, a Cacau que é a coordenadora pedagógica daqui e a Tati que é coordenadora meio que administrativa. Aí, elas duas fundaram o Abraço aqui junto com um outro rapaz que trabalha no Atados e que veio abrir o Atados no Rio de Janeiro também, mas são duas organizações separadas, a gente até divide o espaço aqui com eles, eles têm uma sala que eles ficam lá do outro lado. E então, começou em março de 2016 e hoje tem nós três aqui, nós três, os professores e em torno de 260 alunos. A gente tem aula aqui, na sede, que é na Tijuca, que até foi uma parceria que a gente tem, a gente não tem ajuda financeira de nenhum lugar, a gente se sustenta pelo pagamento dos alunos que pagam os cursos, só que a gente tem parceria tipo de lugar, por exemplo aqui, esse lugar é uma parceria que a gente tem com o Brasas, com o curso de inglês, então eles cedem pra gente ter as nossas atividades aqui e em Botafogo também é um outro espaço, que é uma parceria que é um centro de cultura judaica, a gente também tem aulas lá, mas lá só tem duas salas, e então a gente tem bem menos turma, e a gente só pode usar à noite de segunda à sexta, aqui a gente tem aula de segunda à quinta à noite, e segunda e quarta de manhã e sábado de manhã também.<sup>89</sup>

O Abraço Cultural do Rio de Janeiro foi inaugurado em 2016 e sua sede se localiza no bairro da Tijuca, na Rua Conde de Bonfim nº 488, 3º andar (figura 8) e possui uma filial em

---

<sup>89</sup> SOUZA, Roberta. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo mp3.

Botafogo na Rua Paula Barreto nº 30, essas alocações são resultados de parcerias com o curso de Inglês Brasas e com uma casa de cultura judaica, o Centro Cultural *Habonim Dror*. O curso possui aulas de francês, árabe, espanhol e inglês, cujos professores são provenientes de países como Gâmbia, Síria, Marrocos, Congo e Venezuela. Esse espaço surgiu da formação de parcerias, com a Atados, com o curso de Inglês Brasas e com o *Habonim Dror*, o que veremos mais adiante com o Projeto Chega junto que surgiu com a parceria da Junta Local e da Christ Church. Não é ajuda, o que alguns entrevistados refutam, mas parcerias, negócios que dão viabilidade aos projetos e visibilidades à essas pessoas. Assim como o Abraço Cultural é uma organização separada da Atados, a feira Chega Junto também é um projeto que nasceu no Coletivo da Junta Local, mas não está vinculado a mesma.



Figura 8 Sala do curso Abraço Cultural, Tijuca. Foto: Marta Almeida, 2017.

Na recepção do Abraço Cultural encontramos a palavra diversidade representada nos idiomas do curso (figura 9), a característica principal do curso é essa marca representada nos diferentes sons dos idiomas e culturas que são abraçados pelo curso, como o próprio site indica ao mencionar a imersão cultural como uma das metodologias (figura 10).



Os dados foram atualizados em fevereiro de 2019 por e-mail e de acordo com Roberta Souza, o Abraço Cultural é composto atualmente por doze professores distribuídos da seguinte forma: seis professores de francês, dois professores de espanhol, dois professores de inglês e dois professores de árabe. As aulas ocorrem às sextas-feiras e sábados na parte da manhã, sendo que a maioria das aulas ocorre à noite. A média de alunos por semestre é de 325. Quando a entrevista ocorreu o número de alunos era de 260, então observamos que o curso teve um acréscimo de 65 alunos. E as aulas que eram segunda, quarta e sábado na parte da manhã, passaram para sexta e sábado nesse horário, os demais dias as aulas ocorrem à noite. Com o passar do tempo o curso se adapta ao contexto no qual se encontra.

O curso possui sete salas e cada uma é dedicada a uma mulher que atuou como ativista em direitos humanos ou ambientais, ganhadoras de algum Prêmio Nobel, sociólogas e romancistas como Chimamanda Adichie Ngozi, escritora nigeriana (figura 11), Gabriela Mistral, poetisa, diplomata e ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1945 (figura 12), Malala Yousafzai, ativista paquistanesa e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2014 (figura 13), Marjane Satrapi, escritora e cineasta franco-iraniana (figura 14), Rigoberta Menchú, ativista dos Direitos Humanos e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 1992 (figura 15), Wangani Maathai, foi ativista do meio-ambiente do Quênia e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2004 (figura 16) e Marielle Franco, socióloga e vereadora, assassinada em 2018. Não colocamos a foto da Sala Marielle Franco devido à data da visita ao curso que realizou-se em outubro de 2017.



Figura 11 Sala Chimamanda. Fonte: A autora (2017) Figura 12 Sala Gabriela. Fonte: A autora (2017)



Figura 13 Sala Malala. Fonte: A autora (2017).



Figura 14 Sala Marjane. Fonte: A autora (2017).



Figura 15 Sala Rigoberta. Fonte: A autora (2017).



Figura 16 Sala Wangari. Fonte: A autora (2017).

As imagens trazem viva a memória de um passado, como o assassinato de uma vereadora, a luta pelos direitos humanos e ambientais, identidades como ser mulher e indígena, mulher e negra, mulher e lutar por seus direitos em uma sociedade patriarcal. O

andar do curso expõe em suas paredes a voz silenciosa através da fotografia (figura 17) e de uma memória que não cede ao esquecimento, mesmo fazendo parte dele. O “[...] dever de memória consiste essencialmente em dever de não esquecer.”<sup>90</sup>

O Abraço Cultural vai além de ensinar francês, inglês, espanhol e árabe, ele apresenta a cultura de seus integrantes nas Aulas Culturais que será abordada em seguida e o espaço em que se encontra abriga um trabalho de memória.



Figura 17 Feminicidade. Fonte: A autora (2017).

Além do curso de idiomas, é realizada uma vez por mês a Aula Cultural, Roberta nos descreveu que a aula é

[...] um espaço, mais para os professores contarem as experiências deles, para mostrar a cultura deles, mas essa aula cultural é com todos os alunos de todos os idiomas e que muda a cada mês, por exemplo, a gente já teve aula

<sup>90</sup> RICOEUR. Paul. *Memória e Esquecimento*, p. 48.

de salsa com os professores venezuelanos, já teve uma aula do Reino do Congo, que é uma tribo da República Democrática do Congo, já teve aula sobre a situação política da Venezuela, mundo árabe. Cada mês é um tema diferente. [...] Eles adoram esse espaço, na próxima oficina a gente quer fazer o chá marroquino, porque tem um professor que é do Marrocos, e de turbante com a gambiana, é muito legal <sup>91</sup>

Em dezembro de 2017 realizou-se uma dessas aulas e o tema abordado foi a música árabe contemporânea (figura 18). Jovens professores (figura 19) palestraram sobre as bandas de música no mundo árabe (figura 20), como a de Saad Lamjarred (Marrocos), Hoba Spirit (Marrocos), Yasmine Dawle (Líbano), Khebez Dawle (Síria, formado por refugiados e atualmente baseados na Alemanha), Mashrou' Leila (Líbano), Haifa Wehbe (Líbano), Abdo Mota (Egito), Mohammad Assaf (Palestina). Cada professor se responsabilizou pela apresentação de uma ou mais bandas, comentando sobre a trajetória dentro e fora de seu país de origem, assim como o contexto político do período de sua criação.

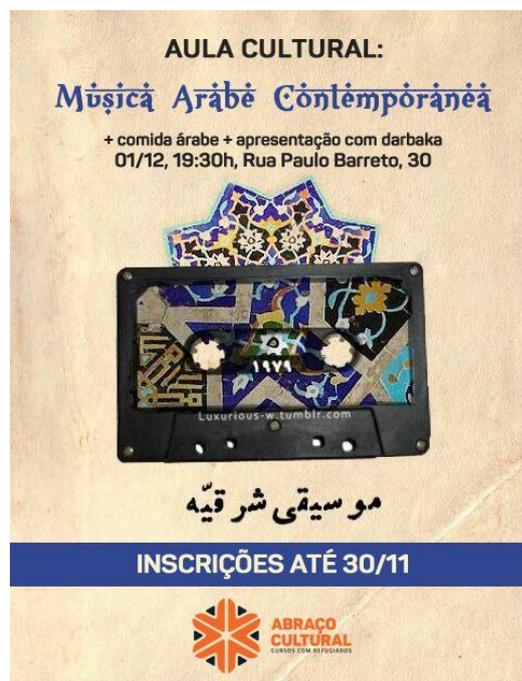


Figura 18 Convite Música árabe contemporânea. Fonte: Abraço Cultural

<sup>91</sup> SOUZA, Roberta. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo mp3.



Figura 19 Professores do Abraço Cultural. Fonte: A autora (2017).

Os elementos abordados fazem parte do cotidiano e da cultura desses jovens professores, idioma, música, instrumentos musicais, comida, instrumentos musicais como a *darbaka* (figura 21) e os símbolos presentes na vestimenta, como a *keffiyeh* e na fala. A memória também é um elemento de resistência quando Mohammad menciona uma das bandas do Marrocos, Hoba Hoba Spirit.



Figura 20 Apresentação da aula cultural Música Árabe Contemporânea. Fonte: A autora (2017).



Figura 21 Apresentação de *darbuka*. Fonte: A autora (2017).

A identidade de um grupo se solidifica à medida que seus elementos se incorporam e se fortalecem, em que encontram um espaço e o definam através da expressão de seus símbolos, crenças e cultura assumam a visibilidade necessária para que sejam englobados na sociedade. A música representou a identidade de um grupo, com outro idioma e algumas vezes reivindicando os direitos das mulheres ou a situação política de um país ou região, como o cantor palestino Mohammad Assaf.

Mohammad Al Jazouli é um dos professores do Abraço Cultural, leciona francês e conheceu o curso através de outra professora, Mariamma, ele narrou sua experiência para entrar no Abraço Cultural,

Uma amiga, Mariama, da Gâmbia. Foi uma coincidência, quando eu cheguei aqui eu não conhecia nada mais, eu encontrei ela no Cáritas quando eu pedi refúgio, agente fala um pouco porque ela tá falando em english, ela falou de onde eu era, é do Marrocos, from Marrocos. Eu lembrei que eu falei com ela: eu acabei de chegar no Brasil. Você pode me informar aqui, se Brasil é bom, porque não sabe nada, eu cheguei porque. Aqui seria bom pra mim, porque eu não sei nada. Ela me falou: sim, sim, se você quer fazer uma coisa, você vai conseguir tudo, você só tem que ter paciência, ela me falou, eu sou uma professora, um projeto é muito bom, professor de língua e tudo. Então, eu não encontrei ela depois, e um dia eu encontrei ela em Botafogo, quando eu morei na Igreja aqui do Botafogo, eu estava andando, encontrei ela em Voluntários da Pátria e falei, aí ela me conhece, falei: oh Mariama, tudo bem? É Mohammad. Ela falou: você vai para onde? Eu foi, estava sem celular, três meses, quatro meses, eu falei com ela que eu vou pra um moço para Copacabana, ele vai talvez, resolver problema de celular, porque ele não funciona agora. Eu falei com ela: e você? E ela me falou que ia para a escola porque tinha Aula Cultural, então eu falei com ela: eu posso ir com

você? Aí depois, celular *no problem*, um dia, é eu lembrei, esse dia eu não tinha dinheiro para pegar ônibus, eu estava circulando centro com meus pés, andando, então eu falei com ela: vamos, eu vou com você, melhor, porque eu vou ter que andar até Copacabana, eu não tenho memória de moço, talvez ele não vai se [inaudível] Então, eu entrei para Abraço Cultural, eu lembrei, foi uma Aula Cultural sobre o mundo árabe e tudo, depois eu saí com eles com café e tudo e depois eu não encontrei eles mais, Abraço e Mariama mais, eu fiquei muito tempo sem celular, quatro meses, cinco meses e um dia, a Tatiana, coordenadora do Abraço Cultural, visita a gente na igreja, ela me viu e me deu um abraço: Mohammad porque você sumiu, agora? A gente estava procurando, você sumiu, muito tempo. Eu com ela, falei: sim, porque eu não tenho celular, ela estava na Igreja para falar com os refugiados para fazer um curso do português. Então, eu falei com ela: quando eu tenho um celular, eu vou te chamar. Depois eu estava fazendo curso do português em Brasas com colaboração do Abraço Cultural e depois eu trabalhei com esfiha, peguei um pouco de dinheiro e comprei um celular. E aí, fiquei com contato com Tatiana e Mariama de novo e eu fui visitando sempre o Abraço Cultural e um dia eles querendo fazer seleção de novos professores. Porque o projeto estava grande, grande que antes, mais, maior que antes. Eu passei seleção de árabe, inglês e francês, então eu consegui trabalhar com eles. [...] Aí minha história com Abraço Cultural começou assim, com coincidência, mas foi muito boa a coincidência.<sup>92</sup>

Mohammad deixou seu emprego no Marrocos, no Brasil é professor de francês, partiu para encontrar um local em que pudesse viver, mesmo ganhando menos do que recebia em seu país, encontrou um espaço onde lhe é permitido exercer sua liberdade de expressão, sem pressões familiares, sem pressões de um governo que ele mesmo se tornou crítico. O Abraço Cultural é esse espaço e as Aulas Culturais são sua extensão, quem observa Mohammad percebe a tranqüilidade de seus movimentos, o falar pausado e a necessidade de ter seu lugar, de se representar, de ser visível.

### **3.3 Feira Chega Junto: espaço étnico, cultural e gastronômico**

Os espaços observados são compostos por uma gama de elementos que abarcam as barracas, a matéria prima e todo o instrumental que servirá para o seu cozimento, o tempo que é dispensado, as cores das barracas e em muitos casos as bandeiras que ficam dispostas ao

---

<sup>92</sup> Entrevista concedida por Mohammad Al Jazouli. Entrevista 8. [30 nov. 2018]. Entrevistador Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo mp3.

público, os responsáveis pelo espaço que não são necessariamente aqueles que fazem parte do *staff*, os visitantes que são os possíveis consumidores desses produtos e finalmente o material humano que é a ponte entre o que esse espaço representa para ele e como é desenvolvido nas horas que serão contabilizadas no final do dia a partir do lucro obtido com a comercialização do que foi vendido. O material humano ainda é composto de idiomas diferentes, das mais variadas culturas e crenças. Sejam refugiados ou imigrantes e seus descendentes, os grupos compartilham o mesmo espaço e criam múltiplas territorialidades. Os exemplos desses espaços são o *Abraço Cultural*, a *Christ Church*, ou até mesmo um teatro como o do SESC em Copacabana, espaços que abrigam uma territorialidade demarcadora de identidades, espaços transitórios na maior parte das vezes, uma transitoriedade que se define até mesmo nas identidades representadas por refugiados e imigrantes.

Essa organização parte de uma hierarquização, nas reuniões que infelizmente a pesquisadora não obteve acesso, pois existe a limitação de participantes, um fator tornou-se crucial: os contatos que o futuro aspirante a participante (a pessoa que se voluntaria para ajudar na organização dos eventos) possui e quais as relações que esse participante traz em seu bojo, o que ele tem a oferecer ao grupo em termos de captar recurso financeiro ou não.

O espaço torna-se assim um território de negociação, desde a identidade até a possibilidade de participação do evento, a formação do projeto, a captação de recursos, observa-se a todo instante a evidência das trocas, subjetivas ou não, e até mesmo afetivas, momento esse em que as pessoas confraternizam através da troca de um quitute, seja para uma das crianças dos grupos participantes ou dos vendedores. Isso leva à conclusão da formação de um sistema e no qual de acordo com Raffestin que

[...] conduz a um sistema de malhas, de nós e redes que se imprimem no espaço e que constituem, de algum modo, o território. Não somente se realiza uma diferenciação funcional, mas ainda uma diferenciação comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às suas diversas ações.<sup>93</sup>

Esses sistemas são micros, pois inserem-se em sistemas maiores, a Igreja, a rua na qual se localiza, o bairro, a cidade, o estado e o país no qual o migrante / refugiado se encontram, sistemas interligados regidos por leis que garantirão a visibilidade dessas pessoas na sociedade e a sua inserção no mercado de trabalho.

---

<sup>93</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p. 150-51.

Tratamos de pequenos núcleos alocados nesses espaços e cada qual composto de duas ou mais pessoas que possuem, também, sua hierarquia, aquele que cozinha, o que recebe o dinheiro, mas ambos são os porta-vozes de suas próprias histórias ditas ou não no local, e mesmo não ditas tornam-se um fator de visibilidade de suas identidades. O espaço comporta diversos núcleos que atraem os visitantes, onde as mercadorias e os alimentos são comercializados, cada comida conta a sua história e origem, cada qual possui uma marca que é invisível aos olhares menos atentos. O infortúnio de uma fuga, provocada por um conflito bélico como a Síria, uma catástrofe ambiental como o Haiti ou por uma crise econômica como a Venezuela, entre outros casos, faz com que esses grupos interajam entre si, reconstruindo suas identidades. Essas identidades alicerçadas em suas memórias passam a fazer parte da construção de novos territórios, sejam eles concretos ou abstratos em suas existências.

O território é criado para o seu uso, não apenas econômico, mas também para o compartilhamento de suas trajetórias em grupo e/ou individuais. Esse território construído, com múltiplas finalidades, torna-se a criação de um mundo perdido, o elo restaurado com o passado, vivido no aqui e agora, onde idioma e sabores se misturam. Esse território abriga em seu interior relações de poder que colocam os núcleos em movimento, sem essas relações a composição final não existiria. Sobre o território e as relações de poder, recorremos a Raffestin,

[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do 'vivido' territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens 'vivem', ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, são todas relações de poder, visto que há interação entre atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele.<sup>94</sup>

As relações de poder mantém viva a necessidade da criação desses espaços, sem elas não existiriam os elementos necessários para a visibilidade do migrante / refugiado, sem o poder existiria um vazio que tornaria impossível a locomoção desses núcleos e quando os designo assim quero denominar como a composição interna de cada célula que formam a feira, núcleos que se fortalecem através das relações de poder em seu interior e em seu

---

<sup>94</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p.158-159..

entorno. Os atores não modificam apenas o espaço, mas a si mesmos, mas nem todo poder é inocente, pois atende a demandas de outros. E quem são esses outros no caso da pesquisa?

Abaixo, foto em uma rede social, dos integrantes da feira Chega Junto (figura 22), porém nem todos estão representados, pois observou-se a presença de novos integrantes como a barraca de comida coreana, migrantes e refugiados em um mesmo espaço com suas territorialidades. O espaço de visibilidade não se restringe apenas ao espaço físico, mas também ao virtual, atingindo um maior número de pessoas.



Figura 22 Participantes da feira Chega Junto. Fonte: <https://www.instagram.com/p/Brlg62CF7Wq/>

A configuração da feira no período observado passou por poucas alterações, já que a feira se concentra nas laterais da *Christ Church*. No portão direito da entrada da Igreja encontramos pequenos produtores, representados pela Junta Local, no lado esquerdo do pátio encontramos imigrantes e refugiados com seus produtos, mantendo quase sempre a mesma localização das barracas. Encontramos alguns com certa periodicidade, como Mohannad, refugiado sírio, que comercializa seus produtos através da Feira Chega Junto e que até recentemente vendia esfihas na rua Voluntários da Pátria, ao lado da Paróquia São João Batista. Maria Elias, colombiana, e Nelly Llaneras, venezuelana, mulheres que através de sua gastronomia sustentam suas famílias. Essas mulheres foram testemunhas das mudanças

políticas ocorridas em seus países nas últimas décadas e da forma como afetaram a vida de milhares de venezuelanos e colombianos. Como observa Loris Zanatta sobre o contexto de Colômbia e Venezuela,

Na década de 1970, quando grande parte da América Latina vivia sob o tãção militar, a Colômbia e a Venezuela se destacavam como raros oásis de governo civil e democracia representativa. Nos anos 1980, porém, quando a região começou a encaminhar-se para a democracia, os defeitos de ambas tornaram-se mais evidentes e se a Colômbia, mesmo flagelada pela violência, não mudou de regime político, a Venezuela entrou numa longa crise que provocou mudanças drásticas no decênio seguinte.

A violência que sempre caracterizara a história colombiana tornou-se nos anos 1980 ainda mais brutal e endêmica, transformando a Colômbia num dos países mais perigosos do mundo. O sistema político tradicional, monopolizado pelos partidos liberal e conservador, cujos planos de pacificação sempre fracassavam, se revelou insuficiente para conter suas causas. As origens da violência eram múltiplas, mas duas prevaleciam sobre as demais. A primeira, a guerrilha, que sobreviveu nas zonas rurais enquanto desaparecia no resto da região, e o seu rival, os violentos grupos paramilitares formados em todo território para combatê-la. Essas forças se associavam aos serviços de segurança estatais, tanto o exército como a polícia, onde o recurso à violência indiscriminada se tornou sempre mais freqüente. A segunda causa era o narcotráfico, chefiado nesses anos pelos grandes cartéis de Medellín e Cali, cujos ricos e potentes tentáculos estenderam-se e contaminaram todos os setores da vida nacional, da política às Forças Armadas, da guerrilha aos seus inimigos, ora corrompendo, ora assassinando.<sup>95</sup>

Uma realidade encontrada na vida de Nelly Llaneras que chegou ao Brasil em 2012, e que relata sua história desde a infância quando soube da existência das FARC, até o surgimento dos paramilitares. Nascida no município de Granada, localizado no departamento de Meta, foi professora do pré-escolar e trabalhou durante vinte anos, porém a situação de insegurança a empurrou a mudanças e anos de dificuldades até chegar ao Brasil. No Anexo encontra-se na íntegra a sua entrevista. O relato de Nelly Llaneras é denso e muitas passagens abrem margem para uma discussão teórica, tendo por base Michel Pollack, quais os seus elementos constitutivos, que ao realizar a pesquisa encontramos? Tópico já discutido anteriormente, mas relevante para esse capítulo que trata da Feira Chega Junto como um espaço não apenas de emponderamento, mas de transmissão da cultura e das narrativas individuais de seus integrantes. Ao observar sua narrativa, encontramos graus de identificação com elementos do passado, elementos que foram passados de geração em geração que se mesclaram a suas narrativas pessoais. São nesses espaços que muitas dessas

<sup>95</sup> ZANATTA, Loris. *Uma breve história da América Latina*, p. 244-245.

memórias transitam. A narrativa de Nelly (Anexo C) possui os dois elementos que formam a memória individual e coletiva: aqueles vividos pessoalmente e os vividos por tabela. Michel Pollack tece a seguinte observação acerca desses elementos,

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de vividos por ‘tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vem se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato – e eu gostaria de remeter aí ao livro de Philippe Joutard sobre os *camisards* -, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.<sup>96</sup>

Essas narrativas envolvem os espaços citados, não é apenas a gastronomia, a cultura, mas o que se encontra escondido sob “camadas de memórias” que faz com que esses espaços se tornem o elemento aglutinador de todos os refugiados, imigrantes e seus descendentes que se reúnem no último sábado de cada mês no pátio da *Christ Church*. Esse espaço além de ser um empreendimento para o imigrante e refugiado, um espaço de visibilidade, um espaço identitário, carrega em si a união de seus participantes, que ao longo da feira, trabalham, vendem sua comida ou seu artesanato, narram suas trajetórias de vidas para os visitantes e outras vezes são abordados por pesquisadores ou alguma equipe jornalística para entrevistar sobre o projeto da feira ou sobre suas vidas, nesse intervalo de sete horas, muitas coisas acontecem, mas o final é deles, quando conversam, as crianças levam a comida de uma barraca a outra para seus pais, é o momento em que o corpo relaxa, é o momento de guardar as panelas, pratos, talheres, de desmontar as barracas, é o momento em que o pátio cede ao silêncio da igreja, é o momento que ocorre a transformação do profano, do comércio, das bebidas, da música, no silêncio das paredes, dos bancos da igreja, de tudo que adorna o espaço original. Para Maria Elias a feira *Chega Junto* representa uma família.

---

<sup>96</sup> POLLACK, Michel. *Memória e identidade social*, p. 4.

Maria Elias narrou as dificuldades enfrentadas em seu país (Anexo D), a falta de alimentos, os aumento dos preços, a desapropriação da principal rede de televisão e a carência de mão de obra especializada, pois essas pessoas saíram da Venezuela, No Brasil, surgiu a oportunidade com Chega Junto,

Quando nós *vinimos* para cá nunca pensamos em trabalhar com feira gastronômica, nossa ideia era vender comida libanesa por encomenda, nós *vinimos* em 2014 e não vimos ninguém vendendo comida árabe, quando nós *vinimos* em 2015, nossa, em cada esquina, muita, tenia muito sírio vendendo, agora eu disse ‘Nossa senhora, o que vamos fazer?’ Um preço super barato, então nós temos duas opções: fazer e vender na rua, mas é um trabalho muito cansativo, é, e dava pouca *ganancia*, [inaudível] porque estraga, né? Ou trabalhar um pouco mais e oferecemos a comida síria, a comida libanesa, então começamos a entregar [inaudível], começamos pra lá e pra cá, então, ficamos quase sem dinheiro. Conhecemos na Cáritas um moço que trabalhava nos Direitos Humanos da Prefeitura, Hugo Gouveia, da Cáritas, [inaudível], meu marido tava começando a fazer um curso de português, na Cruz Vermelha por meio dele, então ficou essa amizade. Hugo, estamos ficando com pouco dinheiro, muitos negócios deu errado, ele falou para Diogo da Cáritas que tinha uma parceria com Junta Local, um projeto o Chega Junto, porque a cada um certo tempo, um refugiado, o Chega Junto que tá na Junta Local, a gente não paga nada, falamos com Diogo e com a moça da comida, somos da Venezuela e libanês e ele mesmo respondeu ‘se vocês são da Venezuela, como está fazendo comida libanesa? Não conhecemos ele, agora somos amigos de coração, esse cara é chato, se não somos chineses não podemos fazer pizza? Nós somos comida libanesa, porque eu sou descendente de libaneses, demos uma amostra a ele [inaudível] que foi uma [inaudível] o Início do Chega Junto é um moço que se *llama* Ivan [inaudível], ele é filho de sírios, e uma prima dele mudou para cá e passou um tempo aqui e voltou para a Síria, começou o conflito em Síria, esse negócio e eles perderam o contato, [inaudível] você é amiga de Diogo e amiga de Tiago de Junta Loca, porque vocês não fazem alguma coisa porque tá vindo muitos refugiados sírios, tá *llegando* de lá e foi e Chega Junto falou com Tiago, com Diogo e [inaudível], então esse dia conhecemos Luciara, [inaudível] então nossa primeira Feira do Chega Junto foi 16 de abril de 2017, nós nem pensávamos, deve ser cansativo pra caramba, mas na primeira Feira Chega Junto adorei as pessoas, [inaudível] então gostei, conhecemos Ivan, ele e Luciara, o que podemos fazer para melhorar junto naquela época era uma vez, cada refugiado era de três meses, não era fixo [inaudível] na Christ Church para que seja uma feira mensal, nossa como Luciara me falou, fiquei muito contente, [inaudível], nunca pensei na verdade que fosse uma família, estar com Ana Elise, com Latifa, com Nelly.<sup>97</sup>

A feira Chega Junto promoveu para Maria Elias um emponderamento, visibilidade de sua história e de seu país, a participação em espaços em que ela leva a gastronomia libanesa, a

<sup>97</sup> ELIAS, Maria. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 04 abr. 2018. 1 arquivo mp3.

cozinha que faz parte de sua herança cultural, poucas vezes a vi fazendo empanadas ou outro prato colombiano, são *esfihas*, *kibes*, a culinária árabe que se tornou uma culinária refugiada, cuja mobilidade transcendeu as fronteiras em dois momentos, o primeiro quando sua família saiu do Líbano nos anos cinquenta e depois quando no século XXI, Maria saiu da Venezuela para o Brasil. Para Maria Elias é uma relação de família.

A feira Chega Junto para Nelly Llaneras é um espaço em que ela é “simplesmente Nelly, Nelly falando de comida e da beleza dos sabores”

É uma coisa muito emocionante, eu nunca acreditei, porque nunca vivi nessa situação no meu país, mas para mim virou uma coisa de paixão, sabes? Com as mãos quentes, estou falando de cultura, de sabor, falando de tudo. Um dia super [inaudível] com muita responsabilidade, com muita coisa para fazer, mas para mim isso, são os dias mais bonitos que consigo passar dentro de todo mês, dentro de todo dia de mês para mim, esse aqui não tenho dor, não tenho tristeza, não tenho pânico, aqui não tenho fobias, aqui não tenho depressão. Aqui eu sou simplesmente Nelly, Nelly falando de comida e da beleza dos sabores do meu país. [inaudível], é uma coisa que me apaixona e que me deixa livre de todas essas cargas emocionais, porque trago muitas cargas emocionais, tomo medicação para dormir, tomo medicação para pânico, para todo tomo medicação. E tenho dias que não consigo sair de casa, mas mesmo assim eu vou em frente, [inaudível] eu não consigo ficar em casa chorando, lamentando, eu tenho que dar exemplo ainda, eu tenho filhos, tenho netos, estão aí, eu quero ser sempre os exemplos para eles. Eu quero que eles saibam que mesmo sendo estrangeiros, nós somos capazes como qualquer outro brasileiro, eu sempre falo assim: eu fui abençoada quando escolhi o Brasil, na hora, no momento, mas também nesse momento, me sinto que sou daqui, mas quanto falo, [inaudível] eu não sou carioca.<sup>98</sup>

Os espaços e as interações que existem em seu interior promovem entre seus integrantes o sentimento de pertencimento, a algum lugar, a uma família, a um grupo, as relações de poder existem, e mesmo implícitas, elas transitam entre o grupo, existe uma organização, o prestar contas a alguém, o pagamento ou não e se sim, este ocorre dentro das possibilidades de cada um para o uso do espaço.

Uma das formas encontradas por essas pessoas são as redes sociais como a página do *Instagram* da Feira Chega Junto (figura 23), espaço virtual que concentra fotos dos eventos realizados desde o ano de 2016, nela encontraremos Maria Elias e Nelly Llaneras.

---

<sup>98</sup> LLANERAS, Nelly. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 31 mar. 2018. 1 arquivo mp3.

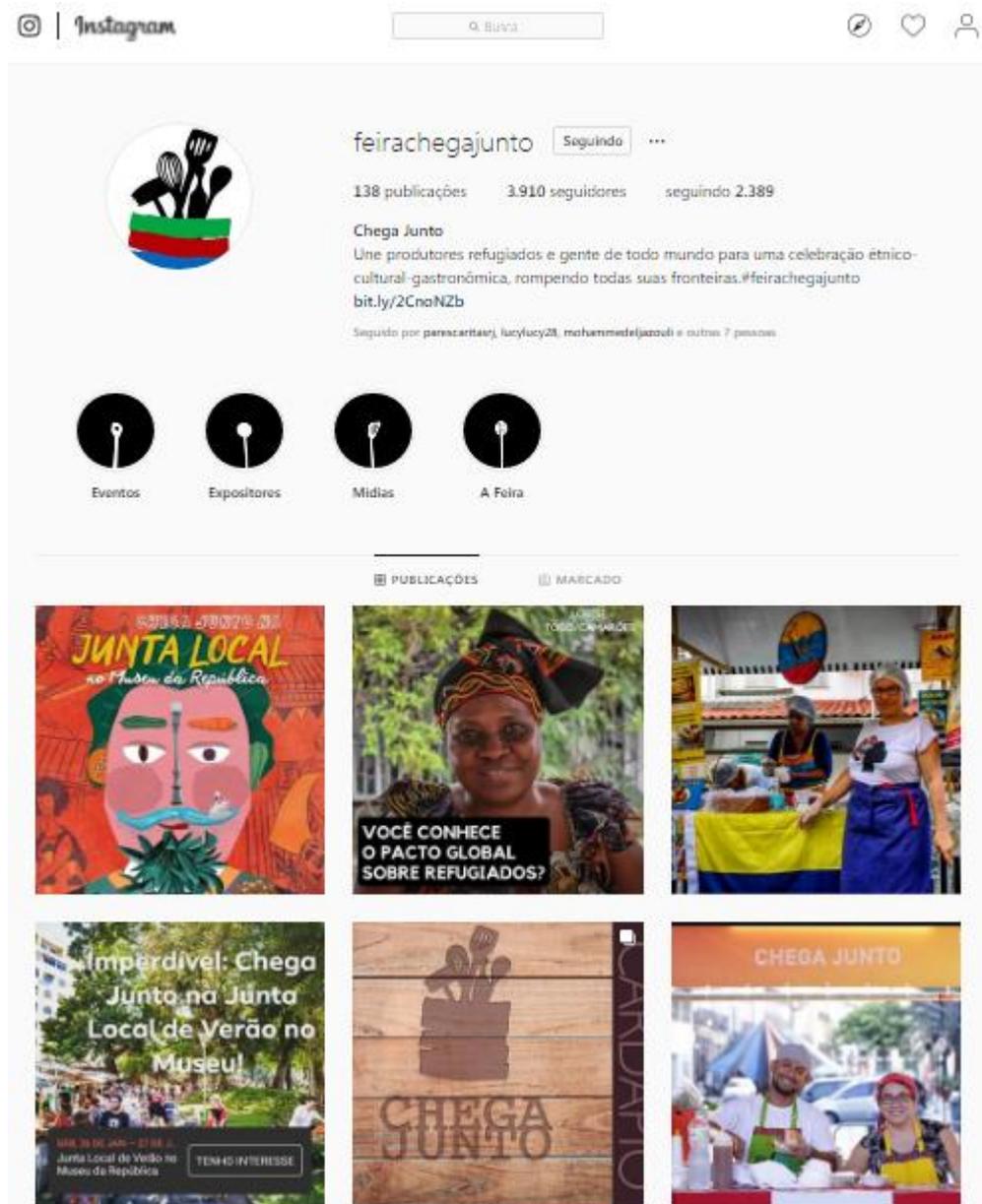


Figura 23 Página do Instagram da Feira Chega Junto. Fonte: <https://www.instagram.com/feirachegajunto/?hl=pt-br>

Em 138 fotografias da rede conhecida como *Instagram*, com alcance de 3,910 seguidores (atualizado em 10 de fevereiro de 2019), é tecida uma narrativa visual. A feira encontra-se em espaços que pertencem ao virtual, ao mundo das imagens, abstrato e ao mundo de sons, odores e paladares. No século XXI nos deparamos com as redes sociais e como elas vendem imagens e produtos, determinantes para a formação de espaços de visibilidade para migrantes e refugiados. As mais diversas comunidades se aglomeram em seu interior, reivindicando espaços não apenas de visibilidade, mas de legitimidade de suas

demandas, e uma das diversas portas dessa visibilidade encontra-se nos espaços virtuais. Nos anos 90 Raffestin apontava o espaço virtual detentor de poder da seguinte forma,

“[...] um dos trunfos do poder é hoje informacional, e a informática é um dos meios. O verdadeiro poder se desloca para aquilo que é invisível em grande parte, quer se trate de informação política, econômica, social ou cultural. A comunicação ocupa mais e mais o centro de um espaço abstrato, enquanto a circulação não é mais do que a periferia. Isso não significa de forma alguma que a circulação é menos importante, pois, ao contrário, é ela quem testemunha a eficácia da comunicação, mas isso significa que o *movimento da informação comanda a mobilidade dos seres e das coisas*. [...] A comunicação se alimenta de circulação: o território concreto é transformado em informação e se torna um território abstrato”<sup>99</sup>

A comunicação ao longo das últimas três décadas passou a conectar pessoas, comunidades e a transmitir simultaneamente fatos, e através dessa comunicação que se reinventa a cada dia através do aperfeiçoamento de sua tecnologia, a mobilidade passou para outro estágio, não apenas física, mas virtual, ela ultrapassa fronteiras invisíveis e mesmo que essas fronteiras sejam controladas por governantes, a comunicação dificilmente deixará de ser canalizada para o restante do planeta. Ainda de acordo com Raffestin,

A circulação e a comunicação são as duas faces da mobilidade. [...] Os homens e os bens que circulam são portadores de uma informação e, assim, ‘comunicam’ alguma coisa. Da mesma forma, a informação comunicada é, ao mesmo tempo, um ‘bem’ que ‘circula’.<sup>100</sup>

Levar a informação, as imagens, os eventos que ocorrem não é mais um obstáculo frente à circulação que contorna as distâncias que levam os meios de comunicação aos mais diversos lugares do planeta, onde encontram-se tecnologias necessárias para que isso ocorra. “As distâncias não são mais tão importantes quanto costumavam ser, enquanto a ideia de fronteira geofísica é cada vez mais difícil de se defender no ‘mundo real’.”<sup>101</sup> A mobilidade da comunicação desde o início do século XX, quando as primeiras levas de imigrantes que já desembarcavam nos portos do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente, buscavam através da mobilidade da comunicação, mesmo que limitante, o contato com sua terra de origem e com o passar dos anos, essa comunicação deu-se através da criação de sua própria imprensa,

<sup>99</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p. 203, grifo nosso.

<sup>100</sup> Idem, p. 200.

<sup>101</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*, p. 32.

como mencionado anteriormente. Era a informação em movimento, trazendo com dias ou meses de atraso as notícias do país de origem.

O bem que circula entre imigrantes e refugiados nesses espaços se reporta muitas vezes ao inatingível, ao que ultrapassa uma fronteira invisível, às memórias e experiências passadas. Um bem fluido, ou como diria Bauman, líquido.

#### 4 MAWON

A *Mawon* foi criada em 2017, de acordo com seu fundador Robert Montinard, conhecido como Bob, residente no Brasil desde 2010, após o terremoto que assolou o país, a *Mawon* é um “negócio social”<sup>102</sup>, é uma ONG, mas é também uma empresa que oferece serviço, “a gente vende serviço também”<sup>103</sup>. A *Mawon* não tem a função de um despachante, mas é um serviço que de acordo com Robert,

[...] é seguro e legal, porque hoje, falar de migração, não é só falar dos países afro, país caribenho, que vem como migrante vulnerável, não. Tem migrante que tem como pagar, tem o migrante que está na cidade que está procurando resolver [inaudível], que tá irregular como um haitiano, um venezuelano, [inaudível] estrangeiros que vêm da Europa, de outros países, uma coisa que a gente faz [?], é cobrar para esse tipo de serviço, e é um serviço que a gente faz com uma abordagem cultural, [inaudível], e a gente não é um serviço de despachante, é um serviço de analisar o processo de vida da pessoa e acompanhar o sujeito. Qual é o seu projeto de vida? É estudar no Brasil? Então, você precisa disso [inaudível]. Se você quer empreender no Brasil, é um outro tipo de procedimento, se você quer um visto para trabalhar [inaudível].<sup>104</sup>

A *Mawon* é um projeto, que além de cultural, é um empreendimento de um migrante que possui uma abordagem cultural e também financeira. Ela “possui vários tipos de negócios, a gente tá trabalhando para vender serviço de cultura, tipo show, [...] a gente vende oficina de percussão [...]”<sup>105</sup>. A palavra ajuda não se encaixa na *Mawon*, ela possibilita a realização de projetos de pessoas em situação de refúgio ou imigrantes.

<sup>102</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Idem.

A ONG *Mawon* difere dos outros projetos, pois ela se assume como um negócio, uma empresa como fala seu fundador. Ela tem o objetivo de trabalhar com migrantes e/ou refugiados, vende seus produtos e cobra por seus serviços. Encontramos a *Mawon* no *LinkedIn* (figura 24) que é uma rede social de negócios. A *Mawon*, também trabalha com outros projetos como a feira *Chega Junto*.

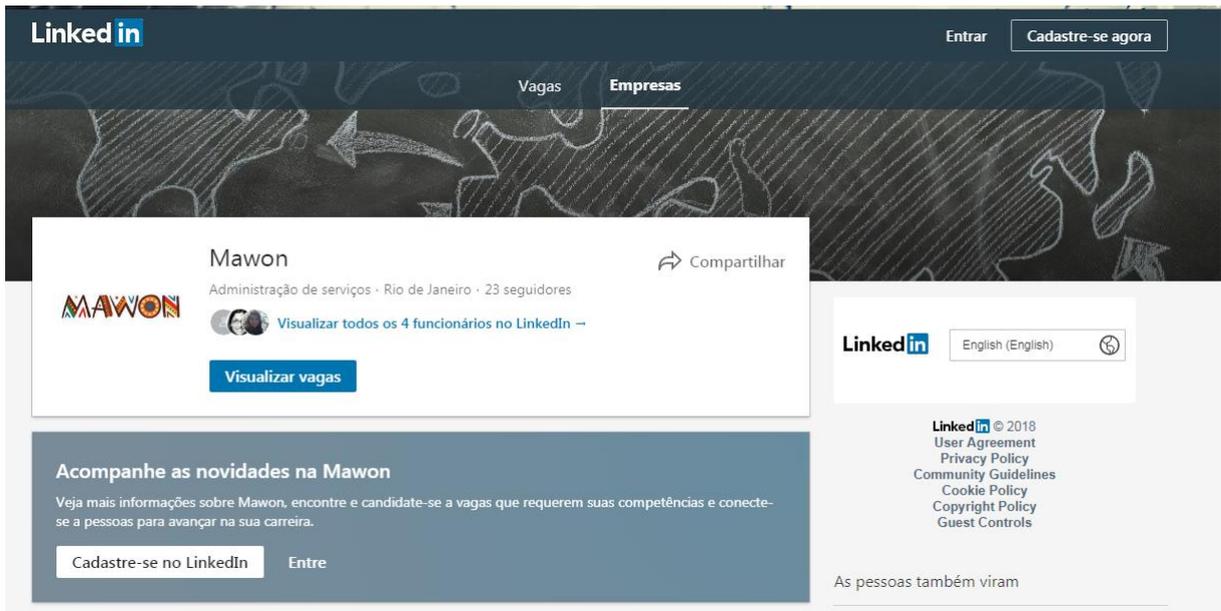


Figura 24 Página da Mawon no *LinkedIn*. Fonte: <https://br.linkedin.com/company/mawon>

A *Mawon* se insere em uma abordagem cultural e em um contexto em que o humano transcende ao seu status de migrante e refugiado. Como aborda Bauman acerca da cultura,

A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo. Assim, normas e ideais não são relíquias de um pensamento metafísico pré-racional que deixa o homem cego às realidades de sua condição. Pelo contrário, elas oferecem a única perspectiva a partir da qual essa condição é vista como a realidade humana e adquire dimensões humanas.<sup>106</sup>

Qual a visão que se tem do refugiado? Robert rebate o que se tornou senso comum para o público leigo, a de que o refugiado é um “coitado”, “[...] a migração não é uma coisa

<sup>106</sup> BAUMAN, Zigmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*, p. 302.

de coitado, é um projeto de vida”.<sup>107</sup> A *Mawon* tem um projeto que é de orientação, e não ajuda a imigrantes e refugiados, Bob critica o estereótipo criado em torno dessas pessoas e ao longo das entrevistas a mesma questão surgiu em formatos diferentes. A pessoa do imigrante e refugiado é envolta em uma aura de fragilidade, sim, a fragilidade existe, pois o processo na maioria das vezes é traumático, da mesma forma Maria Elias refuta a imagem do coitado, daquele que precisa de ajuda. De acordo com a entrevista que Bob concedeu, a *Mawon* é uma ONG que presta serviço a essas pessoas, um serviço que é cobrado, e ao mesmo tempo ela empondera essas pessoas com seus projetos. A *Mawon* surgiu da necessidade de dar forma a outros projetos, como Bob falou, a migração é “[...] um projeto de vida [...]”, mesmo que forçada, ela acaba se tornando um projeto, pois é preciso continuar a viver, a gerar narrativas, a mostrar sua cultura. Bob explica como a *Mawon* trabalha para que o imigrante / refugiado não seja encarado na sociedade como uma pessoa que precisa de ajuda, mas sim de emponderamento:

Entrevistador: Quais serviços que vocês vendem?

Bob: Serviço que a gente vende: prestar um serviço de migração seguro e legal, porque, hoje, falar de migração não é só falar dos países afro, país caribenho, que vem como migrante vulnerável, não, tem migrante que tem como pagar, tem o migrante que está na cidade que está procurando resolver, que tá irregular igual um haitiano, igual um colombiano, igual um venezuelano, então essa galera que todo mundo chama gringo, que chama estrangeiros que vêm da Europa, que vêm de outros países, a mesma coisa que a gente faz a um haitiano, a um venezuelano de graça como ONG, a gente cobra para esse tipo de serviço, na questão de documentos mesmo (inaudível), e é um serviço que a gente fez com uma abordagem cultural, onde que a gente fala a língua de todo mundo, de qualquer país de onde vêm essas pessoas, a gente fala a língua, e a gente não é um serviço como um despachante, é um serviço de analisar o processo de vida da pessoa e acompanhar o projeto. Qual é o seu projeto de vida? É estudar no Brasil? Então, você precisa disso, você precisa disso, você precisa disso. Se você quer empreender no Brasil é um outro tipo de procedimento. Se você quer um visto para trabalhar, então a gente desenvolveu esse modelo de negócio, há quase seis meses atrás, que está novo modelo de negócio, que a gente tá querendo desenvolver e para quebrar um pouco daquele estereótipo, falando tipo: ah imigrante é coitado, imigrante é quebrado, não tem como. Como não tem?

Hoje tem refugiado que tem filho que nasceu no Brasil, que quer ser brasileiro agora, mas se um refugiado quer ser brasileiro, a gente cobra. Se quer tirar um passaporte brasileiro, você não está mais vulnerável, já está trabalhando, já está com outro estatuto, então tem um monte de coisa pra gente botar na frente pra mostrar. Olha: a migração não é uma coisa de

<sup>107</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

tristeza, coitado, é um projeto de vida, a pessoa tá feliz, é uma coisa de felicidade, você que está, uma coisa de concretizar um sonho, que é sair de um lugar e ir para outro, onde você quer viver, então essa é a parte de negócio, mas tem vários tipos de negócio, tipo a gente tá trabalhando para vender serviço de cultura, tipo show, a gente vende show, vende oficina de percussão, a gente trabalha tipo, um senegalês que vem para o Brasil agora. (Inaudível) como algumas palavras que a gente não gosta, como acolher, acolher é como aterrar a pessoas, não precisa acolher ninguém, a pessoa vem com o projeto dele, dá uma orientação, dá documento pra ele, um senegalês que não fala português, que não tem carteira de trabalho, mas tá ganhando dinheiro, porque sabe *djembe*, porque sabe tocar música, o venezuelano tá vendendo comida na feira, tá ganhando a vida deles, então não precisa colocar eles no abrigo, no lugar seguro, colocar no carro, faz um monte de política com a vida das pessoas e a pessoa tá com um monte de projeto de vida, ele quer se virar, ele não quer ficar na mão da imprensa, entrevista pra cá, isso acaba com a dignidade das pessoas, então a gente tá promovendo esse valor, não só como migração, as pessoas vêm com talento.<sup>108</sup>

Em algum momento a migração tornou-se um projeto de vida, mas em outros casos esses deslocamentos tornaram-se forçados e não um projeto, a preservação da vida, a busca de um local seguro em que essa pessoa viva e tenha retorno financeiro, e nesse momento surgem os mais diversos projetos como o Chega Junto e a própria *Mawon* que possuem a viabilidade de que haja um recomeço na vida dessas pessoas. De acordo com Bob a *Mawon*

Com cultura dá pra vender tudo, entendeu? Música, gastronomia, tem um monte de coisa que a gente conseguiu provar [inaudível]. Não é aquela pessoa que vem, que tá triste, não [inaudível], igual a brasileiro, a qualquer pessoa. Então, *Mawon* existe há um ano, a gente tava trabalhando desde 2010 na migração, mas há um ano criamos a *Mawon* que simboliza a mistura, é marrom mesmo, é mistura, é mudança, é tipo mobilidade, é sair de um lugar para outro, é fuga, é migração. Então, *hoje o que a gente oferece é um espaço cultural*.<sup>109</sup>

Um espaço cultural, de integração, que vende vários serviços como atendimento ao migrante, shows, oficinas de percussão e gastronomia. Que não atende a um grupo específico, mas a migrantes e refugiados de diversos países. A *Mawon* é composta por pessoas que passaram pelas mesmas dificuldades que o público atendido atualmente. Entende-se como um processo não de assimilação, mas participação na mesma sociedade, não como o outro, como Bob disse “[...] então a gente não se considera como categoria separada, que precisa de um

<sup>108</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

<sup>109</sup> Idem, grifo nosso.

cuidado separado.”<sup>110</sup> O imigrante ou refugiado quer seu espaço para desenvolver seus projetos, que não são a continuidade de suas vidas no país de origem, mas um recomeço com outras possibilidades que substituam aquelas que não existem mais ou que requerem um determinado tempo para serem colocadas em prática.

*Mawon* nas redes sociais, nas páginas do *Facebook* e *Instagram*, divulgando seu trabalho no ciberespaço, assim como divulga presencialmente, como exemplo, no Consulado Francês ou na Feira Chega Junto, entre outros locais, divulgando cultura e vendendo seus serviços.

Na página da *Mawon* (figura 25) encontramos as descrições de suas atividades, “Sobre Nós”. O que somos? Quais nossas atividades? Qual a nossa proposta? A *Mawon* vende seus projetos e desenha sua própria visibilidade, tornando-se um espaço identitário não apenas para haitianos, como para migrantes e refugiados de outras nacionalidades.



Figura 25 Site da *Mawon*. Fonte: <http://www.mawon.org/sobre-nos/>

<sup>110</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

O Facebook da Mawon (figura 26) apresenta o uso das redes como espaço divulgador de suas atividades.



Figura 26 Página da Mawon no Facebook. Fonte: <https://www.facebook.com/mawondumonde>

A página indica os serviços da Mawon como passaporte, vistos e naturalização, “A sua jornada fácil, segura e legal!”

Mawon no Instagram (figura 27), até a data do dia 20 de fevereiro em seu perfil constam 604 seguidores, em uma análise mais aprofundada o perfil dos seguidores nas redes sociais, Facebook e Instagram, poderia ser traçado, quantos migrantes seguem, quantas ONGs, perfis individuais, empresas, etc.

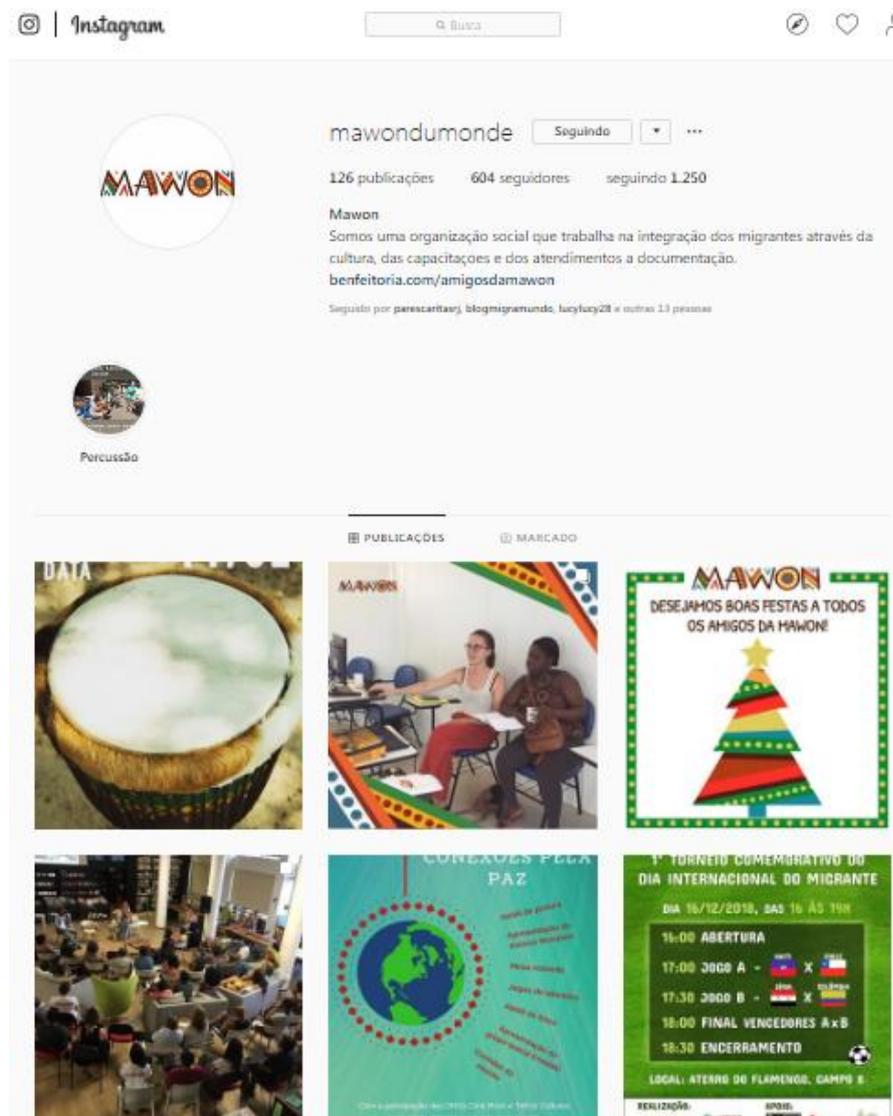


Figura 27 Página da *Mawon* no Instagram. Fonte: <https://www.instagram.com/mawondumonde/?hl=pt-b>

#### 4.1 *Mawon* e o Projeto Chega Junto

Barraca da *Mawon* na Feira Chega Junto (figura 28). Para Bob a Feira Chega Junto é “[...] como um espaço de desenvolvimento.”<sup>111</sup> A *Mawon* na feira Chega Junto vende seus produtos, como a oficina de percussão e a gastronomia haitiana, ocupando seu espaço de representatividade. Música, gastronomia, venda de serviços para migrantes e refugiados,

<sup>111</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

palestras sobre o Haiti e novos projetos que se desenvolvem como o evento ocorrido em Niterói no dia 26 de janeiro de 2019, uma feira organizada por migrantes e refugiados para a venda de seus produtos.



Figura 28 Barraca da Mawon na Feira Chega Junto na Christ Church. Fonte: A autora (2018).

A *Mawon* também participa da Feira Chega Junto, Bob explica o que representa a feira:

A gente tava buscando alternativa para valorizar um pouco da nossa cultura, a gastronomia foi a primeira coisa que a gente identificou como uma coisa que todo mundo vai comer, todo mundo tá com fome. Então Chega Junto, a gente está nesse projeto desde 2015 e 2016, tá promovendo essa feira, feira que tá promovendo comida de todos os países do mundo, que sempre faz sucesso, que traz diferentes produtos de diferentes países. Lá é um espaço que a gente conseguiu para fazer a feira de comida. Lá é um lugar bem legal, é igreja, mas é um lugar que tem tudo, tem água, banheiro, conforto, tem segurança pra gente, porque se a gente tá num lugar, estrangeiros não seguros, se não, não passa confiança. É uma parceria, também, com a igreja e a gente desenvolveu. E hoje a Chega Junto virou um ONG mesmo, que tá ficando, assumindo cada vez mais o papel da integração dos refugiados ali

na cidade, através da gastronomia. (...) É como um espaço de desenvolvimento mesmo.<sup>112</sup>

Oficina de *djembe* para crianças (figura 29) na Christ Church, de acordo com Robert, a oficina é um dos vários negócios da *Mawon*.



Figura 29 Apresentação de *djembe*. Fonte: A autora (2018).

---

<sup>112</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

## 5 A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS E TERRITÓRIOS

O espaço referente à memória é aquele que preexiste ao território, são dois terrenos distintos nos quais a pesquisa, também, se alicerça. Os espaços e territórios não são sinônimos, mas estão unidos permanentemente, são termos inseridos em uma complexidade que o trabalho não visa abordar profundamente. Na pesquisa o espaço é o local em que as memórias se estabelecem e se fixam e territórios são os locais em que as relações de poder se estabelecem. De acordo com Raffestin,

O espaço é, de certa forma, ‘dado’ como se fosse uma matéria prima. Preexiste a qualquer ação. ‘Local’ de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço, que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações.<sup>113</sup>

É tênue a passagem de um para outro, pois os locais da pesquisa estão em uma escala reduzida: país, estados, cidades, bairros, igrejas, cursos, teatros, sempre na direção do macro ao micro. A observação desses espaços nos levou a repensar a pesquisa em outra escala, a do território para dar sustentabilidade à ideia de espaço e assim dar forma aos *espaços de memória*. Para a compreensão de território recorre-se a Haesbaert,

Desde a origem o território nasce com uma dupla conotação material e *simbólica*, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-terror* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) a terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no ‘territorium’ são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a ‘efetiva’ apropriação.

---

<sup>113</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p. 144.

*Território, assim, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.*<sup>114</sup>

Optou-se no início da pesquisa por espaços de memória, mas no projeto inicial não existia um embasamento que alicerçasse a existência desses espaços, assim surgiu a necessidade de entender como é seu funcionamento, o que nos levou ao território, cujo entendimento e uso é relevante para a continuidade da pesquisa.

O espaço é uma matéria-prima como já vimos de acordo com Raffestin, espaço destinado ao refugiado para a criação de condições de sua subsistência, local de divulgação de suas memórias, sua arte gastronômica, música, dança, caligrafia, cultura, etc., e de acordo com Lefebvre o “espaço contém relações sociais”<sup>115</sup>, mas a matéria-prima no atual caso refere-se a espaços que mesmo já possuindo outras finalidades, transformaram-se em material a ser produzido pelo refugiado. Em relação ao território Haesbaert argumenta que,

Os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem (visão mais subjetiva) e ao se apropriarem ou, em outras palavras, cercarem este espaço (visão mais objetiva) constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território.<sup>116</sup>

Uma longa jornada que abrange a destruição de seus territórios e a construção de novos territórios e a si mesmos. De países que abrangem a República Democrática do Congo até a Venezuela, ultrapassando continentes, várias são as experiências desses refugiados, alguns dos quais são de segunda geração como a venezuelana Maria Elias, cujo pai saiu do Líbano nos anos 50 junto com seu irmão, o primeiro seguiu para a Venezuela e o segundo para o Brasil. Fronteiras que são ultrapassadas em busca de um lar seguro, onde seus filhos possam crescer e estudar longe de um país instável política e economicamente como segue atualmente o governo de Nicolás Maduro.

<sup>114</sup> HAESBAERT, Rogério. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*, p. 6774. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.

<sup>115</sup> LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*, p. 51.

<sup>116</sup> HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. *O território em tempo de globalização*, p. 42. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228455262\\_O\\_territorio\\_em\\_tempos\\_de\\_globalizacao](https://www.researchgate.net/publication/228455262_O_territorio_em_tempos_de_globalizacao). Acesso em: 02 maio 2018.

O território é composto por pessoas que vieram de vários países e pelos espaços que abrigam suas culturas, tradições, ritos e crenças, percorreram um longo caminho, indo do macro até o micro, saindo de fronteiras reais até as fronteiras imaginárias desses espaços de memória e ao mesmo tempo, espaços territoriais, pois o “território está vinculado *sempre* com o poder e com o controle dos processos sociais mediante o controle do espaço”<sup>117</sup>. Espaço onde todos podem transitar, em que as diferenças culturais são visíveis e determinantes para cada grupo, mas são compartilhadas na forma de experiências de migrantes e refugiados, onde os continentes se unem e se misturam, onde a barreira do idioma é quebrada, uma rede onde todos se conectam, refugiados e população nativa, onde a cultura de uns passa a ser a cultura de todos, delimitado por tempo e espaço. É a representação de um mundo social que engloba migrantes e refugiados, tornando-os mais do que presentes no novo habitat, mas participantes, engajados na recuperação de suas vidas, é a luta cotidiana em busca do reconhecimento, como observa Park,

[...] cada individuo se encuentra en lucha por su posición social, en lucha por mantener su prestigio personal, su punto de vista y su propia estima. Sin embargo, esto sólo puede mantenerse en la medida en que el individuo logre el reconocimiento de todos aquellos que considera importantes; es decir, la estima de todos aquellos que pertenecen a su medio o a su círculo.<sup>118</sup>

Refugiados estão constantemente rodeados daqueles que pertencem ao seu meio e se envolvem com as pessoas que estão ao seu redor, os espaços de memória que trazemos para essa pesquisa abarcam também esse círculo que é formado por um público que pode ir desde aquele que se interessa pela cultura e pelas narrativas dessas pessoas até aqueles que trabalham com a perspectiva do refúgio, sejam pesquisadores, jornalistas, documentaristas e cineastas.

Esses espaços possuem mobilidade, e a liberdade é uma de suas características, de acordo com Haesbaert,

‘Mobilidade’ [...] sofreu um ir-e-vir entre posições claramente antagônicas ao longo da história – e ainda hoje, entre diferentes povos e/ou culturas, possui conotações distintas. [...] É apenas com o mundo moderno euro-ocidental que mobilidade passa a significar liberdade, movimento sem

<sup>117</sup> HAESBAERT, Rogério. *Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad*, p. 13. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/crs/v8n15/v8n15a1.pdf>. Acesso em: 02 maio 2018.

<sup>118</sup> PARK, Robert Ezra. *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*, p. 98.

impedimento, e a imobilidade passa a ser associada à falta de liberdade, à ‘prisão’. Ainda assim, mobilidade nunca perde uma determinada ambivalência, situada ao mesmo tempo entre as ideias de liberdade, progresso, ‘oportunidade’ e desenraizamento, desvio e resistência [...]<sup>119</sup>

Robert Montinard, fundador da Mawon, nos disse que ela é “tipo mobilidade, é sair de um lugar para outro, é fuga, é migração”<sup>120</sup>. Esses espaços não existiriam se não fosse o fator mobilidade, a liberdade de deslocamento, espaços que também oferecem resistência e observamos isso na fala de Nelly Llaneras e Maria Elias.

Esses espaços onde as relações de trocas, narrativas, experiências vividas, estão circunscritas em uma área delimitada por fronteiras físicas e imagináveis, transpostas em ambos os casos, é um local onde o “[...] conceito de espaço reúne o mental e o cultural, o social e o histórico.”<sup>121</sup> O espaço de memória não é um lugar tão diferente como o de lugar de memória de Pierre Nora, mas é antes de tudo um espaço, tanto físico como imaginário, e torna-se um conceito com suas complexidades e singularidades, como surge, como é ocupado, de acordo com Lefebvre,

O povoamento de um espaço (sua ocupação) se efetua sempre segundo formas descritivas e analisáveis: dispersão ou concentração, direções privilegiadas ou nebulosas. Inversamente, a reunião e a concentração como formas espaciais se realizam sempre no meio de formas geométricas:<sup>122</sup>

Raffestin, Haesbaert, Lefebvre se referem a conceitos com uma escala cuja dimensão é maior, mas isso não significa que o conceito não caiba nessa pesquisa, ao contrário, é parte integrante e relevante para o seu andamento, pois estamos nos referindo a um território dentro de um território maior, espaço dentro de espaço, do macro ao micro, da transposição de fronteiras maiores para a transposição de fronteiras menores e invisíveis. Esses espaços que se transformam em territórios, possuem suas especificidades e reforçam as relações de poder, Haesbaert argumenta que,

<sup>119</sup> HAESBAERT, Rogério. *Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade*, p. 409-410 apud CRESWELL, Tim. *On the Move*. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523211899-18.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

<sup>120</sup> MONTINARD, Robert. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 16 dez. 2018. 1 arquivo mp3.

<sup>121</sup> LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*, p. 6.

<sup>122</sup> Idem, p. 213.

O território está vinculado sempre com o poder e com o controle de processos sociais mediante o controle do espaço. A desterritorialização nunca pode dissociar-se da reterritorialização, e pode ter tanto um sentido positivo quanto negativo. Entendida como fragilização ou perda do controle territorial, ela tem um sentido negativo mais estrito – como precarização social –; mas o termo pode ter também um sentido potencialmente positivo, porque em sua acepção mais geral, a desterritorialização significa que todo processo e toda relação social implicam sempre, simultaneamente uma destruição e uma reconstrução territorial.<sup>123</sup>

A desterritorialização implica o drama mais cruel para o refugiado, mas ao mesmo tempo a possibilidade de reconstrução, de reterritorializar-se em um novo ambiente, tanto em relação ao país escolhido, ao macro, quanto aos espaços ocupados, o micro. A apropriação desses espaços funciona através de sua reterritorialização, na qual as relações sociais são fomentadas, de acordo com Raffestin é “[...] preciso compreender que o espaço representado é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meios de códigos e de sistemas sêmicos.”<sup>124</sup> Os sistemas sêmicos, de acordo com Raffestin são aqueles que realizam as “[...] objetivações do espaços, *que são processos sociais*.”<sup>125</sup> Os processos sociais são inerentes aos espaços ocupados pelos refugiados e é a partir deles que se desenvolvem relações, tanto pessoais quanto de trabalho.

A ocupação desses espaços pressupõe que houve desterritorialização, não apenas nacional, mas de seus espaços mais íntimos, como a família, o grupo de amigos, o trabalho, a casa, a escola, a universidade, transformando-se em um “[...] processo de desterritorialização e reconstrução de territórios, em uma dialética permanente entre ambos processos.”<sup>126</sup>

Antes de tudo são espaços, nos quais serão projetados a partir da demanda de cada grupo. O espaço no qual será demarcado o território com suas funções e regras possuem uma estrutura organizacional que sustentam seu funcionamento, sejam coletivos, ONGs e outros.

Esses espaços são móveis, mudam conforme as demandas que os grupos exigem, são espaços utilizados em outras funções que não propriamente destinadas aos refugiados. São espaços, territórios demarcados temporalmente para o abrigo desses eventos que possuem uma complexidade, não são apenas espaços cedidos. O refugiado é um ator sintagmático que produz um território, no qual existem as relações de produção e de poder, recorre-se novamente a Raffestin,

<sup>123</sup> HAESBAERT, Rogério. *Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad*, p. 13.

<sup>124</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p. 3

<sup>125</sup> Idem, p. 3, grifo nosso.

<sup>126</sup> HAESBAERT, Rogério. *Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad*, p. 10.

Do estado ao indivíduo, passando por todas as organizações, pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que produzem o ‘território’. [...] Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’.<sup>127</sup>

A produção do espaço é destinada ao refugiado que toma para si a incumbência de adaptá-lo às suas demandas, assim sua produção também tem como finalidade a inserção da pessoa na sociedade, a aceitação do outro, daquele que é diferente quer seja na cultura, na crença e em suas tradições.

O pátio da Christ Church (figura 30) é a área destinada ao evento que é realizado uma vez por mês, a cada último sábado, uma feira gastronômica, resultado do Projeto Chega Junto que foi abraçado pela Junta Local, um coletivo que reúne produtores locais como na Christ Church com migrantes e refugiados. Seu espaço é ocupado durante a semana pela igreja, pelo colégio, é um espaço religioso que a cada último sábado de cada mês recebe refugiados de várias nacionalidades e credos com seus produtos. Um espaço que tornou-se matéria-prima para a realização do projeto, onde relações sociais se estabelecem intrinsecamente.



Figura 30 Feira Chega Junto no pátio da *Christ Church*. Fonte: A autora ( 2018).

<sup>127</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*, p. 152.

## 6 IDENTIDADES NO REFÚGIO

A memória é parte constitutiva de nossas identidades, “[...] sem lembranças, o sujeito é aniquilado”<sup>128</sup>, devorado pelo vazio que o permeia. Nossas identidades ao longo da vida passam por constantes transformações, muitas das quais não são perceptíveis. Memória e identidade, conceituações distintas, mas que dependem mutuamente uma da outra para a existência do ser humano. Sobre memória e identidade Candau distingue da seguinte forma:

Mesmo que ontológica e filogeneticamente a memória é necessariamente anterior em relação à identidade – essa última não é mais do que uma representação ou um estado adquirido, enquanto que a memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana –, torna-se difícil consentir sobre a preeminência de uma sobre a outra quando se considera o homem em sociedade. De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente.<sup>129</sup>

A relação entre memória e identidade se faz necessária nos vários espaços destinados às atividades dos refugiados, é a memória que faz com que suas identidades tornem-se visíveis e não sejam marginalizadas no novo habitat.

As identidades passam constantemente por um fluxo contínuo de transformações do nascer ao morrer, de ir e vir, de ser e não ser, pois “[...] dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’”<sup>130</sup> e a possibilidade de aceitação pelo outro. As memórias do ser humano e as memórias de seus espaços habitáveis caminharam juntas através de milênios, deixando seus registros sejam através da arte, da indumentária, da comida, de relatos, documentos, etc.

As memórias são um dos elementos constitutivos da formação da identidade, a “*memória é, de fato, ‘uma força de identidade’*”<sup>131</sup>, refugiados vivem em seus cotidianos essa relação de memória e identidade, pois as primeiras fazem parte de uma bagagem invisível,

<sup>128</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*, p. 17.

<sup>129</sup> Idem, p. 19.

<sup>130</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 82.

<sup>131</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*, p. 16 apud JOUTARD. *Le musée du desert. La minorité réformé*, p. 546, grifo nosso.

não perdida e que não podem ser confiscadas por nenhum governo. A identidade individual e coletiva desses grupos pode muitas vezes chamar a atenção devido às diferenças culturais que agem como um fator de negociação de suas identidades e pertencimento no novo país, alguns aspectos dessas identidades são intrínsecas aos inúmeros grupos aqui existentes, mas outras são impostas como fator de exclusão, como pontua Bauman em relação a essa questão,

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaiam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas em nossa volta, e é preciso estar alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.<sup>132</sup>

Esses espaços são geradores de debates acerca da identidade do outro, daquele que é diferente para o país ao qual solicita-se abrigo, mas esse debate encontra-se nas camadas mais profundas, muitas vezes não é visível, está encoberto no dia a dia por ações, nas falas, no imaginário, no próprio corpo que é o espaço mais privado do indivíduo. O debate da identidade converge com o debate sobre a assimilação, porque para os “recém chegados, assimilação significa transformação.”<sup>133</sup> Transformação que é resultado de negociações, da própria identidade e das memórias que são destruídas e reconstruídas ao longo do caminho.

Para Silva, a “questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social [...] porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável.”<sup>134</sup> E no dia a dia da cidade, esses encontros com o outro tornam-se inevitáveis, estar diante da diversidade de identidades do outro, tão fortemente demarcadas leva a formular projetos e políticas de inserção dessas pessoas na sociedade.

Quais são as identidades do outro, daquele que traz a diferença na língua, na cultura e em suas crenças, aquelas que ele criou para si ao longo da vida e que foi se transformando de acordo com cada contexto vivido ou que lhe é imposto e não depende de escolhas como o

<sup>132</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, p.19.

<sup>133</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*, p. 30.

<sup>134</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 97.

status de refugiado, ou aquela que lhe é imposta através de estereótipos? Essas identidades se transformam ao longo da vida, numeráveis ou não, estabelecem fronteiras ou não, marginalizam ou não, mas estão presentes e se fazem notar até o último momento de nossas existências.

O conceito de identidade já foi amplamente debatido por antropólogos e sociólogos como Stuart Hall, Joël Candau e Zygmunt Bauman, entre outros, mas não deixa de ser atual devido aos acontecimentos que dia após dia nos confrontamos, sejamos deslocados ou não. A luta pela identidade, seja individual ou coletiva, está presente na forma de ser e agir, na criação de espaços para a sua preservação e divulgação. Em palcos de luta, que são os mais diversos, seja na família, na escola, no trabalho, nas suas crenças e nas suas narrativas. Ao nascermos nossas identidades não estão formadas, ao longo do tempo ela é nutrida em nossas vidas, em parte com o que a memória nos fornece, de acordo com Candau

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também, por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da *identidade* que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apóiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.<sup>135</sup>

A memória está relacionada à formação da identidade, mas essa formação também é extrínseca à memória, é uma relação ambivalente, pois a sua construção também capta elementos que estão ao seu redor, que não são propriamente fornecidos pela memória. O refugiado tem em seu encaixe as mudanças que o deslocamento resulta em sua vida, a memória, as experiências cotidianas e a forma pela qual é visto como o “outro” são a energia necessária para as transformações acarretadas em sua identidade. Hall observa que na identidade

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas.<sup>136</sup>

Esse deslocamento é pertinente ao tema da pesquisa, pois o deslocamento é um catalisador no processo de transformação das identidades refugiadas.

---

<sup>135</sup> CANDAU, Joël. *Memória e identidade*, p. 16, grifo nosso.

<sup>136</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 12.

Tornamo-nos migrantes, pois somos obrigados ou não a nos deslocar ao longo de nossas vidas, de uma região à outra, seja em busca de uma vida melhor e por livre e espontânea escolha, ou levados à força de um deslocamento indesejado. Migrar é necessário para o ser humano, para Bauman a “migração em massa não é de forma alguma um fenômeno recente. Ela tem acompanhado a era moderna desde seus primórdios”<sup>137</sup>, mas torna-se um grande problema quando esses deslocamentos fogem ao controle, levando milhares à morte em botes no Mediterrâneo ou quando são deixados à deriva no mar, ou vítimas de atravessadores, quando um número muito grande de refugiados é considerado o maior depois da Segunda Guerra Mundial. As identidades refugiadas tornam-se forjadas na dor da separação, não apenas de entes queridos, mas de todos os elementos que constituíram a vida dessas pessoas durante anos.

Assim como a memória, ninguém vive sem exercer suas identidades ao longo da vida, para Silva a identidade

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade esta ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.<sup>138</sup>

Identidades, espaços, territórios, todos possuem em comum as relações de poder, na pesquisa estão conectadas uma à outra, a identidade refugiada necessita desses espaços e territórios para que sua identidade, ancorada na memória, não faça parte do esquecimento.

Essas identidades refugiadas algumas vezes são originadas de outras identidades em refúgio, Maria Elias é um desses exemplos, uma venezuelana que deixou o país com seu marido e dois filhos, tem à frente a realidade de reconstruir sua vida no país vizinho. Sua família é originária do Líbano e entre 1953 e 54, seu pai e tio saíram do Líbano devido à crise que atingiu suas colheitas, seguiram em direção à Venezuela e ao Brasil respectivamente:

<sup>137</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*, p. 9.

<sup>138</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 96-97.

Eu sou filha de libaneses, nasci na Venezuela, somos nove irmãos, sete nasceram no Líbano e dois na Venezuela, nasci na Venezuela, eu sou a menor da família. [...] A minha família tinha fazenda, trigo, legumes, esse negócio para venda [...], então uma crise de comida no Líbano, então o governo começou a pegar parte das colheitas das pessoas, do trigo, dos legumes, meu pai tinha sete filhos e a mulher, pensou que não era justo, dar um futuro melhor para os filhos, então ele pensou, o meu tio também, cada um com sete filhos também, pensaram cada um em ir para um país, meu pai pensou na Venezuela porque tinha amigos na Venezuela, meu tio tinha amigos aqui também, meu tio foi logo para Brasil, meu pai foi para Venezuela. Então cada um vai para um país, o que está melhor, o outro vai lá para ficar junto, meu pai adorou Venezuela, meu tio adorou o Brasil, então ficaram, meu tio aqui e meu pai na Venezuela. [inaudível] ele não pediu refúgio como tal [inaudível], mas para melhora para família. Meu pai saiu do Líbano nos anos de 1953, 1954, ele saiu do Líbano. No Líbano próprio não tinha guerra, [inaudível]. O Líbano, falavam que era a Suíça do Meio Oriente, agora está voltando a ser, eu tenho uma irmã lá agora e ela diz que na temporada alta tem muitas pessoas da Arábia Saudita, pessoas com dinheiro, que eles vão passar lá no Líbano uma temporada completa, três, quatro meses. [...] Outros tios foram para África, é mais, acho que dois foram para África, meu tio para cá para Brasil, meu pai para Venezuela.<sup>139</sup>

Maria Elias refere-se à crise econômica no Líbano após à Segunda Guerra Mundial, que de acordo com André Gattaz afetou “[...] tanto populações rurais quanto urbanas. Quanto às primeiras, assim como nas primeiras fases da imigração, vê-se que o grande motivador da imigração foram as *necessidades econômicas e a falta de perspectiva*”<sup>140</sup>. O que fez seu pai e tio migrarem para outro país, anos depois seria o mesmo impulsionador para Maria Elias e sua família em direção ao Brasil, uma crise que afeta na Venezuela tanto as áreas rurais quanto urbanas e tornando-a parte de uma segunda geração de deslocados externos. Em 1951 foi aprovada pela ONU (Organização das Nações Unidas) a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados e como falou Maria Elias em relação ao seu pai quando perguntado se ele viera como refugiado: “Naquela época não existia refúgio como tal.”<sup>141</sup>

A identidade refugiada, observada nos espaços visitados é inclusiva? Os espaços em que são inseridas tornam possível a sua inclusão na cidade do Rio de Janeiro, os quais são utilizados para a propagação de sua cultura, seja através da gastronomia, do artesanato, da música ou de suas narrativas. Podem-se denominar identidades refugiadas em espaços de inclusão, para o emponderamento do refugiado.

<sup>139</sup> ELIAS, Maria. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 04 abr. 2018. 1 arquivo mp3.

<sup>140</sup> GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*, p. 58.

<sup>141</sup> ELIAS, Maria. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 04 abr. 2018. 1 arquivo mp3.

Os espaços percorridos, em sua maioria possuem uma característica em comum representada pela culinária, que transformou-se em um dos elementos representativos dessas identidades, cada grupo com seus sabores, suas especiarias, com iguarias tão diferentes e tão próximas na relação que estabelecem com o público consumidor, compartilha-se com Stuart Hall o argumento de que “Aquilo que comemos pode nos dizer sobre quem somos e sobra a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias.”<sup>142</sup> E é através da comida que Maria Elias e seu marido sustentam sua família, sendo também o exercício diário de rememoração de suas identidades, passadas e presentes.

Maria Elias, venezuelana, filha de libaneses que saíram de seu país devido às dificuldades econômicas, mulher refugiada, sua ocupação no Brasil é a venda de comida árabe e venezuelana, com ênfase na primeira, cristã ortodoxa, mãe, carrega em sua bagagem múltiplas identidades, parte delas originadas em sua diáspora. Quando perguntada sobre como se sentia sendo uma refugiada, Maria respondeu:

No princípio não gostava de refúgio, mas comecei a pensar: o que é refúgio? Quando você está cansada, está estressada, você quer ficar tranqüila: ah vou para refúgio, ficar tranqüila, você se sente segura e então isso é o que eu vejo que deve ser o refugiado, sentir-se tranqüilo no país onde está, onde possa trabalhar, estar com seus filhos, educar eles como deve ser, pra mim isso é o que é o refúgio.<sup>143</sup>

Maria Elias transformou sua situação em algo que pudesse redirecionar sua vida no novo país, na certeza de se estabelecer no Brasil e viver em segurança com sua família.

---

<sup>142</sup> WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual*, p. 43.

<sup>143</sup> ELIAS, Maria. Entrevista cedida a Marta Bezerra de Almeida. Rio de Janeiro, 04 abr. 2018. 1 arquivo mp3.

## 6.1 Identidade caribenha

O sub-título desse capítulo refere-se à Aula Cultural promovida pelos professores venezuelanos do curso Abraço Cultural, em fevereiro de 2018. A aula teve como propósito abordar de forma introdutória a identidade caribenha, suas características, os países que formam o Caribe, os idiomas falados, a música, o turismo, aspectos históricos, ênfase na história do Haiti e de sua independência noções básicas sobre a região. Seus nomes serão substituídos para professor A e professor B.

A identidade é relevante para a pessoa deslocada de sua terra, professor A que introduz a aula, ao final de sua parte falou que: “eu sou venezuelano, mas sou caribenho também.”<sup>144</sup> A identidade caribenha é o laço que une esses povos, tanto venezuelanos, haitianos, dominicanos, colombianos, dominicanos, jamaicanos, entre tantos outros.

Abaixo o convite para a palestra (figura 31) “A identidade Caribenha no Haiti e na Venezuela”.



Figura 31 A identidade caribenha no Haiti e na Venezuela.  
Fonte: Abraço Cultural

<sup>144</sup> Palestra de professor A [fev. 2018]. Aula Cultural. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo mp3 .

Existe uma identidade caribenha? É a pergunta dos professores do abraço cultural para os ouvintes que são na maioria das vezes alunos do próprio curso, a intenção das aulas é inserir as pessoas no universo dos professores, na cultura e no universo do refúgio.

Segue abaixo parte da transcrição da fala do professor B na palestra da Aula Cultural sobre a identidade caribenha, professor de espanhol no Abraço Cultural,

O Caribe é uma região muito heterogênea, com muitas diferenças, precisamente pelo que nosso companheiro [...] falou, é uma região que teve muita ingerência política através da história e passou por uma colonização, que é uma região totalmente misturada, além dos imigrantes que chegaram ao Caribe em diferentes processos de guerra [...], é uma região que é totalmente misturada, nova, que não [inaudível], que tem diferentes idiomas, diferentes culturas [...]. E dentro de todo esse contexto a gente encontra coisas que fazem com que a região seja de alguma forma ou tenha características semelhantes, por isso é uma região específica da América. É, a gente pode ver algumas paisagens, desde a Venezuela até a parte sul do Caribe até as Bahamas, que é a parte mais norte, tem paisagens semelhantes, é uma mistura de água com mesma temperatura, o solo [...], esse intercâmbio de praia e vegetação, floresta tropical desde Venezuela até o final, então, essas características fazem parte da nossa identidade como região, já seria a primeira, depois vem a parte social, a parte cultural. É, eu poderia ressaltar, por exemplo, a parte da culinária, quando eu falo da culinária caribenha, a gente identifica que tem diferentes coisas que estão presentes nas culinárias de todos os países de todo o Caribe e também a gente vê a influência da raça negra e da raça índia ainda presente.

Hoje em dia, a gente pode observar que tem presença grande e essa presença tá influenciada pela culinária espanhola, francesa, portuguesa que chegou lá e tudo ficou misturado, alguns ingredientes que são muito típicos da comida do Caribe, por exemplo, o aipim, é a banana, o milho, o coco, é como fruta e assim pode ter em diferentes países, preparado de diferentes formas, mas sempre tá presente na área insular, da área da praia e isso faz com que os países fiquem conectados um com o outro. Às vezes as pessoas, é, não conhecem porque a diferença que eu falei no começo, às vezes uma diferença política, às vezes faz com que a pessoa não saiba que tem uma conexão ancestral com outros povos que estão relativamente perto deles. [...] Todos estão conectados de forma intangível, a pessoa não sabe que tá conectada entre nós. [...] A comida na Venezuela, temos o *patacón* que é um prato muito típico da costa, então, esse prato, eu sempre disse que era só na Venezuela, então aparece na Colômbia, no Panamá, República Dominicana, vai até Cuba, e eu sempre achei que era nosso [...].

E para finalizar, uma pergunta geral, existe uma identidade caribenha? Quando a gente pesquisa um pouco sobre identidade caribenha, aparecem certos fatores ou outras pesquisas que falam na identidade caribenha, quando *hablamos* de identidade temos que diferenciar entre identidade e integração. Por que? Se falarmos em integração, a região não é, não tá muito integrada, integração política, integração social, é muito difícil, porque além de ter a

comida, a cultura, a música, temos outras características semelhantes que são problemas econômicos, problemas políticos, interesses particulares [...].<sup>145</sup>

O olhar do professor A para as características de sua região parece tomar outra perspectiva através de um olhar refugiado, esse fez com que observasse a identidade caribenha através de outro viés, ao mesmo tempo pertencente a essa identidade, está desterritorializado da mesma, no sentido que Haesbaert formulou como visto anteriormente. A identidade não é algo fixo, está sempre em um processo contínuo de transformação, Hall a vê sempre em andamento e usa o termo identificação para algo que não acabou ainda,

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais imaginamos ser vistos por *outros*’.<sup>146</sup>

Stuart Hall, um conhecido caribenho, nascido na Jamaica, cujo pensamento deriva-se não apenas de sua formação acadêmica, mas por fazer também parte da região, para Hall as sociedades do Caribe

[...] são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas.

A distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus.<sup>147</sup>

As identidades tornam-se visíveis nos espaços criados e as aulas culturais servem para quebrar estereótipos, mostrar que o refugiado está aqui para compartilhar sua cultura com o país que o recebeu e da mesma forma estar inserido em novos espaços de cultura. Relacionamos essa troca com a hibridização a qual Silva argumenta que,

A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. [...] O

<sup>145</sup> Palestra professor B [fev. 2018]. Aula Cultural. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo mp3 (45 min).

<sup>146</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora*, p. 24

<sup>147</sup> Idem, p. 30-31.

hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras. [...] ‘Cruzar fronteiras’, por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. ‘Cruzar fronteiras’ significa não respeitar os sinais que demarcam – os limites entre os territórios das diferentes identidades.<sup>148</sup>

De acordo com Silva esses movimentos podem ser literais ou simbólicos, observa-se que ambos estão presentes nesses grupos, a diferentes identidades entre os refugiados nesses espaços e as diferentes identidades do povo receptor se mesclam e influenciam até mesmo a gastronomia.

## 6.2 A identidade no Espaço

“Ah! Ele é haitiano? Pensei que fosse africano!”<sup>149</sup>, frase proferida por uma visitante na Christ Church enquanto conversava com seus familiares sobre a comida de uma das barracas pertencente a um haitiano. Algumas vezes as identidades não são de nossa própria autoria, mas sim impostas pela sociedade, Bauman argumentava que as identidades podem ser “[...] algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]”<sup>150</sup>. Para Silva a identidade está inserida em dois sentidos, um positivo e outro negativo, “aquilo que é e aquilo que não é”, sou brasileira, não sou haitiana, “Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente”<sup>151</sup> E a identidade traz em seu rastro a diferença, “aquilo que o outro é” ele é haitiano, ele é africano. Quanto à pronúncia de que “pensei que ele fosse africano”, carrega a afirmação de que ele é uma única entidade, de que ele não possa ser da região do

<sup>148</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 87-88.

<sup>149</sup> Trabalho de campo realizado na Christ Church no dia 31 de março de 2018.

<sup>150</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, p. 19.

<sup>151</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 75

Caribe, nascido no Haiti ou um europeu nascido na França, é a construção de uma barreira entre a identidade construída para si mesmo e aquela fabricada pelo outro. Para Silva

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.<sup>152</sup>

A negação da identidade do outro, da sua nacionalidade, sexualidade, religiosidade, contrabalança com a necessidade de afirmação dessas identidades, o mesmo se dá com as identidades da diáspora, ser árabe não é sinônimo de ser muçulmano e trazer em seu rastro o estereótipo de terrorista, fazer comida libanesa não é uma prerrogativa de quem é libanês, uma venezuelana pode muito bem fazer, a cor da pele não quer dizer que uma pessoa pertença a esse ou aquele continente, o “poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder.”<sup>153</sup> Assim como nos espaços transitam relações de poder, na esfera da identidade ocorre o mesmo, ainda de acordo com Silva “[...] onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder.” Os processos de exclusão e de inclusão estão fortemente presentes na identidade. As identidades refugiadas representam um processo de transição de uma identidade anterior à diáspora e outra, posterior a todo processo de desarraigamento que procura incluir essas identidades em novos habitats e em novos espaços de inclusão.

Essa demarcação entre “nós” e “eles” não é um fenômeno recente, no jornal “A Manhã” do dia 27 de novembro de 1941 encontramos a seguinte matéria “Amamos esta terra e trabalhamos com espírito profundamente brasileiro”<sup>154</sup>, nela o autor enobrece os feitos da comunidade síria no Brasil e em determinado parágrafo nos deparamos com “Cem por cento brasileiro, embora filho de sírios”, em que torna-se visível o processo de exclusão e de fixação de uma identidade em detrimento de outra. Sobre os atos de inclusão e exclusão na identidade, Silva observa que,

---

<sup>152</sup> Idem. p. 76.

<sup>153</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 81.

<sup>154</sup> A MANHÃ. Rio de Janeiro, ano 1, edição 95, Nov, 1941. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx? bib=116408&PagFis=13516](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&PagFis=13516). Acesso em: 20 jun. 2018.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer “o que somos” significa também dizer ‘o que não somos’. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam *relações de poder*.<sup>155</sup>

Os dois casos demonstram que o processo de inclusão e exclusão das identidades migrantes e/ou refugiadas podem muitas vezes fazer parte de um processo de classificação, de distinções entre “nós” e o “outro”, estabelecido na cor da pele, no idioma e na etnia. De acordo com Silva “Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de *atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados*.”<sup>156</sup>

Classificar, hierarquizar, definir a identidade do outro é um processo eternizado nas sociedades, independente de que lugar se esteja, o outro com suas diferenças é sempre o espelho de quem olha pra ele.

---

<sup>155</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 82.

<sup>156</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 82.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços surgiram da necessidade de emponderamento de migrantes e refugiados, principalmente esses últimos, de um crescente processo de visibilidade desses grupos, da afirmação de suas identidades na sociedade que buscam recomeçar suas vidas, não como um processo de assimilação, mas divulgando os elementos de sua cultura, como a gastronomia, a música, o idioma, e as narrativas que permeiam suas vidas, não deixando suas identidades à margem, mas em um contínuo processo de remodelação.

Os espaços são o resultado dos projetos que acompanhamos ao longo da discussão, como a feira Chega Junto e a Aula Cultural que é um prolongamento do curso de idiomas Abraço Cultural. Esses projetos para se tornarem viáveis utilizam espaços que algumas vezes possuem outras finalidades, por exemplo, a feira Chega Junto realiza-se uma vez por mês no pátio da *Christ Church*, o curso de idiomas tem seu espaço cedido pelo curso de inglês Brasas e por uma casa de cultura judaica, a *Habonin Dror*. A *Mawon* é a única independente, pois seu espaço não depende de um local físico, é antes de tudo uma ideia que desenvolve outros projetos e que trabalha em parceria, por exemplo, com a feira Chega Junto.

Os espaços de memória dos migrantes e refugiados atuais não possuem sua representação em espaços personificados em museus, como o Museu da Imigração em São Paulo, por exemplo, mas em espaços que são geralmente ao ar livre, que possuem outras propostas como a interação entre os visitantes e as pessoas que participam desses projetos. Os projetos envolvem uma estrutura que abarca colaboradores, financiamentos, geração de renda para os refugiados, locais, as ferramentas utilizadas em sala de aula ou no preparo de alimentos. Uma peça de teatro como *Kondima* que esteve em cartaz no teatro SESC no período de 11 até 25 de novembro, abordando a vida de refugiados sírios, congolese e venezuelanos, seus dilemas, a violência da guerra personificada na morte e na violação das mulheres é uma outra forma de criação de um espaço de memória, onde nesse caso até mesmo o público interagiu com os atores. Os espaços funcionam não apenas para a exposição e venda da gastronomia, do artesanato, mas é um espaço de debate, de narrativas, é um local de fala e de visibilidade.

A mobilidade é inerente aos atuais espaços, Robert da *Mawon* falou que a ONG é mobilidade, os espaços possuem essa característica, e a mobilidade é liberdade de ir e vir, de transformação no tempo e no próprio espaço.

A memória precede a identidade, uma não existe sem a outra, ao longo da vida acumulamos nossas memórias, e elas fazem parte da transformação que o processo identitário passa ao longo da vida de uma pessoa. E essas memórias entre os grupos de migrantes e refugiados se expressa na culinária, nas vestimentas, na música e seus instrumentos, nas narrativas pessoais e coletivas, na história dos marginalizados se contrapondo à uma história oficial. A memória é um exercício de identidade, sem ela não somos nada. A memória se conecta com a fala e “falar é recordar”, como diz Robert Schank, assim Nelly Llaneras fala sua experiência na Colômbia, para recordar, para não esquecer, porque o esquecimento também é parte da memória e logo faz parte de nossas identidades.

Relações de poder vivem e precisam desses espaços, está representada na hierarquização de seus colaboradores que organizam, mantém essa ordem, negociam, recebem dividendos também para sua própria manutenção e do espaço como os cursos de idiomas, como as feiras, na Chega Junto não existe a obrigatoriedade do pagamento de uma taxa, o refugiado paga se tiver condições para tal, porém para a Junta Local que ocupa o mesmo espaço, existe a obrigatoriedade.

A memória em uma sociedade se perpetua pela fala, pelo recordar contínuo, assim como no Holocausto que é constantemente trazido à tona para não se esquecer dos horrores de suas vítimas, mas é um exercício de toda comunidade, o falar está ligado à recordação e é um ato de não esquecimento, as tragédias que assolam países como a Síria que desde 2011 vive um conflito sem trégua, separou famílias e fez com que muitos percessem durante suas jornadas. Esses espaços dividem-se em micro-espços de memória e poder, possuindo a capacidade, invisível ao leigo, de não fazer esquecer. Esses espaços possuem duas características relevantes: o emponderamento do migrante e/ou refugiado, para que possa realizar seus projetos sozinho e a visibilidade, pois essa pessoa ou grupo existe, uma visibilidade que nenhum governo ou instituição pode subtrair.

## REFERÊNCIAS

- ACNUR. *Dados sobre refúgio no Brasil*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. 2017. Acesso em: 12 maio 2018.
- ACNUR. Resposta humanitária no Brasil se intensifica diante da crescente chegada de venezuelanos. 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/04/06/resposta-humanitaria-no-brasil-se-intensifica-diante-a-crescente-chegada-de-venezuelanos/>. Acesso em: 05 maio 2018.
- ACNUR. *Violência na República Democrática do Congo aumenta número de refugiados forçados ao se deslocar ao Leste*. 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/02/01/violencia-na-republica-democratica-congo-aumenta-numero-de-refugiados-forcados-se-deslocar-para-o-leste/>. Acesso em: 05 maio 2018.
- A MANHÃ. Rio de Janeiro, ano 1, edição 95, nov.1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&PagFis=13516>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AQUINO, Tomás. *Comentário sobre 'a memória e a reminiscência' de Aristóteles*. São Paulo: Edipro, 2016.
- ARENDETT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*, p. 5. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/17350268/metafisica-aristoteles-livros-vii-e-viii-traducao-de-lucas-angioni>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Unicamp, 2016.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: [s.n.], 2016.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo real*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2003.

CANDAU, Joël. *Antropología de la memória*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. *La Era de La Migración: Movimientos internacionales de población en el mundo moderno*. México: Miguel Ángel Porrúa, 2004.

DUMOVICH, Liza. *A comunidade Güllen no Brasil: configurações locais de um movimento religioso turco transnacional*. 2016. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:158IT\\_9L594J:www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPIjtzOjQ6IjI2MTAiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiOWU1NTNkOGJhZTYzMDAzMTQzMjNlZDgzNmEwMjEzOTgiO30%253D+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:158IT_9L594J:www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPIjtzOjQ6IjI2MTAiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiOWU1NTNkOGJhZTYzMDAzMTQzMjNlZDgzNmEwMjEzOTgiO30%253D+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 02 maio 2018.

FISK, Robert. *A grande guerra pela civilização: a conquista do Oriente Médio*. São Paulo: Planeta, 2007.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Bahia: Pontocom, 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 07 maio 2018.

GUBER, Rosana. *La Etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011. Disponível em: [https://redpaemigra.weebly.com/uploads/4/9/3/9/49391489/rosana\\_guber\\_\\_la\\_etnograf%C3%ADa\\_-\\_m%C3%A9todo,\\_campo,\\_reflexividad.pdf](https://redpaemigra.weebly.com/uploads/4/9/3/9/49391489/rosana_guber__la_etnograf%C3%ADa_-_m%C3%A9todo,_campo,_reflexividad.pdf). Acesso em: 02 maio 2018.

HAESBAERT, Rogério. *Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad*. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/crs/article/view/41590>. Acesso em: 28 jun. 2018.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. *O território em tempos de globalização*. 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228455262\\_O\\_territorio\\_em\\_tempos\\_de\\_globalizacao](https://www.researchgate.net/publication/228455262_O_territorio_em_tempos_de_globalizacao). Acesso em: 28 jun. 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina: 2015.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu (org.); WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HILU, Paulo Gabriel. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Editora Cidade Viva, 2010.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória: arquiteturas, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

ICARABE: Instituto da Cultura Árabe. *Há 90 anos, 22 jovens sírios decidiram se reunir...* 2010. Disponível em: <https://www.icarabe.org/historia/ha-90-anos-22-jovens-sirios-decidiram-sereunir>. Acesso em: 05 mar. 2017.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira Et Lent, 2010.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. São Paulo: Artmed, 2011. Disponível em: <https://edoc.site/memoriaivan-izquierdopdf-pdf-free.html>. Acesso em: 04 mar. 2018.

KARAM, John Tofik. *Um outro Arabesco: Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KNOWLTON, Clark S. *Sírios e libaneses: mobilidade espacial e social*. São Paulo: Anambi, 1960.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. 2006. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/1a\\_aula/A\\_producao\\_do\\_espaco.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf). Acesso em: 01 jun. 2018.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Migrar: experiências, memórias e identidades*. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/exposicoes/longa-duracao/>. Acesso em: 02 maio 2018.

MONTIEL, Gilberto Giménez. *Territorio y cultura*. 1996. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Gilberto\\_Gimenez\\_montiel/publication/27391094\\_Territorio\\_y\\_cultura/links/0a85e52ec52c532d34000000/Territorio-y\\_cultura.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.researchgate.net/profile/Gilberto_Gimenez_montiel/publication/27391094_Territorio_y_cultura/links/0a85e52ec52c532d34000000/Territorio-y_cultura.pdf?origin=publication_detail). Acesso em: 06 jun. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*, São Paulo, n. 10, p. 1-22, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 8 jun. 2016.

PARK, Robert Ezra. *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona: Serbal, 1999.

POLLAK, Michel. *Memória e identidade social*. 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2016.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática: 1993.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2014.

RICOEUR, Paul. *La lectura del tiempo pasado: memória y olvido*. Madrid: Arrecife, 1999.

SAID, Edward. *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEEDUC. *CIEP 218 Ministro Hermes Lima – Ensino Médio Intercultural Brasil-Turquia*. 2016. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=2532249>. Acesso em: 05 mar. 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memória*. España: Paidós, 2000.

## GLOSSÁRIO

**Bolívar** – é a moeda oficial da Venezuela, conhecida como Bolívar Venezuelano.

**Daesh** – sigla em árabe formada a partir das letras iniciais do nome anterior do grupo, também em árabe – “al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa al-Sham”.

**Derbake** – instrumento de percussão na música árabe.

**Djembe** – instrumento de percussão originário da Guiné, sendo muito utilizado na Costa do Marfim, Mali, Senegal e Burkina Faso.

**Fajr** – uma das primeiras das cinco orações que o muçulmano deve realizar ao longo do dia.

**Keffiyeh** – tradicional lenço palestino, quadrado e dobrado é usado cabeça ou ao redor do pescoço.

**Literatura Mahjar** – Literatura do exílio

**Hadji** – título de honra, muçulmano que fez a peregrinação à Meca na Arábia Saudita.

**Mawon** – possui dois significados, a cor marrom e em creole haitiano é o marronage que é o nome dado para descrever a fuga de um escravo da propriedade de seu mestre.

**Sicário** – assassino contratado.

**Suhur** – Refeição feita antes da oração do nascer do sol (Fajr) durante o período do Ramadan

## ANEXO A – ENTREVISTA ROBERTA SOUZA

Entrevista de Roberta Souza, colaboradora do curso de idiomas Abraço Cultural concedida em 16 de outubro de 2017.

Entrevistador: Como surgiu o Abraço Cultural?

Roberta: O projeto do Abraço surgiu em 2015 em São Paulo, porque o Abraço tem uma relação muito forte com uma outra ONG que se chama Atados, que eles são uma ONG que, assim, resumindo eles conectam pessoas que querem ser voluntários à ONGs que precisam de voluntários. Aí, eles têm um site onde você pode procurar um trabalho voluntário de acordo com as suas competências e área de atuação. Então, lá em São Paulo, o Atados em 2014, eles fizeram uma Copa do Mundo dos Refugiados e aí os voluntários do Atados sentiram que era bem legal trabalhar com refugiados e eles queriam propor algum projeto que fosse mais duradouro para eles, que pudesse ajudá-los no sentido de gerar renda, para eles começarem a reconstruírem a vida aqui no Brasil. Em 2015, os voluntários, eles começaram a ter a ideia do Abraço Cultural lá e aí o curso piloto foi em julho de 2015 lá em São Paulo, foi um curso intensivo de férias e aí eles tiveram muito mais inscrições do que eles achavam que ia ter, então foi um sucesso. Aí, eles começaram o curso lá, depois, logo depois desse curso de férias começou no segundo semestre de 2015 e aqui no Rio começou em 2016, em março. Aqui no Rio tem eu, a Cacau que é a coordenadora pedagógica daqui e a Tati que é coordenadora meio que administrativa. Aí, elas duas fundaram o Abraço aqui junto com um outro rapaz que trabalha no Atados e que veio abrir o Atados no Rio de Janeiro também, mas são duas organizações separadas, a gente até divide o espaço aqui com eles, eles têm uma sala que eles ficam lá do outro lado. E então, começou em março de 2016 e hoje tem nós três aqui, nós três, os professores e em torno de 260 alunos. A gente tem aula aqui, na sede, que é na Tijuca, que até foi uma parceria que a gente tem, a gente não tem ajuda financeira de nenhum lugar, a gente se sustenta pelo pagamento dos alunos que pagam os cursos, só que a gente tem parceria tipo de lugar, por exemplo aqui, esse lugar é uma parceria que a gente tem com o Brasas, com o curso de inglês, então eles cedem pra gente ter as nossas atividades aqui e em Botafogo também é um outro espaço, que é uma parceria que é um centro de cultura judaica, a gente também tem aulas lá, mas lá só tem duas salas, e então a gente tem bem menos turma, e agente só pode usar à noite de segunda à sexta, aqui a gente tem aula de segunda à quinta à noite, e segunda e quarta de manhã e sábado de manhã também.

Entrevistador: Qual o nome dessa casa de cultura judaica?

Roberta: Habonin Dror, na rua Paula Barreto, nº 30. A gente tem aula de inglês, francês, árabe e espanhol, é o que a gente tem mais é professor e aluno de francês, de longe, a gente tem seis professores de francês e tem dois de espanhol, três de inglês e dois de árabe. Entre os professores, tem congoleses, tem muitos congoleses aqui no Rio, tem cinco professores congoleses dos treze, tem um marroquino, um haitiano, uma gambiana, três sírios e dois venezuelanos. Além das aulas em sala de aula, que é como um curso de idioma normal, três horas por semana e tem o intensivo que é sempre em janeiro ou julho, de segunda a quinta duas horas por dia e aí além das aulas em sala de aula, a gente faz todo mês uma aula cultural, é um espaço para os professores contarem um pouco mais da experiência deles, um espaço maior para mostrar a cultura deles, mas essa Aula Cultural é com todos os alunos, de todos os idiomas e muda a cada mês, por exemplo, a gente já teve aula de salsa com os professores venezuelanos, já teve aula do Reino do Congo, que é uma tribo da República Democrática do Congo, já teve aula sobre a situação política na Venezuela, mundo árabe, cada mês muda o tema, cada mês é um tema, e [...]. A gente faz reunião todo mês, é um dia que a gente faz reunião pedagógica, tem as reuniões por idioma com a coordenadora, geralmente uma vez por mês cada idioma, as vezes a gente se encontra fora daqui pra fazer alguma coisa e no final do ano a gente faz um encerramento, mais para a equipe, geralmente é isso. Ah é muito engraçado, porque os alunos geralmente, eu não sei se é assim em todo curso de idioma, porque o que eu já fiz não era tanto assim, aqui a gente vê os alunos gostam muito dos professores, se apegam numa relação bem de amor, assim. Então, às vezes eles saem com os professores, teve um professor aqui de francês, que ele teve uma filha aqui, teve ter uns sete meses agora, e a turma toda se juntou, ele não tem negócio de chá de bebê, mas a turma toda se juntou e comprou vários presentes para a filha dele, é bem legal como eles se integram. [...] Antes de conhecer os professores eu não tinha ideia do que acontecia lá (Venezuela).

Eles adoram esse espaço, na próxima oficina a gente quer fazer o chá marroquino, porque tem um professor que é do Marrocos, e de turbante com a gambiana, é muito legal.

**ANEXO B – ENTREVISTA MOHAMMAD AL JAZOULI**

Entrevista de Mohammad Al Jazouli concedida em 30 de novembro de 2017.

Entrevistador: Qual seu nome e país e fale um pouco sobre sua trajetória?

Mohammad: Sou Mohammad Al Jazouli, tenho 30 anos, então, meu país é Marrocos, minha cidade é Oujda, estou agora há um ano e três meses. [...] Quando eu cheguei, eu trabalhei na rua, eu não tinha muita escolha, então eu trabalhei na rua, então eu estava com uma obrigação da comunicação, como os brasileiros. Eu falo espanhol, inglês, árabe e francês e português agora.

Entrevistador: Quais foram os motivos que te levaram a vir para o Brasil e pedir refúgio?

Mohammad: Na Europa o procedimento é diferente. Quando você vai chegar, primeiramente você é do Marrocos, você é de um país que é um grande parceiro de União Europeia, grande amigo querido, tem muitas coisa entre União Europeia e Marrocos, tem contratos do peixe, fosfato, o Marrocos primeiro parceiro com União Europeia, fora de Europa. [...] Tem muitas coisas e quando você vai pra lá e fala com eles: eu sou de Marrocos, eu sou de, eu quero pedir refúgio, ele vai e fala com você ‘ah, Marrocos é bom’, eles não vai querer fazer [...], mas pior para aceitar, Marrocos vai ficar com vergonha, [...]. Vai falar: Marrocos é bom, a gente aceita Síria, direitos do homem, mas Marrocos é bom”, mas antes disso [...] você vai pra lá, você entra em campos de refugiados até que seu pedido vai falar sim ou não, [...] eles vai falar não porque eu conheço muitas histórias de marroquinos lá, então você vai ficar campo, você não tem direito de trabalhar nem sair, nada. Aqui diferente, você entra vai para Cáritas e pega seu protocolo, CPF, carta de trabalho, se você vai usar carta de trabalho ou não, mas, você pode sair e trabalhar com brasileiro na rua, viver, então, você não ficar em um campo de refugiados até que o CONARE vai responder sobre sua situação, que pode ser um ano, dois anos, três anos, se ele vai ser um refugiado de verdade, tá bom [...], se não você tem que fazer uma coisa para ficar regularmente [...]. Então é mais flexibilidade, você não vai fica medo de que um dia autoridades brasileiras vai te puxar lá no Marrocos e aí autoridade no Marrocos vai te receber e vai te falar seja bem vindo porque ele vai saber que você pediu refugiado, se não conseguir, e por isso eu estou aqui.

Entrevistador: E você saiu do Marrocos, por quê?

Mohammad: Não tem mais liberdade de expressão. Se você tem uma opinião diferente do maioria dos marroquinos, do rei, do governo, você não pode viver lá, sua vida não segura, você vai acabar em presídio, você não vai viver com uma dignidade, você vai sofrer muito

como muitas pessoas que escolheram ficar lá, mas eles falam ‘ah, mas a gente não vai mudar nada’, todo dia eles reclamam aqui [...], eles não podem, eles não têm coragem de mudar a vida, mas eu tinha coragem de mudar a vida, eu não queria ficar lá, especialmente depois de uma depressão de quatro anos, eu queria só sair para viver, normal.

Entrevistador: Pra você o que é a sua memória em relação ao Marrocos? Em que local você sente que vínculo com seu país?

Mohammad: Você quer dizer o lugar que você tá visitando e rememorando que tá na casa?

Entrevistador: Um local que tenha comida, um local que tenha alguém falando árabe. Quais são os lugares que você transita e te lembra a sua família, por exemplo?

Mohammad: Um lugar muito estranho, eu vou te falar, o shopping, cada shopping, porque o Marrocos, eu estava saindo com meus sobrinhos, o shopping na Casablanca, Morocco Mall, então, eu sai com eles, a gente vai para, eles querem jogar, comer em *McDonald's*, comer, bata frita e todo e andar e corre no shopping, muito espaço, muito verdura e jardim do Shopping e tudo e eu saia com eles sempre, eu estava saindo com eles sempre. Aqui quando eu entro em shopping, eu sinto que estou com eles, às vezes entro em shopping para não fazer nada, só para andar, para andar, é um pouco estranho porque as pessoas não sentem nada no shopping, porque não tem nada mais, mas pra mim tem muitas coisas. Aqui também, no Abraço Cultural, eu sinto bem, eu sinto bem, com Julie, Adel, Hadi, Roberta, ela é brasileira, Tatiana, eles estão brasileiras, mas eles gostam do mundo árabe. [...].

Entrevistador: O que você pensa das Aulas culturais?

Mohammad: Pra mim tá bom, não tem problema, tudo organizado. As pessoas tá trabalhando para que aula seria com sucesso, é uma coisa perfeita. Eu gosto.

Entrevistador: Como você começou no Abraço Cultural?

Uma amiga, Mariama, da Gâmbia. Foi uma coincidência, quando eu cheguei aqui eu não conhecia nada mais, eu encontrei ela no Cáritas quando eu pedi refúgio, agente fala um pouco porque ela tá falando em english, ela falou de onde eu era, é do Marrocos, from Marrocos. Eu lembrei que eu falei com ela: eu acabei de chegar no Brasil. Você pode me informar aqui, se Brasil é bom, porque não sabe nada, eu cheguei porque. Aqui seria bom pra mim, porque eu não sei nada. Ele me falou: sim, sim, se você quer fazer uma coisa, você vai conseguir tudo, você só tem que ter paciência, ela me falou, eu sou uma professora, um projeto é muito bom, professor de língua e tudo. Então, eu não encontrei ela depois, e um dia eu encontrei ela em Botafogo, quando eu morei na Igreja aqui do Botafogo, eu estava andando, encontrei ela em Voluntários da Pátria e falei, aí ela me conhece, falei: oh Mariama, tudo bem? É Mohammad. Ela falou: você vai para onde? Eu foi, estava sem celular, três meses, quatro meses, eu falei

com ela que eu vou pra um moço para Copacabana, ele vai talvez, resolver problema de celular, porque ele não funciona agora. Eu falei com ela: e você? E ela me falou que ia para a escola porque tinha Aula Cultural, então eu falei com ela: eu posso ir com você? Aí depois, celular no problem, um dia, é eu lembrei, esse dia eu não tinha dinheiro para pegar ônibus, eu estava circulando centro com meus pés, andando, então eu falei com ela: vamos, eu vou com você, melhor, porque eu vou ter que andar até Copacabana, eu não tenho memória de moço, talvez ele não vai se [...] Então, eu entrei para Abraço Cultural, eu lembrei, foi uma Aula Cultural sobre o mundo árabe e tudo, depois eu saí com eles com café e tudo e depois eu não encontrei eles mais, Abraço e Mariama mais, eu fiquei muito tempo sem celular, quatro meses, cinco meses e um dia, a Tatiana, coordenadora do Abraço Cultural, visita a gente na igreja, ela me viu e me deu um abraço: Mohammad porque você sumiu, agora? Agente estava procurando, você sumiu, muito tempo. Eu com ela, falei: sim, porque eu não tenho celular, ela estava na Igreja para falar com os refugiados para fazer um curso do português. Então, eu falei com ela: quando eu tenho um celular, eu vou te chamar. Depois eu estava fazendo curso do português em Brasas com colaboração do Abraço Cultural e depois eu trabalhei com esfiha, peguei um pouco de dinheiro e comprei um celular. E aí, fiquei com contato com Tatiana e Mariama de novo e eu fui visitando sempre o Abraço Cultural e um dia eles querendo fazer seleção de novos professores. Porque o projeto estava grande, grande que antes, mais, maior que antes. Eu passei seleção de árabe, inglês e francês, então eu consegui trabalhar com eles. [...] Aí minha história com Abraço Cultural começou assim, com coincidência, mas foi muito boa a coincidência.

## ANEXO C – ENTREVISTA NELLY LLANERAS

Entrevista de Nelly Llaneras concedida em 31 de março de 2018.

Nelly – Nasci em departamento de Meta, a minha cidade é Granada.

Pergunta – E você era professora, dava aulas para crianças?

Nelly – Do pré-escolar, trabalhei pelo *espacio* de vinte *años* como docente e mesmo com aquela insegurança que tinha o país na época e com aquelas vivências, foi muito complicado e então eu decidi que eu ia morar na fazenda, em um lugar mais tranquilo, em um sítio, aí eu tinha que comprar, começar uma vida, mas foi uma coisa muito complicada, Na época as FARC atuavam [inaudível] Porque eu lembro muito do Comandante desde que eu tenho 3 ou 4 *años*, eu ficava próxima a ele e ele fazia carícias na minha cabeça e ficava mexendo com as armas dele, era tão natural que as pessoas não impediam, e não sei sinceramente como as pessoas atuavam [...]. Eu fico lembrando, que eu ficava brincando com as armas dessas pessoas e o bom para mim foi una ideia de que eles eram pessoas boas, que eram pessoas que lutavam por uma causa, por nós, por nossa vida, não entendia por quê, mas todo o que eu lembro dessa época, tirando massacres, era que eu queria ser participante obviamente, continuava estudando, *creciendo*, eu queria participar das guerrilhas porque para mim era tudo, era como *el ejército*, como *la policía*, com aquela coisa que você se sente protegida, que você está brincando em um lugar e ninguém vai mexer com você, porque você está protegida por eles. Então foi por esse jeito que me criei, vi como se fortaleceram, como também todos os anos trocaram as ideias, diferentes de luta, de povo, de querer ajudar *a la* classe média baixa, mais necessitada, mas uma década *despues* eles mudaram totalmente e ficaram narcotraficantes, então acabou aquela ideologia que eles tinham de luta por direitos, direitos de igualdade e aí ficaram eles já, foi narcotraficantes, foi quando ficaram muito mais violentos, seqüestrando, matando crianças, matando famílias inteiras completas, desapareciam, *forzosas*, de famílias completas, que você nunca mais tinha como saber delas, sabes?

Então, cresceu a força dentro da FARC e eles submeteram *al* povo *campesano*, aquelas pessoas que são fazendeiros, que trabalham. Aí você tinha um exemplo, na época você tinha 500 cabeças de gado, 250 era para você e 250 era para ele, você não podia falar que não. Se na época eles chegavam e eles ficavam dentro da sua fazenda por mais de dois dias, três dias, quatro dias, eles pegavam tudo para comer e era assim, você não podia, se tinha crianças, *ellos lebavan* crianças, se pai ou mãe falavam que não podia pegar as crianças,

não permitiam, morriam mesmo *así*, era uma cosa violenta e louca, nas décadas de mandato, FARC, *haciendo* [...] *con* el narcotráfico, até que *apareció también el* famoso Pablo Escobar, um delinqüente, narcotraficante, poderoso, que *quiso* comprar *el* estado colombiano, ele comprou el povo colombiano, todo aquilo que ele tocava, era dele, sim, porque você aceitava ou não aceitava, era dele. Donde ele queria estar, ele *estaba*. Por cima de tudo, então, foi quando apareceram as crianças bomba, *sí*, meninos de 11, 12, 13 anos, cheios de bomba, elas explodiam porque você tinha que *morir*. Como trabalhavam aquela criança? Eu vou comprar casa para sua mãe, vou mandar seus irmãos para a Europa estudar, eu vou dar tantos milhões de pesos, e você, simples, vai e mata essas pessoas [sic], mesmo era tanta aquela coisa que infundiam nas pessoas que conseguiam. Isso não tínhamos na Colômbia, na época de Pablo Escobar, homens bomba, mulheres bomba, crianças bomba, não era coisa normal, que você nasceu para morrer, todos nascemos para morrer, não daquele jeito. Então você perdeu a sua cultura, seus valores, porque começou a drogar el povo colombiano, coisa que as FARC não faziam, as FARC começaram *sembrando* e tirando para o exterior as drogas, certo? Mas quem consumia droga dentro da Colômbia, morria, não era permitido, se você cultivava, processava, mas você não podia consumir, porque você morria. O que aconteceu com Pablo Escobar? Pablo Escobar fez todo *lo* contrário. Ele drogou para poder manipular as pessoas, uma pessoa já drogada, uma pessoa que já estava sob o efeito da coca, essas coisas, que têm poder e arma olhe, *casi* drogaram *las* crianças de lãs escolas, de las fazendas [...], ele conseguiu que os indígenas consumissem, então foi assim que ele conseguiu com o dinheiro, era um narcotraficante muito conhecido, comprou toda a cidade, comprou todo o departamento dele, e deu droga para todo mundo, todo mundo ficou louco, todo mundo era sicário, apareceu a palavra sicário e apareceram os paramilitares, ou seja, foi uma Babilônia dentro do meu país, sabes, não em todo em toda Colômbia, mas na parte baixa da Colômbia, vivemos uma guerra de muitos anos, que o Estado nunca tomou conta, que o Estado nunca apareceu, nunca, porque o Estado era tão fraco, que quando ele chegava, sumia e voltava vinte dias depois, nunca, nunca...

Chegou Pablo Escobar e os paramilitares juntos, era uma coisa louca, mas era uma coisa, e quando chegaram os paramilitares, eles chegavam fazendo *crímenes* muito mais sangrentos e loucos e muito mais desumanos que todo, porque eles queriam infundir medo e poder ante o povo colombiano, eles queriam que o povo tivesse medo deles, não da FARC, ele recrutava, ele matava, ele se metia, mas havia certas coisas que as FARC permitiam. Quando chegaram os paramilitares, eles decapitavam, mutilavam as pessoas, [...]

Esses homens foram patrocinados duas vezes por um presidente que [...], esse presidente que temos, ele queria a paz, conseguiu, porque ele queria um troféu pessoal [...]. [...] perdoou todos os assassinatos de que são 54, 55, 60 anos que são [...], falaria mentira. Eu vi desaparecer povoados inteiros, que todo mundo morria, eu via [...] que todo mundo foi massacrado, eu vi como os paramilitares que estavam na capital e [...].

Agora o governo trouxe as guerrilhas, perdoou todos crimes de 50, 60 anos, todas aquelas mulheres inocentes que morreram, violadas, assassinadas, *delante* de seus filhos, de suas mães, de seus pais, tudo ficou sem punição, ninguém fez nada porque estão perdoados. Você acredita que isso é justo?

Não consigo olhar para meu país e não me sentir queimando por dentro, eu não consigo ficar porque como é possível que eu vi las massacres, *que yo soy testigo no por la televisión o por la prensa*, por jornal, eu não vi essas coisas, eu me criei em um lugar que o Estado nunca fez nada nunca fez nada, [...] como você se salva, como você abre a porta e não sabe quem era, uma coisa [...] eu acordei com uma arma, muitas vezes, eu pedi um tiro de graça quando estava na fazenda, lá eu passava tantas necessidades, fome, não podia nem tomar banho, nem sair de meu quarto, uma coisa horrível. Dois, três meses sem comer uma comida decente, comendo solo que me *permitían* de vez em quando, morrendo de fome, *acostando* com fome, acordando com fome, não, eu não perdô [...].

Eu fico com muitas saudades, com muita nostalgia do meus país, da minha cultura, eu sou orgulhosa da minha raça, da minha cultura. Eu não consigo ver como um ser humano, um país inteiro viveu tanta coisa ao vivo, como não existimos para ninguém.

Eu acredito hoje em dia que eu tenho uma família super linda, super forte [...] Meus filhos estão quase todos aqui, só tenho uma filha na Colômbia, minha mãe veio para cá há , mas ela já morreu hace onze meses, meu pai morreu hace *muchos años* que morreu, fora isso fico com uma filha maior e tantas esperanças, eu tenho tanto a agradecer ao Brasil, sabe, mesmo que nesse momento o Brasil esteja não esteja passando por uma situação muito boa. Eu comecei minha vida tranqüila, cheguei cheia de valores, com vontade de continuar minha vida, sem bem que para meus filhos eu consigo que tenham uma vida mais tranqüila. Cheguei em fevereiro de 2012, nessa época foi mais tranqüilo para mim porque não tinha tantas pessoas chegando. [...] Eu tinha suporte para mostrar minha condição que já era deslocada em meu país legalmente. Eu trouxe documentação para cá e mostrei e obviamente eles vêm, verificam e vêm que eu estava sendo sincera realmente. Eu tenho permanência, mas como refugiadas, porque eu não me casei com brasileiro.

Pergunta – Como era ser mulher na Colômbia e como é ser mulher hoje?

Nelly – Ser mulher na Colômbia na época era um pouco de preconceito, mulher não consegue pegar uma arma, a mulher, nessa época era assim, não consegue fazer uma vida sozinha, aquelas coisas, uma mulher não consegue fumar, mulher não pode fazer essas coisas, [...], mas também a mulher por todas experiências que passa, eu acredito que a mulher colombiana, é muito mais liberada do que a brasileira, muito mais livre e capacitada para afrontar a vida como uma mulher sozinha, a mulher colombiana hoje em dia consegue, muito mais liberada, muito mais livre e capacitada para afrontar e ter uma vida sozinha e sacar os filhos sozinha lá na frente. Eu vejo mulher colombiana muito forte na nossa cultura, sabe? Muito decidida, muito capaz, também dever ser aquela coisa, pode ser aquela coisa, aquela luta de querer, fortalecendo. Eu me vejo como uma mulher lutadora, como uma mulher capaz, como uma mulher guerreira.

Pergunta – Como você se sente nessa feira?

Nelly – É uma coisa muito emocionante, eu nunca acreditei, porque nunca vivi nessa situação no meu país, mas para mim virou uma coisa de paixão, sabes? Com as mãos quentes, estou falando de cultura, de sabor, falando de tudo. Um dia super [...] com muita responsabilidade, com muita coisa para fazer, mas para mim isso, são os dias mais bonitos que consigo passar dentro de todo mês, dentro de todo dia de mês para mim, esse aqui não tenho dor, não tenho tristeza, não tenho pânico, aqui não tenho fobias, aqui não tenho depressão. Aqui eu sou simplesmente Nelly, Nelly falando de comida e da beleza dos sabores do meu país.[...], é uma coisa que me apaixona e que me deixa livre de todas essas cargas emocionais, porque trago muitas cargas emocionais, tomo medicação para dormir, tomo medicação para pânico, para todo tomo medicação. É tenho dias que não consigo sair de casa, mas mesmo assim eu vou em frente, [...] eu não consigo ficar em casa chorando, lamentando, eu tenho que dar exemplo ainda, eu tenho filhos, tenho netos, estão aí, eu quero ser sempre os exemplos para eles. Eu quero que eles saibam que mesmo sendo estrangeiros, nós somos capazes como qualquer outro brasileiro, eu sempre falo assim: eu fui abençoada quando escolhi o Brasil, na hora, no momento, mas também nesse momento, me sinto que sou daqui, mas quanto falo, [...] eu não sou carioca.

## ANEXO D – MARIA ELIAS

Entrevista de Maria Elias concedida em 04 de abril de 2018.

Entrevistador: Maria, sua família é de libaneses?

Maria Elias: Eu sou filha de libaneses, nasci na Venezuela, somos nove irmãos, sete nasceram no Líbano e dois na Venezuela, nasci na Venezuela, eu sou a menor da família. [...] A minha família tinha fazenda, trigo, legumes, esse negócio para venda [...], então uma crise de comida no Líbano, então o governo começou a pegar parte das colheitas das pessoas, do trigo, dos legumes, meu pai tinha sete filhos e a mulher, pensou que não era justo, dar um futuro melhor para os filhos, então ele pensou, o meu tio também, cada um com sete filhos também, pensaram cada um em ir para um país, meu pai pensou na Venezuela porque tinha amigos na Venezuela meu tio tinha amigos aqui também, meu tio foi logo para Brasil, meu pai foi para Venezuela. Então cada um vai para um país, o que está melhor, o outro vai lá para ficar junto, meu pai adorou Venezuela, meu tio adorou o Brasil, então ficaram, meu tio aqui e meu pai na Venezuela. [inaudível] ele não pediu refúgio como tal [inaudível], mas para melhora para família. Meu pai saiu do Líbano nos anos de 1953, 1954, ele saiu do Líbano. No Líbano próprio não tinha guerra, [inaudível]. O Líbano, falavam que era a Suíça do Meio Oriente, agora está voltando a ser, eu tenho uma irmã lá agora e ela diz que na temporada alta tem muitas pessoas da Arábia Saudita, pessoas com dinheiro, que eles vão passar lá no Líbano uma temporada completa, três, quatro meses. [...] Outros tios foram para África, é mais, acho que dois foram para África, meu tio para cá para Brasil, meu pai para Venezuela.

Nós viemos para cá em 2014, na Copa do Mundo, nós ficamos quarenta dias, [...]. O jeito do brasileiro é muito parecido com a Venezuela há uns trinta e cinco anos, mais ou menos, a amabilidade, os valores, o desejo de ajudar as pessoas [...]. Também tínhamos a opção de ir para o Líbano, mas era completamente diferente, de repente o menor pega (seu filho mais novo) o idioma, mas o maior que tinha 16 anos quando saímos de lá, então para começar uma língua, vai ser muito mais difícil para ele do que para o menor, então decidimos o Brasil porque era a melhor opção.

[...] A Venezuela era completamente diferente, como todo país, sempre teve insegurança, mas dava para sair, dava para você, pelo menos dava para ficar dois ou três horas da manhã, pelo menos você voltava, já a partir do ano, quando Hugo Chávez começou [...], mas já em 2007, 2008 e 2009, já começou, as pessoas começavam é, o próprio governo, e ele começou a falar, você sabe que tem muito migrante lá na Venezuela, muito, libaneses,

chineses, portugueses, então, [...], o governo era contra o comércio, mas não contra o comércio que produzia, contra as lojas, [...]. Então se você compra isso com quatro dólares, você leva para bolívar, então vai ser mais caro, então [...] Então ele começou assim, lojas, coisa elétricas, geladeira, televisão

Tem que vender com 50% menos de desconto, as pessoas corriam [...]. Se algum estrangeiro falava alguma coisa, o governo falava: ah, se você não gosta [...] E falava para imigrantes [...] depois começaram a faltar comida, [...] Uma vez, eu lembro, chegou café aqui, chegou farinha de milho, margarina, detergente para tomar banho, as pessoas não sabiam o que fazer, começou fila. [...] As pessoas se acostumbraram a fazer fila, [...]. A pessoa sai de sua casa de manhã para fazer fila, não sabia que [...] A pessoa saía para fazer fila porque tinha que comprar alguma coisa [...]. Às vezes era um açougue, a carne tem um preço, [...], compra, uma pessoa revende e tem que comprar, vender de acordo com o que ele está comprando [...] ganância, para pagar aluguel, [...] de repente [...] Maria onde você compra carne estava a 600 bolívares, passou para 240, vem para comprar, estava vendendo dois quilos por pessoa, ele não, [...] ele é meu amigo, eu também sou comerciante. [...] Nossa, [...] minha empregada falou: Maria vem, 240 o quilo de carne, e eu falei que não e ele falou: Maria, se são meus clientes eu não fico zangado, você compra 240, no dia seguinte você vai pagar para mim 600 [...], e assim foi com tudo, [...] quanto vale um [...] de medicina para pressão. Nós saímos de lá em 2015. Meu irmão falava: não vai Maria, morávamos juntos, nunca se casou e morava conosco, [...] durou como três meses, no, no, eu tentei, [...]. Primeiro de tudo, em 2015 chegamos aqui, duas semanas depois, ele falou para mim: Maria, você fez bem dois meses só. [...] Todo dia, tudo mais caro, mais caro, fila para comprar pão, fila para comprar tomate, fila para comprar carne agora [...], desde 2007 e 2008, começou isso [...] O que aconteceu? Muitas lojas fecharam, Venezuela tinha muito chinês, chinês trabalha pra caramba, ele gera emprego, gera muito emprego. Quando os primeiros chineses começaram a sair do [...] eu falei para meu marido: se os chineses estão saindo é porque isso aqui não está bom, fechou uma primeira loja, não fechou, estava pagando aluguel, foi para China, outro chinês quase me frente, fechou loja [...], eu fiz o visto americano, fechou a loja, mas ficou pagando aluguel. Os mercados de antes que estavam [...] de chinês, foram embora, [...] eles pelo menos, [...] farinha de milho, detergente, sabonete, [...], tinha açougue, tinha para vender verduras, legumes, esse alugava para outro chinês, a carne e os legumes, eram três famílias chinesas em um mercado grandão, tipo Extra. Quando chegou a mercadoria, [...], arroz, margarina, ninguém pode comprar nada, então, outro que vendia legume, ficava parado, a fila ficava lotada, e falei com o chinês, não

vou comprar [...], só vou comprar carne para o almoço [...]. As vezes as pessoas que viam a mercadoria, começavam a brigar e eu nem passava por aí, porque [...].

Hugo Chávez era muito carismático, sabe? Muito, Maduro, não. Então, sabes, nós não participamos de nenhum partido político, se não acordamos todo dia para trabalhar, ninguém vai dar nada e não esperamos nada de ninguém, [...]mas Hugo Chaves fazia em *cadena* e [...], você podia ficar escutando ele tranquilamente porque ele tinha um carisma, a forma de falar e tudo isso chamava atenção, é um mito. Maduro não tem esse carisma que Chávez tem, você ouve Maduro cinco minutos e já desliga a televisão. Mas Chávez era muito, muito carismático.

Entrevistador: Quem era o Hugo Chávez, na realidade?

Maria: Se você vê quando ele saiu da *cárcel*, ele saiu da cadeia, ele começou por ter sido um político, esse negócio, você vê a entrevista dele quando ele falava, ele queria fazer o que ele pensava [...] Que todo mundo estive igual, era um cambio, as pessoas pensavam que ia ser diferente, você quer colocar igual, o ideal seria que quem está aqui embaixo, ficasse aqui em cima, não é? E, o que ele fez? Ele queria que quem estava aqui no meio. Porque o que tem de dinheiro lá na Venezuela, aconteça o que aconteça tem dinheiro, [...]. Porque quem está me baixo não vai passar, mas quem está no meio, que é a classe produtiva, a que gera emprego, paga imposto, faz tudo isso, ele acabou com isso. Ele começou com esse diálogo, igualar o social e ele aos poucos foi trocando, eu vi a entrevista dele quando estava [...], política, esse negócio, depois. Ele queria acabar com o PDVSA, o núcleo produtivo do petróleo na Venezuela, ele [...] foi em *cadena nacional* falando aos televisores os nomes das pessoas, num paro nacional, ele ficou Maria Elias foora, era um show, e as pessoas ehhe fora. José *Joaquín* fora, Marta fora, era um show incrível, mas o que ele fez? As pessoas preparadas que podem trabalhar em qualquer parte do mundo, ele acabou com ela. Quem, agora, vai trabalhar na PDVSA? Pessoas afeitas a ele, que não têm conhecimento, não tem como fazer para seguir em frente com essa empresa. Você tem uma fazenda, tem suíno, tem boi, tem de tudo [...], no, você tem que vender para mim e eu vou gerenciar ela para [...], mas você fala: ‘eu não quero vender’, mas você tem que vender, se você não vender um preço, eu vou [...], expropriação, [...] Tem uma produtora de leite [...], eu vou comprar, mas quem vai vender? Você me dá o preço, se não eu acabo com. E isso foi acontecendo.

Ele tinha uma empresa de televisión que deu muito apoio a ele tinha também uma [...] privada que deu muito apoio pra ele, teve muito apoio do governo, uma que tinha, a primeira televisão da Venezuela era a RCTV, e a todo momento ainda lembro [...] Todos os artistas ficaram ali até que desligaram todos os transformadores, [...] muitos artistas saíram para Miami,

periodistas ficaram pela internet, [...] Fez mil e uma coisas, os donos foram embora, venderam para outras pessoas, então é o que o governo quer, e tem outra, a TELEVEN, porque, para falar que tem democracia na Venezuela, porque isso acontece, o governo você faz o que ele quer, ou vai embora ou vai preso, o Maduro ainda é pior, porque o Maduro não tem a capacidade para ser presidente, [...]e todos os poderes estão na sua mão, Procuradoria, todo, notícia, a Assembléia Nacional também, [...] ele falou que não faz o que quer que é a maioria do governo [...].

Entrevistador: E as universidades?

Maria: Na Venezuela tem grupos de resistência, é quando, são todos pessoas jovens, ano passado, foi nessa época, [...] o momento em que a juventude saiu na rua, mas [...], então você como mãe, [...] quando você vê que o filho da vizinha morreu por culpa disso, o outro amigo dele morreu ou está em cima de uma cama, você fica com medo. Eles saíram na rua, mas ninguém apoiou eles, [...]Caracas[...], mas ninguém apóia eles, [...]. Tem, mas, eles procuram, apoio do político, mas eles falam que o governo tem que cair então vai legalmente, constitucionalmente, mas não vai acontecer. A Constituição [...] seja pra ele, então eu sou do governo, [...] Maduro não pode ser presidente [...]. Maduro tem que ser presidente, a constituição fala que não é legal, eles falam que é legal.

Entrevistador: O que você sente falta da Venezuela?

Maria: Da família, com certeza da família, porque dos amigos, não tenho muito amigo lá, tem os venezuelanos, libaneses, chineses, os que vendem legumes na rua. Fechava a minha loja cinco e meia e ia para o mercado comprar, o que vende de legumes na rua falava :’Maria compra isso’, ‘não tenho dinheiro’, ‘mas amanhã você paga’, ficava como chineses um pouquinho, de pois ficava com outro, então é assim, as amizades, os costumes, toda a família, cada vez que falo com eles, com meu irmão maior, duas ou três vezes, às vezes fala que está bem, que está trabalhando, mas às não consigo mandar medicina, é tantas coisas está cara, às vezes é difícil mandar dinheiro, mas [...].

Entrevistador: Vocês estão aqui em que situação?

Maria; temos protocolo de refúgio, depois vamos fazer a entrevista com o CONARE para dar o refúgio, mas agora com a nova lei, se o refugiado perder a condição de refugiado pode optar pela [...], mas temos um problema, quando nós viemos para cá, ele tinha sete anos e um passaporte de seis anos. Temos passaporte de nós dois, venceu em março de 2017 e já venceu faz um ano, e não posso renovar, porque o site, eles têm as opções, é, niños menores e maiores, menores de siete años, sim, e certidão de identidade, é maior de siete años com certidão de identidade, [...] então não podemos fazer essa troca, [...] e ele não tem esse

passaporte [...], ele não pode fazer renovação do passaporte porque não tem certidão. Então temos que esperar [...], então estamos ainda esperando o que fazem na Cáritas, os advogados. [...] Vamos na Igreja *San Nicolau*, minha família é ortodoxa [...] Na Venezuela não tinha igreja ortodoxa, tinha um padre que pediu [...] para fazer uma missa que no Líbano fazem à meia noite, a missa de que [...] as pessoas entram na igreja, mas aqui eu não sei se vão fazer aqui, é uma missão muito bonita.

Entrevistador: Como foi o início da sua participação no evento *Chega Junto na Christ Church*?

Maria: Quando nós *vinimos* para cá nunca pensamos em trabalhar com feira gastronômica, nossa ideia era vender comida libanesa por encomenda, nós *vinimos* em 2014 e não vimos ninguém vendendo comida árabe, quando nós *vinimos* em 2015, nossa, em cada esquina, muita, *tenia* muito sírio vendendo, agora eu disse ‘Nossa senhora, o que eu vamos fazer?’ Um preço super barato, então nós temos duas opções: fazer e vender na rua, mas é um trabalho muito cansativo, é, e dava pouca *ganancia*, [...] porque estraga, né? Ou trabalhar um pouco mais e oferecemos a comida síria, a comida libanesa, então começamos a entregar [...], começamos pra lá e pra cá, então, ficamos quase sem dinheiro. Conhecemos na Cáritas um moço que trabalhava nos Direitos Humanos da Prefeitura, Hugo Gouveia, da Cáritas, [...], meu marido tava começando a fazer um curso de português, na Cruz Vermelha por meio dele, então ficou essa amizade. Hugo, estamos ficando com pouco dinheiro, muitos negócios deu errado, ele falou para Diogo da Cáritas que tinha uma parceria com Junta Local, um projeto o *Chega Junto*, porque a cada um certo tempo, um refugiado, o *Chega Junto* que tá na Junta Local, a gente não paga nada, falamos com Diogo e com a moça da comida, somos da Venezuela e libanês e ele mesmo respondeu ‘se vocês são da Venezuela, como está fazendo comida libanesa? Não conhecemos ele, agora somos amigos de coração, esse cara é chato, se não somos chineses não podemos fazer pizza? Nós somos comida libanesa, porque eu sou descendente de libaneses, demos uma amostra a ele [...] que foi uma [...] o Início do *Chega Junto* é um môo que se llama Ivan [...], ele é filho de sírios, e uma prima dele mudou para cá e passou um tempo aqui e voltou para a Síria, começou o conflito em Síria, esse negócio e eles perderam o contato, [...] você é amiga de Diogo e amiga de Tiago de Junta Loca, porque vocês não fazem alguma coisa porque tá vindo muitos refugiados sírios, tá llegendando de lá e foi e *Chega Junto* falou com Tiago, com Diogo e [...], então esse dia conhecemos Luciara, [...] então nossa primeira Feira do *Chega Junto* foi 16 de abril de 2017, nós nem pensávamos, deve ser cansativo pra caramba, mas na primeira Feira *Chega Junto* adorei, as pessoas, [...] então gostei, conhecemos Ivan, ele e Luciana, o que podemos fazer para melhorar junto naquela

época era uma vez, cada refugiado era de três meses, não era fixo [...] na Christ Church para que seja uma feira mensal, nossa como Luciara me falou, fiquei muito contente, [...], nunca pensei na verdade que fosse uma família, estar com Ana Elise, com Latifa [...].

## ANEXO E – ENTREVISTA ROBERT MONTINARD

Entrevista de Robert Montinard concedida dia 16 de dezembro de 2018.

Bob: Meu nome é Robert Montinard, conhecido como Bob, sou haitiano, venho no Brasil desde 2010, depois do terremoto, minha experiência como migrante aqui é bem geral porque eu passei, peguei por todo estatuto que um migrante passaria. Fui solicitar refúgio, não deu, você já está regular, foi ameaçada minha família, minha esposa foi deportada. Então, desde 2010 até hoje tudo que construiu como lei ou direito de migração a gente contribuía sem querer, só para resolver nossos casos. Então hoje eu sou o fundador da Mawon, Mawon que é um negócio social mesmo, podemos falar assim porque é ONG, mas é empresa também, é um negócio que oferece serviço, a gente vende serviço também.

Entrevistador: Quais serviços que vocês vendem?

Bob: Serviço que a gente vende: prestar um serviço de migração seguro e legal, porque, hoje, falar de migração não é só falar dos países afro, país caribenho, que vem como migrante vulnerável, não, tem migrante que tem como pagar, tem o migrante que está na cidade que está procurando resolver, que tá irregular igual um haitiano, igual um colombiano, igual um venezuelano, então essa galera que todo mundo chama gringo, que chama estrangeiros que vêm da Europa, que vem de outros países, a mesma coisa que a gente faz a um haitiano, a um venezuelano de graça como ONG, a gente cobra para esse tipo de serviço, na questão de documentos mesmo (inaudível), e é um serviço que a gente fez com uma abordagem cultural, onde que a gente fala a língua de todo mundo, de qualquer país de onde vem essas pessoas a gente fala a língua, e a gente não é um serviço como um despachante, é um serviço de analisar o processo de vida da pessoa e acompanhar o projeto. Qual é o seu projeto de vida? É estudar no Brasil? Então, você precisa isso, você precisa isso, você precisa isso. Se você quer empreender no Brasil, é um outro tipo de procedimento. Se você quer um visto para trabalhar, então a gente desenvolveu esse modelo de negócio, há quase seis meses atrás, que está novo modelo de negócio que a gente tá querendo desenvolver e para quebrar um pouco daquele estereótipo, falando tipo: ah imigrante é coitado, imigrante é quebrado, não tem como. Como não tem?

Hoje tem refugiado que tem filho que nasceu no Brasil, que quer ser brasileiro agora, mas se um refugiado quer ser brasileiro a gente cobra. Se quer tirar um passaporte brasileiro, você não está mais vulnerável, já está trabalhando, já está com outro estatuto, então tem um monte de coisa pra gente botar na frente pra mostrar. Olha: a migração não é uma coisa de

tristeza, coitado, é um projeto de vida, a pessoa tá feliz, é uma coisa de felicidade, você que está, uma coisa de concretizar um sonho, que é sair de um lugar e ir para outro, onde você quer viver, então essa é a parte de negócio, mas tem vários tipos de negócio, tipo a gente tá trabalhando para vender serviço de cultura, tipo show, a gente vende show, vende oficina de percussão, a gente trabalha tipo, um senegalês que vem para o Brasil agora. (Inaudível) como algumas palavras que a gente não gosta, como acolher, acolher é como aterrar a pessoas, não precisa acolher ninguém, a pessoa vem com o projeto dele, dá uma orientação, dá documento pra ele, um senegalês que não fala português, que não tem carteira de trabalho, mas tá ganhando dinheiro, porque sabe *djembe*, porque sabe tocar música, o venezuelano tá vendendo comida na feira, tá ganhando a vida deles, então não precisa colocar eles no abrigo, no lugar seguro, colocar no carro, faz um monte de política coma vida das pessoas e a pessoa tá com um monte de projeto de vida, ele quer se virar, ele não quer ficar na mão da imprensa, entrevista pra cá, isso acaba com a dignidade das pessoas, então a gente tá promovendo esse valor, não só como migração, as pessoas vêm com talento.

Com cultura dá pra vender tudo, entendeu? Música, gastronomia, tem um monte de coisa que a gente conseguiu provar (inaudível). Não é aquela pessoa que vem, que tá triste, não (inaudível), seguir a vida dele, igual a brasileiro, a qualquer pessoa. Então, Mawon existe há um ano, a gente tava trabalhando desde 2010 na migração, mas há um ano criamos a Mawon que simboliza a mistura, é marrom mesmo, é mistura, é mudança, é tipo mobilidade, é sair de um lugar para outro, é fuga, é migração. *Então, hoje o que a gente oferece é um espaço cultural* (grifo meu). Hoje mesmo a gente tá fazendo um torneio de futebol, quatro países, quatro times, todo mundo se sente em casa, jogar bola não tem língua, não tem país, ninguém se sente excluído, são as atividades que a gente tá promovendo.

Preconceito tipo (inaudível) tem. A gente não tá promovendo preconceito contra imigrante, tipo (inaudível), tem preconceito com brasileiro também. Então será que a gente vai ficar olhando? Ah, imigrante tá passando perrengue, é normal, quantos brasileiros tá passando perrengue, não conseguiu comer, não conseguiu pagar aluguel, não conseguiu, então a gente tá unto na correria com quase 80¢ do brasileiro que tá nessa correria, tem sempre lutando para salvar, manter a vida deles, então a gente não se considera como categoria separada, que precisa de um cuidado separado. Cuidar, já ouvi até pessoa falar de cuidar de imigrante, refugiado. (...). Precisa mudar um pouco esse tipo de pensamento, de conversa, entendeu? Porque é um pouco, entendeu? É um pouco, meio, desconfiável.

Entrevistador: Vocês têm o projeto do Mawon, mas como surgiu o projeto Chega Junto?

Bob: A gente tava buscando alternativa para valorizar um pouco da nossa cultura, a gastronomia foi a primeira coisa que a gente identificou como uma coisa que todo mundo vai comer, todo mundo tá com fome. Então Chega Junto, a gente está nesse projeto desde 2015 e 2016, tá promovendo essa feira, feira que tá promovendo comida de todos os países do mundo, que sempre faz sucesso, que traz diferentes produtos de diferentes países. Lá é um espaço que a gente conseguiu para fazer a feira de comida. Lá é um lugar bem legal, é igreja, mas é um lugar que tem tudo, tem água, banheiro, conforto, tem segurança pra gente, porque se a gente tá num lugar, estrangeiros não seguros, se não, não passa confiança. É uma parceria, também, com a igreja e a gente desenvolveu. E hoje a Chega Junto virou um ONG mesmo, que tá ficando, assumindo cada vez mais o papel da integração dos refugiados ali na cidade, através da gastronomia. [inaudível]. É como um espaço de desenvolvimento mesmo.